

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

"A COMUNICAÇÃO CORPORAL NA PRÉ-ESCOLA:
CAMINHOS E DESCAMINHOS"

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

"A COMUNICAÇÃO CORPORAL NA PRÉ-ESCOLA:
CAMINHOS E DESCAMINHOS"

Dissertação apresentada como
exigência final para
obtenção do título de MESTRE
EM EDUCAÇÃO FÍSICA da
Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

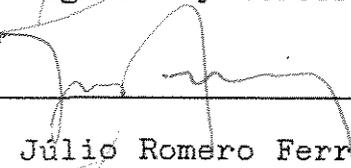
CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

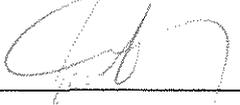
COMISSAO JULGADORA



Prof. Dr. Wagner Wey Moreira



Prof. Dr. Júlio Romero Ferreira

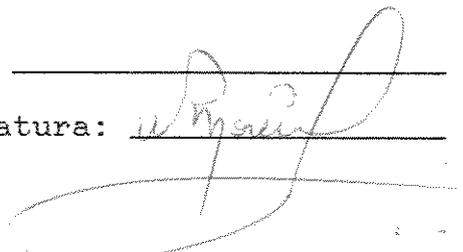


Prof. Dr. João Batista Freire da Silva

"A COMUNICAÇÃO CORPORAL NA PRÉ-ESCOLA:
CAMINHOS E DESCAMINHOS"

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida por ELINE TEREZA
ROZANTE PORTO e aprovada pela
comissão julgadora em 08 de
fevereiro de 1994.

Data: _____

Assinatura:  _____

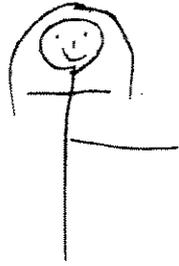
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPINAS - SÃO PAULO

1994

AGRADECIMENTOS



WAGNER W. MOREIRA

TANIA E LÍDIA



YARA

JOSÉ PEREIRA

CRISTINA



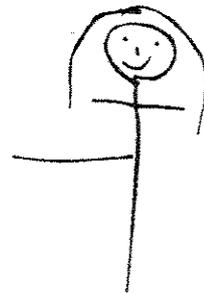
IVAN PORTO



MEUS PAIS

PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA FEF

MINHAS ALUNAS



SUMARIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I:	
CORPO: SER E DIZER	8
Capítulo II:	
O CORPO NAS RELAÇÕES DO MUNDO ESCOLA.	19
Capítulo III:	
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA EXISTE?	34
Capítulo IV:	
O CAMINHO PERCORRIDO: A PESQUISA.	47
1. Estrutura Metodológica.	49
2. Procedimentos Metodológicos.	51
3. Universo da Pesquisa.	55
Capítulo V:	
A PESQUISA E SEUS PASSOS.	59
1. Sujeito 1.	
1.1. Características Gerais.	59
1.2. Descrição.	60
1.3. Unidades de Significado.	77
1.4. Análise Ideográfica.	85

2. Sujeito 2.	
2.1. Características Gerais.	87
2.2. Descrição.	88
2.3. Unidades de Significado.	107
2.4. Análise Ideográfica.	115
3. Sujeito 3.	
3.1. Características Gerais.	117
3.2. Descrição.	118
3.3. Unidades de Significado.	132
3.4. Análise Ideográfica.	139
4. Sujeito 4.	
4.1. Características Gerais.	141
4.2. Descrição.	141
4.3. Unidades de Significado.	156
4.4. Análise Ideográfica.	164
Capítulo VI:	
CONSTRUÇÃO DE RESULTADOS.	166
1. Matriz Nomotética: os agrupamentos.	167
2. Análise Nomotética.	168
2.1. O corpo e sua fala.	168
2.2. As relações intersubjetivas.	172
2.3. O processo educativo e a ludicidade.	175
2.4. Aspectos motivacionais nas atividades físicas.	179
A EXPRESSÃO DOS PENSAMENTOS DIZ... (CONCLUSÕES).	184
BIBLIOGRAFIA.	190

RESUMO

O foco central deste estudo é desvelar se as mensagens corporais transmitidas pelos alunos da pré-escola, durante as atividades físicas, são percebidas e interpretadas pelo professor. A revisão de literatura está centrada nas discussões sobre o corpo e a sua potencialidade de comunicação nas relações com o mundo; a criança se relacionando com o professor, com as outras crianças e com o ambiente pré-escolar; e também, alguns aspectos sobre a situação da pré-escola, nos dias de hoje, onde a Educação Física faz parte desse contexto. A pesquisa é de ordem qualitativa, sob a abordagem fenomenológica, onde o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a observação descritiva, em quatro escolas da Rede Oficial de Ensino de Campinas, em classes de alunos pré-escolares. Os resultados analisados através das análises ideográfica e nomotética, possibilitaram a compreensão do fenômeno investigado, revelando maior convergência para os aspectos que envolvem, diretamente, a didática do professor interferindo no processo ensino-aprendizagem. São eles: o corpo e sua fala; as relações intersubjetivas; o processo educativo e a ludicidade; e os aspectos motivacionais nas atividades físicas.

ABSTRACT

The main point of this research is to find out if the corporal messages transmitted by the kindergarten children, during their physical activities, are noticed and interpreted by the teacher. The literature revision is centralized in the discussions about the body and its communication potenciality in its relationship with the world: the relationship between the child and the teacher, the child with the other children and, the child and the kindergarten environment. It is also taken in consideration some aspects about the kindergarten situation nowadays where Physical Education is a part of this activities. The research is qualificative, under a phenomenological approach, where the instrumental used for the data assessment was the descriptive observation, in four different schools of the Official School Network of Campinas, in kindergarten classes. The analysis of the results through the ideographical and nomotetical theories allows the comprehension of the phenomenon investigated, showing a higher convergence of the aspects directly involving, the teacher didactic interfering on the teaching - learning process. They are: the body and its speech; the intersubjective relations, the educational process and its ludicousness; and the motivational aspects in the physical activities.

INTRODUÇÃO

As reflexões e o desenvolvimento de um trabalho sobre a comunicação corporal no campo da Educação Física tornou-se um grande desafio para nós, porém enfrentado com muito prazer.

Ao longo de nossa trajetória pela vida, aprendemos muito sobre o movimento. A experiência que vivenciamos com a dança levou-nos a adquirir um conhecimento aguçado e sensível do nosso corpo.

Durante o longo tempo que vivemos a dança, fomos capazes de sentir o corpo em inúmeras situações diferenciadas, as quais nos permitiam uma troca de relações com o ambiente, com outros corpos e com objetos. Nesse trilhar, de uma forma geral, não podíamos deixar de comentar sobre a potencialidade que a dança possui para transmitir mensagens corporais pelos movimentos e expressões.

Pudemos sentir e expressar desde os movimentos mais espontâneos até os mais mecânicos, como o executar técnico e elaborado de um gesto. Espontâneo no sentido de ser natural, voluntário e ter livre vontade (1). Ou, como diz Arantes, o surgimento de uma resposta às mais diversificadas situações, permitindo ao homem adaptar-se adequadamente ao seu dia-a-dia (2).

Com isso, descobrimos que somos corpo e podemos sentir as vibrações no contato com o mundo quando falamos, ouvimos, tocamos e vemos tudo o que nos rodeia.

Essa percepção corporal foi se acentuando à medida que nossa atividade profissional se voltou integralmente para o trabalho

corporal com crianças. Inúmeros questionamentos foram tomando conta da nossa prática, os quais nos conduziram a iniciar a busca da chamada "ciência" da Educação Física.

A graduação e a especialização (Lato Sensu) foram duas etapas fundamentais para o nosso desenvolvimento teórico e crítico. Porém, não deram conta, o suficiente, para responder algumas questões que circulavam entre nós e o nosso mundo de movimentos, onde as crianças já se faziam presentes. Vivendo, efetivamente, com a criança nossa prática pedagógica, foi possível estudarmos, observarmos e percebermos inúmeras e variadas situações que instigou-nos a continuarmos trabalhando e buscando mais conhecimentos sobre a criança e sua existência no mundo. Afirmamos que essa experiência nos trouxe muita satisfação, e foi enriquecedora não só para o exercício profissional, mas também para a nossa vida de relações no mundo.

As preocupações que cercam o mundo infantil são inúmeras; no entanto, quando pensamos na criança-corpo que brinca, pula, corre, chuta, chora, emburra, fala ou se encolhe, visualizamos seus movimentos, muitas vezes, sob a perspectiva única da execução. Isto quer dizer que deixamos de perceber o corpo sujeito que se comunica com o ambiente através de sua intencionalidade e ação, devido as preocupações estarem voltadas para os acertos ou erros durante a execução dos movimentos.

Fica difícil pensarmos num corpo infantil apenas como reprodutor e imitador de ações, devido à liberdade e espontaneidade que este possui. No entanto, arriscamos em dizer que inúmeras pessoas que exercem suas atividades ligadas ao mundo infantil não percebem que o

corpo recebe e transmite informações durante todo o tempo.

Na oportunidade de desenvolvermos um trabalho com alunas do curso de Pedagogia com habilitação em pré-escola, através da disciplina Educação Física e Recreação na Pré-escola, tentamos detectar, informalmente, quais eram as idéias que possuíam em relação ao corpo-criança no contexto pré-escolar e como distinguiam a Educação Física no planejamento curricular.

Ficou claro que eram assuntos relevantes, porém, desconhecidos. O corpo foi enfatizado como um instrumento utilitário para aprender a pensar e reproduzir as informações recebidas.

A concepção sobre a Educação Física estava ligada ao desporto que se desenvolve na escola, permeado por suas características básicas, como por exemplo: o rendimento atrelado ao tipo físico, e um desempenho satisfatório como condição primeira para participação em qualquer atividade física. No entanto, foi explicitada pelas alunas a vontade de vivenciar uma experiência diferente, onde o corpo-movimento é fundamental para a relação do homem com o mundo, e com isso adquirir uma nova concepção sobre a Educação Física.

No transcorrer do tempo e dos encontros, o interesse pela disciplina e o conhecimento e domínio do próprio corpo, foi aumentando e despertando, nas alunas, curiosidades para poderem aprender um pouco mais sobre cada tema abordado. Para nós foi gratificante mostrarmos a elas novas idéias sobre o corpo-criança e desmistificar aquela Educação Física que era mal conceituada, elitista e sem propósito. Mas não paramos por aí.

Novas dúvidas surgiram com relação à Educação Física na pré-escola. Como o nosso trabalho era desenvolvido numa disciplina de um curso universitário, e não conhecíamos de perto a prática efetiva dessa disciplina, optamos em continuar estudando um problema que nos aflige há tempos. Envolvendo o corpo-criança nas relações do mundo escola, indagamos sobre as questões da comunicação corporal durante as atividades físicas.

Nas aulas de Educação Física, a criança é movimento em tudo o que faz, pensa e fala. O seu corpo-presente é ativo em todas as situações e momentos. Ele, o corpo, dialoga todo o tempo com todos que o cercam. Desde uma brincadeira como o "pega-pega", até as formações em roda ou em colunas, podemos notar que o corpo, através dos movimentos, denota sentimentos e emoções.

Se o corpo tem esta capacidade de se comunicar tanto e tão bem, como os professores envolvidos com as atividades corporais dão conta desse fato? Eles percebem a "fala" do corpo? Os diálogos corporais existem, ou a criança é monólogo? Tentamos compreender estas questões no desenrolar deste trabalho de pesquisa.

No capítulo I mostramos quais são as nossas reflexões sobre o corpo, isto é, como vemos e sentimos nosso corpo no mundo chamado vida. Um corpo que é movimento, é expressão, é meio, é veículo de comunicação nos permitindo viver intensamente nossas relações de seres humanos. Um corpo unitário, concebido na tentativa de superar os dualismos históricos existentes, mesmo conscientes de que em nossa fala, em vários momentos, seremos traídos pela concretude de nossa história dualista.

Ou melhor dizendo, nas palavras de Freire: "Mas nossas palavras nos traem. Os discursos em oposição ao dualismo denunciam freqüentemente o dualismo do discursador." (3)

Refletir sobre o ser-criança que se expressa corporalmente de maneira mais livre e espontânea que o ser-adulto, bem como tentar identificar como é a relação desse corpo com o ambiente que a cerca, formaram as preocupações da redação do capítulo II. Através da literatura utilizada, vimos revelar questões importantes e esclarecedoras sobre a criança na idade pré-escolar e seus inter-relacionamentos na escola, durante as atividades físicas.

Após estas discussões sentimos a necessidade de compreender a situação que envolve a educação pré-escolar no Brasil, e como a Educação Física está engajada neste contexto, criando assim o capítulo III.

Com a realização do estudo bibliográfico partimos em busca da pesquisa de campo, definindo no capítulo IV seus pressupostos teóricos referentes à estrutura e procedimentos metodológicos, bem como o universo onde realizamos a pesquisa.

Para o capítulo V reservamos à coleta e interpretação dos dados, que compreendem as observações de todos os sujeitos e suas análises correspondentes.

Num último momento, apresentamos a análise e a matriz nomotética, as quais estão intimamente relacionadas às discussões gerais sobre as análises realizadas no capítulo anterior. E para encerrarmos o nosso estudo pensamos e refletimos sobre os pontos desvelados durante

a pesquisa, que possibilitaram a compreensão do fenômeno. Assim, formou-se a última parte.

Temos a intenção de que este nosso trabalho possa vir a contribuir com a Educação Física na pré-escola, uma área pouco estudada e de fundamental importância para quem pretende trabalhar com crianças pré-escolares.

NOTAS

- (1) FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2a.ed, 19a. impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,1986.
- (2) ARANTES, V.J. Ação psicodramática em sala de aula. Campinas, 1993. Dissertação (mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, p.123.
- (3) FREIRE, J.B. De corpo e alma: o discurso da motricidade. São Paulo, Summus. 1991, p.27-28.

CAPITULO I

CORPO: SER E DIZER . . .

"Também sei fazer conjeturas.
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longinquo.
No homem é a alma que vive com ele e é já ele.
Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
Por isso se diz que os deuses nunca morrem
Por isso os deuses não têm corpo e alma
Mas só corpo e são perfeitos.
O corpo é que lhes é a alma
E tem a consciência na própria carne divina."

(Fernando Pessoa, 1931).

Como é significativo sermos e estarmos presentes no mundo através de nosso corpo. É com ele que somos capazes de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. Ser corpo é explorar nossas potencialidades com vigor para adquirir vida e expressão. Expressão aqui entendida como enunciação do pensamento por meio de gestos ou palavras escritas ou faladas.

A energia de vida que possuímos em nosso dia-a-dia, é revelada pelos mais variados e criativos movimentos que o corpo produz e expressa.

Falar, pensar e sentir o corpo, muitas vezes, deixa-nos embaraçados pelo fato de termos uma visão limitada de que o corpo é

uma completa e " perfeita máquina em funcionamento", composta por ossos, músculos e aparelhos orgânicos que nos proporcionam vida diariamente. E esquecemos do corpo sensível, que, pela consciência, é capaz de ter vontades e decidir sobre o que quer fazer, ou também sentir as emoções que permeiam a vida de todo ser humano. Gaiarsa afirma:

"Corpo é o que eu vejo, no outro ou em mim (no espelho); alma é o que eu sinto, misturado com o que penso, imagino, quero, desejo, temo e mais coisas, todas elas fundamentalmente ligadas e dependentes do corpo." (4)

Pensar no homem como um ser presente no mundo, é refletir sobre o corpo como uma coisa única, interdependente e indivisível que, ao mesmo tempo, é ação e pensamento, é matéria e alma, é exterior e interior, é um conjunto de peças sensíveis que o torna completo (5).

O corpo é vida por estar constantemente em movimento e em comunicação com outros corpos, com objetos e com o ambiente, em todo o tempo e lugar através de variadas formas. Como salienta Merleau-Ponty:

"...não estou diante de meu corpo, estou dentro de meu corpo, ou mais certamente sou meu corpo.(...) Não é ao objeto físico que o corpo deve ser comparado, mas antes à obra de arte. Num quadro, ou num trecho de música, a idéia só pode se comunicar pelo desdobramento das cores." (6)

Estar no espaço, brilhando como uma obra de arte, é permitir que nosso corpo se solte e fale com ele mesmo e com os outros, usando os gestos, as expressões e a palavra, de forma natural.

Ser corpo em diversos momentos é nos delatarmos, é nos mostrarmos transparentes diante de toda e qualquer situação. Com o corpo vivemos intensamente os momentos de alegrias e tristezas que nos cercam a cada instante. Se estamos felizes, nosso corpo sorri por inteiro, brilhando como o sol num dia de céu aberto. Se estamos tristes ele chora, se encolhe como uma folha seca sem água. Se queremos esconder algo, ele nos denuncia sem pedir licença e de forma desprevenida, ou, como diz Sérgio: "Nada de humano se reduz à pura facticidade, porque o homem é um pensamento em ato." (7)

Somos e estamos no mundo nos relacionando com a vida e com outros corpos pela comunicação e linguagem que nosso corpo é e possui. Essa é a nossa existência, onde temos consciência de nós mesmos, no espaço e no tempo, vivendo num mundo que nos propicia encontros e desencontros. Como se expressa Merleau-Ponty:

"Enquanto tenho "órgãos dos sentidos", um "corpo", "funções psíquicas" comparáveis às dos outros homens, cada momento de minha experiência deixa de ser uma totalidade integrada, rigorosamente única, onde os detalhes não existiriam senão em função do conjunto; torno-me o lugar onde se entrecruzam uma multidão de "causalidades." (8)

O corpo ao expressar seu ser sensível torna-se veículo e meio de comunicação com o mundo, onde todas as manifestações desencadeadas levam o homem a desvendar-se por inteiro, revelando-o como um ser-no-mundo.

Encarar o corpo como meio de comunicação e não apenas como objeto, é de fundamental importância para percebermos e sentirmos a presença das pessoas e dos objetos exteriores no mundo vida. O ser corporal e a

existência do homem dar-se-ão a partir da perspectiva estabelecida pelo corpo em relação às coisas pertencentes neste mundo (9). Assim, os contatos mantidos com as pessoas e objetos conduzirão o homem a relações objetivas e a experiências sensíveis para se fazer presente, compreendendo também as mudanças provocadas em nosso ser e no mundo em que somos corpo em movimento.

Falando de contatos e relações humanas, apropriamo-nos das palavras de Santin (10) quando salienta que o homem, através de seus movimentos, expressa suas manifestações da alma, ou seja, seus mais puros sentimentos que envolvem a alegria, o medo, o amor entre outros, descobrindo como o corpo é sensível e possui uma linguagem própria desvelada pelos gestos.

Com a atenção voltada à comunicação do corpo, vemos que é pelos gestos, expressões faciais, posturas e movimentos corporais em geral, que o ser humano inicia sua relação com o mundo vida, a partir do momento que percebe sua presença neste mundo. Devemos, então, encarar e viver nosso corpo como existência, na sua relação comunicativa com outros corpos e ambiente.

Para a comunicação corporal existir, as mensagens emitidas entre as pessoas são interpretadas como informações, as quais poderão ou não gerar um elo de ligação entre elas, provocando ou não a interação. Este sistema comunicativo implica o envolvimento e a intensidade dos sentimentos e sensações que as pessoas possuem em cada situação de relacionamento consigo mesma, com o ambiente e com o outro (11). Bem lembrado por Birdwhistell, in Davis, neste trecho:

"A comunicação, não é como um aparelho emissor e um receptor. É uma negociação entre duas pessoas, um ato criativo. Não se pode medi-la só pelo entendimento preciso daquilo que eu digo, mas também pela contribuição do próximo, pela mudança em nós dois. É quando nós nos comunicamos de verdade, formamos um sistema de interação e reação integrado com harmonia." (12)

A comunicação corporal entre os indivíduos tende a acontecer quando estes têm consciência de seus corpos sensíveis, repletos de vontade e intencionalidade. Portanto, a receptividade e a transmissão de informações através dos movimentos corporais entre os indivíduos acontecem de maneira natural e espontânea, sucedendo-se entre eles um elo de ligação preso pela sensibilidade. Acreditamos que o corpo se expressa contínua e ativamente, sendo desta forma imprescindível entre os seres humanos. Ele, o corpo, fala a todo momento, superando inclusive os preconceitos que possuímos.

A impossibilidade de verbalizarmos todos os pensamentos e emoções, nos conduz a utilizarmos a comunicação corporal como forma de transmitir nossas mensagens e intenções. Os movimentos gestuais, produzidos apenas por partes do corpo, os movimentos posturais, aqueles irradiados pelo corpo todo (13) e as expressões faciais criadas pelas mímicas do rosto, vão ser os códigos usados pelos indivíduos para a revelação de todas as informações desveladas pelo pensamento em ato.

O homem é também considerado como um ser social por ser corpo e viver no espaço e no tempo se comunicando com outros corpos, objetos e ambientes, dentro de um grupo num determinado contexto cultural. Onde os gestos, as posturas e as expressões faciais são criadas, mantidas ou modificadas em função desse meio. Isso significa que os indivíduos

têm uma forma diferenciada de se comunicar corporalmente que se modifica de cultura para cultura. Cultura aqui entendida como "toda intervenção humana sobre o dado natural, modificado de modo a poder ser inserido numa relação social." (14) Ou ainda, na concepção de Blumer "como costume, tradição, norma, valor, regras ou conceitos afins, equivale nitidamente a uma derivação dos atos humanos." (15)

Podemos dizer então, que o corpo ao se manifestar, tanto informalmente para dizer um "OK" quanto formalmente no cumprimento através do aperto de mãos e até a serviço da linguagem verbal, revela diferentes significados que são próprios da cultura onde se situa (16). E o indivíduo, por sua vez, aprende a fazer uso das expressões corporais, de acordo com o ambiente onde se desenvolve como pessoa que se inter-relaciona com o mundo, isto é, como um ser-no-mundo sensível. Assim explicitado nas palavras de Davis:

"O significado da mensagem está sempre inserido num contexto e jamais em algum movimento isolado do corpo. Nunca contaremos com um dicionário digno de confiança, que contenha os gestos inconscientes, porque se deve buscar-lhes o significado sempre e somente dentro de algum contexto." (17)

Quando falamos sobre comunicação corporal, a nossa grande preocupação está voltada à sensibilidade e percepção que desfrutamos para detectarmos e interpretarmos as mensagens que chegam até nós via corpo. O manancial de expressões que detemos individualmente, ou em grupo, nos leva a prestar atenção em nosso corpo e no de nossos semelhantes, propiciando um conhecimento corporal próprio, o qual nos conscientiza da potencialidade de comunicação que fruimos através da linguagem corporal.

E em conseqüência, nos tornamos mais suscetíveis a captar e interpretar as mensagens corporais oriundas das pessoas que estão a nossa volta (18). Isto não quer dizer que todas as nossas relações de comunicação serão perfeitas, sem falhas e sem distorções. No processo comunicativo entre as pessoas, estão sujeitas a aparecerem as distorções e os mal-entendidos, devido às circunstâncias e o contexto que cada indivíduo está envolvido. Denomina-se de ruído esta quebra de informações no transcorrer das inter-relações que o homem vive em seu mundo (19).

Pensamos que estes ruídos podem acontecer em proporções menores se considerarmos as palavras de Merleau-Ponty:

"O sentido dos gestos não é dado mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. A comunicação ou a compreensão dos gestos se obtém pela reciprocidade de minhas intenções e dos gestos do outro, de meus gestos e das intenções legíveis na conduta do outro. Tudo ocorre como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu." (20)

O fato é que o homem, através de seu corpo e movimentos, possui existência, intencionalidade e consciência de seu "eu" para si e para fora, comunicando-se com o mundo. Na visão de Rezende (21), o homem é um ser-ao-mundo e um ser-no-mundo através da sua intencionalidade, ou seja, ele marca sua presença no mundo pela sua existência e pela sua essência. Isso nos revela que o homem em constante relação existencial é inteligência, espírito, liberdade e principalmente corporeidade, onde pertence a um mundo que além de ser matéria, produto, condicionamento, sentido recebido e instituição, é um mundo humano.

Nos dias de hoje, o homem-corpo tem sido olhado pela sociedade sob a perspectiva do "ter" e do "poder", a nível de valorização e normas para a interpretação da totalidade e ou individualidade humana em nossa cultura (22).

Essa perspectiva do "ter" e do "poder" que tem tomado conta da grande maioria dos homens, nos faz refletir. É difícil viver numa sociedade onde o corpo é olhado e valorizado pelo conjunto de órgãos e músculos que possui, em pleno funcionamento, sem a mínima preocupação com o que este corpo pode estar sentindo e percebendo.

Mantemo-nos preocupados por estarmos sabendo, refletindo e fazendo muito pouco pela maioria das pessoas que acreditam neste corpo "forte", "robusto", "cheio de vida", mas vazio de sensibilidade e humanidade. Como é complicado viver, existencialmente, num mundo onde permanecemos quase o tempo todo de mãos atadas, sem, muitas vezes, termos forças e meios para enfrentar esta situação do "ter" e do "poder" em detrimento do ser e do sentir. Com isso, nosso corpo sensível sente-se torturado e incapacitado para mostrar o verdadeiro ser que ele é.

Moreira, num de seus textos, nos revela claramente a idéia do corpo estigmatizado dizendo:

"(...) Corpo ideal manipulável, sem vontade própria, sem abertura ou permissão para as paixões, corpo que passa pela vida mas não vive. (...) Ele é prisioneiro do tempo, do trabalho, do tornar tudo ágil, limpo, sem problemas. O corpo pensado tem uma vida produtiva, ganha títulos e diplomas de honra ao mérito; é reconhecido socialmente e atinge a plenitude do poder." (23)

Entretanto, não devemos deixar que esta situação que tem envolvido grande parte da população nos dias de hoje, tome conta das pessoas de maneira simples e comodista.

Se acreditamos "ser" corpo que está-no-mundo se relacionando com os outros e com o ambiente, se conhecemos e confiamos nesse corpo, então, temos vontade e intencionalidade em nossas ações corporais que, através dos gestos e expressões, o corpo transmite seus pensamentos e emoções com sensibilidade, desvelando o ser sensível que somos.

A existência deve voltar-se à consciência que possuímos como seres humanos sensíveis, e não à inconsciência que nos envolve com um mundo mecânico e insensível, simplificando e racionalizando nosso ser. Este corpo presente em todo o tempo e lugar é que se comunica, se expressa e se inter-relaciona com o mundo vida, como por exemplo um bailarino vivendo a sua dança. Mais precisamente, como Santin se explicita neste trecho:

"Fica completamente descartado o hábito de entender o corpo a partir de elementos que vêm de fora. Essa leitura direta faz-se através da escuta da linguagem corporal. O corpo é falante, mas sua linguagem não deve ser científica, nem gramatical muito menos matemática. Ela é, sem dúvida cifrada, falta o intérprete. A interpretação não se faz pelos padrões oficiais da biologia. Também não pode ser como conjuntos aeróbicos, número de batimentos cardíacos, pressões cardiovasculares ou dispêndios calóricos. Não significa que estes dados devam ser desprezados mas eles podem ser encontrados nos seres vivos. A corporeidade deve ir além, precisa considerar a sensibilidade afetiva, as emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis, o senso estético, (...) a espontaneidade, a criatividade, como a obra de arte." (24)

NOTAS

- (4) GAIARSA, J.A. O que é corpo. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 15.
- (5) MORAIS, R. de Consciência corporal e dimensionamento do futuro, in: MOREIRA, W.W. (Org.) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI, Campinas, Papirus, 1992, p. 79-81.
- (6) MERLEAU - PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1971, p. 161.
- (7) SÉRGIO, M. Para uma epistemologia da motricidade humana. Lisboa, Compendium, 1987, p. 87.
- (8) MERLEAU - PONTY, M. op. cit. p. 96.
- (9) MERLEAU - PONTY, M. op. cit. p. 104.
- (10) SANTIN, S. Educação física: outros caminhos. Porto Alegre, EST, 1990, p. 22.
- (11) MORTENSEN, D. C. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo, Editora Mosaico, 1980, p. 12-13.
- (12) DAVIS, F. A comunicação não-verbal. São Paulo, Summus Editorial, 1979, p. 28.
- (13) DAVIS, F. op. cit. p. 161.
- (14) ECO, U. A estrutura ausente. São Paulo, Editora da USP - Perspectiva, 1972, p. 5.
- (15) BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico, in: MORTENSEN, D. C. (Org) Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo, Ed. Mosaico, 1980, p. 119.
- (16) FAST, J. A linguagem do corpo. São Paulo, Martins Fontes, 1970, p. 22.
- (17) DAVIS, F. op. cit. p. 41.
- (18) DAVIS, F. op. cit. p. 67.
- (19) ECO, U. op. cit. p. 46-53.
- (20) MERLEAU - PONTY, M. op. cit. p. 195.
- (21) REZENDE, A.M. DE. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo, Cortez, 1990, p. 37-38.

- (22) SÉRGIO, M. op. cit. p. 91.
- (23) MOREIRA, W. W. Corpo vivido - corpo pensado: o corpo nas mãos dos profissionais da educação física. Campinas, 22/10/92, s.p. (texto mimeografado).
- (24) SANTIN S. Perspectivas na visão da corporeidade, in: MOREIRA, W. W. (Org.) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992, p. 67-68.

CAPÍTULO II

O CORPO NAS RELAÇÕES DO MUNDO ESCOLA

Refletindo sobre questões do corpo e da comunicação não verbal, foi despertada em nós vontade em analisar e compreender a comunicação corporal existente entre o professor e o aluno de idade pré-escolar durante as atividades físicas, onde o corpo é o principal meio e veículo de comunicação. Diante desta expectativa, salientamos alguns pontos que nortearam o nosso trabalho:

1) o papel do professor na pré-escola.

2) os inter-relacionamentos da criança com o professor, com as outras crianças e com o ambiente.

1) O papel do professor na pré-escola.

Gostaríamos de lembrar Alves (25) quando diz que professor é profissão e educador, é aquele que tem amor para dar a seus educandos e também tem vocação e muita esperança durante o desenrolar do processo educacional. Consideramos que o valor existente na relação do professor e do educador para com os alunos, acontece muitas vezes de forma invisível e imperceptível, mas muito forte e presente em todas as histórias que se desenrolam durante o contato diário existente entre eles.

Quando falamos em professor, principalmente os que trabalham com crianças na faixa etária de 2 a 7 anos, não podemos deixar de considerar alguns fatores que muitas vezes permeiam sua prática.

Num primeiro momento podemos destacar a profissionalização destes professores. Em muitos casos eles não possuem uma formação especializada para atuar nessa área. Normalmente, cursam até o 2o. grau-magistério, o que impede um aprofundamento em conhecimentos específicos relacionados à criança na fase pré-escolar. No que se refere à Educação Física infantil, estes professores dominam muito pouco, pois o embasamento dado a esta disciplina no 2o. grau é pequeno, diante do conteúdo que ela abarca.

Num segundo momento gostaríamos de salientar que, dependendo da estrutura organizacional, social, filosófica e econômica da instituição na qual o professor está engajado, esta pode vir a influenciá-lo não só nas suas atitudes pedagógicas, mas também nas suas reflexões e idéias sobre a educação em geral, tornando-o muitas vezes, descompromissado com o ato educativo.

Um outro fator importante é a ansiedade dos pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos, atribuindo muitas vezes ao professor responsabilidades sobre o nível de desempenho que a criança alcança, sem levar em conta outros aspectos condicionantes.

Entretanto, estes fatores não podem tomar conta da ação do professor durante o processo educativo, isto é, o professor deve ter consciência dos seus limites para poder desempenhar o seu papel de educador. Educador este que deve possuir sensibilidade para perceber e interpretar as mensagens que as crianças transmitem verbal ou corporalmente.

Em todas as circunstâncias, durante as atividades físicas na pré-escola, o contato entre professor e alunos acontece predominantemente

através do corpo, que em movimento expressa suas vontades e seus anseios. Neste contexto, o professor precisa estar atento ao fato de que, além de passar informações e conhecimentos, ele desempenha um papel importante que é o de mediador entre a criança e o ambiente.

Como mediador, o professor irá facilitar as interações e as inter-relações da criança com o meio, da criança com as outras crianças, e da criança com o próprio professor. Este deverá oferecer situações livres para ela ter a chance de ser criativa, crítica e viver sua autonomia, afirma Vayer (26). Isto implica em que o professor se aceite como indivíduo respeitando e aceitando suas capacidades, conhecendo e valorizando suas potencialidades, e principalmente não se esquecendo de que um dia já foi criança.

Com o respaldo de Freire (27), podemos dizer que o educador em atividades físicas evidencia sua afetividade por estar trabalhando com corpos em movimento, pois, no nosso entender, corpos em movimento podem vir a simbolizar sensações de liberdade de pensamento e de expressão. E, no entanto, em muitos casos os educadores não possuem consciência que essa estrutura afetiva, nas atividades cotidianas, pode gerar reações negativas para com os educandos.

Vayer (28) menciona que estes educadores que não percebem e não suportam a relação corpo a corpo com seus educandos, seguem o papel de professor autoritário através da comunicação verbal e corporal gerando na criança uma relação de dependência e bloqueando o seu desenvolvimento como um todo.

Falando em professor autoritário, nos reportaremos ao que Vayer (29) nos mostra sobre autoridade. O autor a analisa em dois momentos:

1) quando na relação adulto-criança, o primeiro torna-se mais áspero utilizando o seu poder, e a criança é completamente esquecida quanto pessoa que sente e pensa, caracteriza o professor autoritário;

2) quando a presença do adulto dá-se de forma qualitativa, gerando confiança por parte das crianças, pois suas ações são aceitas e respeitadas, caracteriza a autoridade do professor.

Acreditamos que no segundo momento, devido ao processo de ensino-aprendizagem ser caracterizado pela troca de experiências, onde a participação da criança é efetiva, esta adquire condições de aceitar e reconhecer o professor como uma pessoa merecedora de respeito e atenção. Desta forma, o relacionamento professor-aluno trará muitas contribuições para o desenvolvimento da criança como um ser-no-mundo, e o professor estará desempenhando o seu papel de educador e não de ditador de ordens e regras.

Apesar dos professores, durante as atividades físicas, trabalharem com corpos livres em movimento, muitas vezes não conhecem o próprio corpo, as capacidades e os limites que este possui, ou seja, um simples gesto que o corpo produz pode significar mais que uma palavra ou uma frase em determinados momentos.

A ação corporal transforma, transpõe e modifica o diálogo verbal, mesmo que seja de modo imperceptível e inconsciente. Conhecer o nosso corpo é ter consciência de suas ações perante o mundo que nos rodeia e nos envolve social e afetivamente; é ter sensibilidade e liberdade para poder atuar honestamente com nossos alunos.

Para o professor desenvolver satisfatoriamente as atividades físicas, é necessário que ele respeite e solte naturalmente o seu próprio corpo afim de que venha a ser interlocutor de informações para com os seus alunos e não simplesmente um emissor. Nesse âmbito, as inter-relações corporais poderão ser despertadas nos alunos de forma que estes também sejam interlocutores e não apenas receptores de mensagens. Com isso, o professor estará sendo o mediador entre a criança e o meio, possibilitando que esta viva intensamente o seu corpo como instrumento para o seu desenvolvimento global e harmônico.

Nas relações do mundo escola, o professor pode proporcionar aos alunos diversas e diferentes situações sociais e afetivas de grande importância para o desenvolvimento infantil. Se estas forem vivenciadas adequadamente, as crianças terão a oportunidade de se inter-relacionar com confiança e descontração diante das situações que as rodeiam. A liderança, o conflito, a competição e a cooperação são algumas dessas situações que o professor pode proporcionar para as crianças experienciarem.

Machado (30) lembra-nos um detalhe importante sobre o relacionamento do professor com seus alunos. A autora afirma que a atitude do professor para com os alunos é individual e única, pois, cada aluno tem sua história de vida e suas ações acontecem decorrentes dessa história. Para com o grupo esta atitude dá-se como um todo, com mudanças temporais que variam de acordo com a necessidade dos alunos, sem esquecer que durante todo o tempo o diálogo entre o professor e um ou mais alunos estará acontecendo.

... pode observar e perceber o corpo de cada criança, individualmente ou em grupo, dizer coisas através dos gestos, que muitas vezes a mente nem imagina. O indivíduo, desapercivelmente, se denuncia, se despe e se dispõe perante todos os membros do grupo em situações diferentes, revelando suas sensações e sentimentos.

Segundo Machado (31), o professor de crianças na fase pré-escolar não deve se preocupar somente com o conteúdo a ser ensinado a seus alunos, e sim lembrar-se sempre da relação de afeto, carinho, amizade e compreensão que deve existir com o grupo e com cada criança em particular. Isso vai colaborar com o processo de desenvolvimento de cada um, havendo um acompanhamento e uma observação constante de todas as etapas, e também enfatizando os direitos e deveres de todo e qualquer indivíduo.

Portanto, este professor deve conhecer os aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos que estão relacionados ao processo de desenvolvimento pelo qual as crianças estão passando. Somado a esta gama de conhecimentos, as ações do professor devem possuir sensibilidade afim de poder entender o que se passa com a criança, individualmente e em grupo.

Desta forma o papel desempenhado pelo educador acontecerá sempre de forma efetiva através de diálogos, onde a criança encontrará apoio, segurança e confiança, ou seja, sentir-se-á valorizada como pessoa que possui espaço para atuar, opinar e criar. Neste tipo de relação entre professor e aluno Machado diz que: "Respeitar a individualidade da criança, a sua liberdade e ao mesmo tempo prepará-la para viver em sociedade, é confrontá-la com os limites decorrentes da vida em

grupo." (32)

Acreditamos que, para o professor conseguir manter um diálogo corporal com seus alunos, ele deve compreender e não confundir seu papel social perante o grupo. Segundo Vayer (33), o professor também precisa ser reconhecido como pessoa, a qual se acrescenta uma função social importante. Para facilitar esse reconhecimento, o adulto deve ser autêntico e firme em suas ações, transmitindo informações e conhecimentos de forma segura e agradável.

O professor, durante as atividades físicas, no nosso entender, possui essa facilidade por estar trabalhando com seus alunos em constante movimento corporal e integração social. Mas este por sua vez, parece não se dar conta das inúmeras e diversificadas interações que esse ambiente pode propiciar. Isto, muitas vezes acontece devido ao professor se manter inflexível às mudanças no decorrer do processo educativo, as quais estão intimamente ligadas à sua própria maneira de ser e de agir com seus alunos no seu cotidiano. Esta inflexibilidade pode repercutir negativamente nos inter-relacionamentos entre o professor e o ambiente escolar de um modo geral, e também prejudicar o seu papel de educador.

A criança, com a grande sensibilidade que detém, é capaz de detectar essa postura do educador e acabar modificando, consciente ou inconscientemente, seu comportamento diante do grupo, com o intuito de provocar um diálogo tumultuado para que sua presença seja percebida e observada. No nosso entender, a qualidade das atitudes do professor pode vir a reverter este tipo de situação, pois, desempenhando o seu papel de mediador com paciência, compreensão e amor, a criança

conseguirá interagir com o meio de maneira modificada. A este diálogo podemos nomeá-lo de comunicação corporal, devido aos diferentes gestos e movimentos que emanam dos indivíduos durante estes momentos de trocas de expressões.

Para a comunicação corporal acontecer como um vai-e-vem de informações e o professor se expressar de forma natural e simples, ele deve participar juntamente com as crianças, dos jogos, brincadeiras e atividades em geral. Em contrapartida, as crianças poderão sentir-se livres e desinibidas para se envolverem em cada situação proposta, revelando com naturalidade sua expressividade.

Dessa forma, as atividades físicas na pré-escola serão uma construção diária e efetiva da alegria, como afirma Pellegrino (34).

2) Os inter-relacionamentos da criança

Quando pensamos ou falamos em criança, reproduzimos idéias frágeis sobre o assunto, pois imaginamos as crianças como seres delicados, dependentes e sem pensamentos próprios, as quais só se libertarão dessa redoma de fragilidades quando se depararem com o mundo da escola, alerta Alves (35). Temos que ter consciência de que a criança como pessoa começa a ser significativa a partir do momento que inicia as trocas afetivas dentro do útero materno. Podemos chamar estas trocas afetivas de comunicação, pois, através do toque e da voz a mãe e o bebê se comunicam.

Portanto, após o nascimento, o processo de desenvolvimento da criança como pessoa já está em andamento. As suas trocas e as variadas formas de comunicação com o mundo que a rodeiam se fazem nitidamente

presentes. Através da comunicação a criança começa a descobrir o seu corpo e as ações que dele podem emergir, dando-lhe condições de pertencer ao mundo (36). Mundo este que vem a ser o universo ocupado pela criança durante a fase pré-escolar, podendo ser a família e a escola.

No meio familiar a criança receberá uma grande quantidade de estímulos para poder iniciar a comunicação com o meio externo, e posteriormente, continuará este processo na escola cujo ambiente adaptado e favorável à vivência infantil, proporcionará diversificadas relações afetivas e sociais que possibilitarão a continuidade do desenvolvimento psico-social da criança.

Atualmente, devido às mudanças estruturais na família, as crianças iniciam a sua participação no mundo da escola antes dos 6 anos de idade. Em consequência disto, os diálogos existentes entre a criança e a família tendem a se expandir para qualquer situação social, entre todos os indivíduos que se encontrarem próximos das crianças.

Le Boulch (37) salienta que nessa fase pré-escolar, a criança explora seus gestos, movimentos e atitudes com espontaneidade e naturalidade, por possuir uma característica que se perde no adulto, a liberdade de expressão, que lhe permite explorar e experimentar variadas formas de vivência. Isto acontece devido ao fato da criança começar a descobrir o seu corpo e as relações que dele emanam, a partir dos primeiros meses de vida, possibilitando um conhecimento corporal através das inúmeras e diversificadas experiências que a criança vivencia, durante o seu crescimento e desenvolvimento.

Nesta fase, o corpo da criança se encontra livre e disponível para

captar tudo que o meio lhe oferece, principalmente durante os momentos da prática de atividades físicas, os quais devem ser permeados pela liberdade de expressão verbal e corporal, deixando de lado os preconceitos e as oposições racionais que possam atrapalhar o processo de desenvolvimento.

Por conseguinte, o professor e as crianças estarão exprimindo através dos gestos sua subjetividade, ou seja, sua maneira de ser, agir e pensar como nos revela Le Boulch (38). Ou ainda nas palavras de Vayer:

"Sendo o corpo, ao mesmo tempo, modo e meio de integração do indivíduo na realidade do mundo, ele é necessariamente carregado de significado. Sempre soubemos que as posturas, as atitudes, os gestos e sobretudo o olhar exprimem melhor do que as palavras as tendências e pulsões, bem como as emoções e sentimentos da pessoa que vive numa determinada situação, num determinado contexto." (39)

O corpo da criança, em contato com o meio e com os outros corpos de modo a interagirem, estará se comunicando a todo instante. Para a comunicação estar presente entre a criança e o professor, quer seja através de atividades propostas pelo professor ou de intenções transmitidas pela criança, é fundamental que haja aceitação e reconhecimento de ambas as partes. O diálogo da criança com as outras crianças pode vir acontecer de maneira diferente, no entanto o respeito de umas com as outras deve ser mútuo, e o professor deve ocupar papel de mediador, afirma Vayer (40).

No dizer de Freire (41), a criança quando chega à escola está carregada de experiências corporais as quais permitem o seu inter-relacionamento com o mundo familiar, e o conhecimento do seu próprio

corpo. No contexto educacional das atividades físicas, não se deve desprezar essas experiências adquiridas e sim aproveitá-las a nível de valorizar e estimar cada criança, motivando-a e ensinando-a como conviver com as outras crianças coletivamente em toda situação social.

Já Marcellino nos lembra que a escola rejeita toda a experiência cultural que a criança adquiriu anteriormente, rompendo o processo de desenvolvimento crítico e criativo do ser criança, onde a espontaneidade, a liberdade e a segurança da ação tomam rumos diferentes. O autor usando uma linguagem lúdica diz:

"Dessa forma, as crianças deixam de ser atores, com "alma" própria e passam a ser "animados", como marionetes, ou manipulados por ventriloquos, que falam por elas, camuflando, fingindo que os sons saem de suas bocas." (42)

Nesse sentido, nos cabe ressaltar que a comunicação corporal da criança com os indivíduos que a rodeiam no decorrer das atividades físicas torna-se interrompida, impedindo-a de compartilhar através do diálogo corporal seu espaço individual, o espaço com as outras crianças e até mesmo com o educador. E em decorrência das reações do grupo e da sensibilidade e percepção que a criança possui, esta pode ser ou não influenciada em suas comunicações corporais.

Berge (43) revela que diante desta comunicação truncada entre a criança e os demais indivíduos, é despertado na mesma um estado de agitação, apatia, agressividade e até um possível desequilíbrio emocional em suas atitudes e gestos. E, no entanto, a criança tende a "desabrochar" com satisfação e alegria quando os gestos e posturas são respeitados e valorizados.

Essa questão da comunicação e dos inter-relacionamentos que envolvem a criança parece não gerar problemas, durante o trabalho das atividades físicas, pelo caráter lúdico que apresenta, isto é, as estratégias que são utilizadas freqüentemente, proporcionam alegria, descontração e liberdade. No entanto, os problemas existem e devemos refletir sobre eles.

Quando a criança está correndo, saltando e saltitando pelo espaço, o seu corpo como um todo está se expondo e se revelando perante tudo e todos. De modo transparente, o corpo revela uma explosão de sentimentos e emoções que podem variar desde alegria, prazer e satisfação, à agitação, agressividade e insatisfação. E o professor, por sua vez, considerando que o diálogo corporal é fundamental para a criança em desenvolvimento, deverá contemplar com todo o empenho esta liberação de expressões e gestos que a criança manifesta, criando diálogos que permitam uma comunicação satisfatória e envolvente.

O envolvimento surgido do diálogo entre o educador e os educandos favorecerá o inter-relacionamento entre os mesmos, deixando claro para a criança que ali, naquele espaço e naquele momento, cada pessoa tem e deve respeitar os seus limites individuais e os do grupo.

Machado (44) ressalta que a criança nesse estágio de descobertas das suas potencialidades e capacidades, deve aprender sobre seus limites, direitos e deveres, os quais lhe darão condições de ser e agir livremente como um indivíduo participativo, onde suas ações e pensamentos serão respeitados e terão significados. Toda essa transmissão de informações e valores durante as atividades físicas

surge através das mensagens corporais trocadas no desenrolar da ação do professor no processo educacional.

Vayer (45) reconhece as comunicações como um fato primordial no desenvolvimento das qualidades afetivas e sociais das crianças. As discordâncias e dissonâncias nas comunicações da criança com o mundo que a rodeia podem gerar confusão e desordem nas suas relações com o meio.

Frente às colocações dos inter-relacionamentos que existem nos momentos das atividades físicas, vamos destacar Freire:

"É importante não homogeneizar a classe. As crianças são diferentes no início e serão diferentes no final do processo educativo. Não adianta querer transformá-las em iguais segundo padrões estabelecidos. Quem é igual não tem o que trocar, por isso é necessário conservar-se diferente. As relações, os direitos, as oportunidades, é que têm de ser iguais não os gestos, os comportamentos, os pensamentos, as opiniões." (46)

Todas as implicações afetivas e sociais que podem existir nas relações humanas, estão implícitas durante as atividades físicas na pré-escola. Portanto, devemos nos conscientizar de que o corpo em movimento é um ser em explosão e expressão, que gozando do meio no qual se faz presente tem a chance de viver o eu-no-mundo com sensibilidade para perceber todas as coisas que o envolvem.

NOTAS

- (25) ALVES, R. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortez, 1985, p. 11.
- (26) VAYER, P. & MATOS, M. P. M. H. de Diálogos com as crianças na creche e no jardim da infância. São Paulo, Manole, 1990, p. 37.
- (27) FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo, Scipione, 1989, p. 170.
- (28) VAYER, P. O diálogo corporal: a ação educativa para a criança de 2 a 5 anos. São Paulo, Manole, 1989, p. 55.
- (29) VAYER, P. op. cit., p. 171.
- (30) MACHADO, M. L. A. Pré-escola é não é escola: a busca de um caminho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p. 87.
- (31) MACHADO, M. L. A. op. cit., p. 88.
- (32) MACHADO, M. L. A. op. cit., p. 146
- (33) VAYER, P. & RONCIN, C. Psicologia atual e desenvolvimento da criança. São Paulo, Manole Dois, 1990, p. 106-107.
- (34) PELLEGRINO, H. A construção da alegria. Jornal do Brasil, s.n.t.
- (35) ALVES, R. Bolinhas de gude, bolhas de sabão. Correio Popular, Campinas, 04/06/1991, p. 2.
- (36) VAYER, P. op. cit., p. 50.
- (37) LE BOULCH, J. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982, p. 88-89.
- (38) LE BOULCH, J. Rumo a uma ciência do movimento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987, p. 66.
- (39) VAYER, P. & TOULOUSSE, P. Linguagem corporal: a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p. 28.
- (40) VAYER, P. & MATOS, M. P. M. H. de op. cit., p. 159.
- (41) FREIRE, J. B. Educação física. Nova Escola, São Paulo, ___ (42): 10-18, Set. 1990.
- (42) MARCELLINO, N. C. Pedagogia da animação. Campinas, Papyrus, 1990, p. 102-103.
- (43) BERGE, Y. Viver o seu corpo: uma pedagogia do movimento. São Paulo, Martins Fontes, 1986, p. 131.

(44) MACHADO, M. L. A. op. cit., p. 139

(45) VAYER, P. & TOULOUSSE, P. op. cit., p 23.

(46) FREIRE, J. B. op. cit., p. 206.

CAPITULO III

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÉ-ESCOLA EXISTE?

Há quem observa e se aproxima de uma criança saudável, feliz, bem vestida e penteada, extrovertida, limpa, exclamando: "Que criança linda!" Observando uma outra criança suja, tristonha, abatida, quieta, com roupas rasgadas, pensa: "Preciso sair de perto, se não essa coitadinha vem me pedir alguma coisa." Perguntamos a nós mesmos: o que é ser criança? É um ser humano de pouca idade que está por descobrir e se relacionar com o mundo que o rodeia, engendrando os mais lindos sonhos que lhes transportam às fantasias e imaginações; é ser espontâneo e se expressar livre e abertamente perante tudo e todos. Tudo isso independente de cor, sexo e etnia.

Para Kramer, criança é o oposto do adulto devido à falta de idade ou maturidade e de adequada integração social, levando em consideração o contexto social, político, econômico e cultural de cada criança (47).

Freire, em seu relato sobre criança afirma:

"Todos nós temos alguma idéia de como é uma criança: ela se arrasta, engatinha, corre, pula, joga, fantasia, faz e fala coisas que nós, adultos, nem sempre entendemos. De qualquer maneira sua marca característica é a intensidade da atividade motora e a fantasia." (48)

Para se estudar a criança, várias ciências como a biologia, a psicologia e a sociologia têm desenvolvido importantes trabalhos no

que se refere à formação infantil, pois, é nos primeiros anos de vida que a criança, praticamente, adquire o potencial motor, cognitivo, afetivo e social. No entanto, a realização de cortes por faixas etárias situando a criança no seu mundo infantil vem contribuir qualitativamente com estes estudos. Em nosso trabalho, a criança que se encontra na faixa etária de 2 até 7 anos de idade é caracterizada como pertencente à fase pré-escolar (49).

Souza retrata-nos pontos significativos sobre a evolução da educação pré-escolar, desde o seu surgimento até o momento em que esta se torna etapa obrigatória no processo educacional. Salientamos a seguir alguns deles:

- a educação pré-escolar surgiu, num primeiro momento, com objetivos assistenciais, e não educativos, para atender as crianças órfãs e desamparadas, de preferência filhos de pais trabalhadores. Com o evento da Revolução Industrial as crianças também começaram a trabalhar, sendo mão-de-obra mais barata nos teares das tecelagens e nas minas de carvão. No entanto, na França e na Inglaterra, foram criadas instituições infantis cujo objetivo era de retirar as crianças daquelas condições miseráveis de vida, visando oferecer-lhes maior assistência do que educação formal.

- Froebel, na Alemanha, foi quem iniciou um trabalho pedagógico na pré-escola, que abrangia todas as crianças, sem exceção, vindo a influenciar os Estados Unidos da América a criarem o primeiro jardim de infância, alguns anos mais tarde.

- no século XIX, a pré-escola chegou ao Brasil seguindo o modelo de Froebel. Os parques infantis eram essencialmente assistencialistas,

onde o trabalho educacional visava a valorização do lazer, através de atividades organizadas e saudáveis, com metas voltadas à moral e à higiene. Na mesma época, em todo o mundo e no Brasil articulou-se o pensamento de que a pré-escola deveria ser considerada etapa obrigatória no processo educacional de toda criança (50).

O conceito de pré-escola está diretamente ligado ao atendimento educacional a crianças que antecedem a escolaridade elementar, que tem início por volta dos 7 anos de idade (51). A partir do momento que a pré-escola adquire fundamental importância no processo educacional, muitas reflexões começam a surgir para que ela possa definir uma proposta pedagógica. Uma questão muito enfatizada é a da "função da pré-escola", que apareceu no decorrer de sua história devido aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos de cada época.

Segundo Abramovay e Kramer (52) algumas destas funções estão ligadas a:

- 1) "Guardar" as crianças: vai de encontro às finalidades que geraram o início da pré-escola, isto é, "guardar" as crianças órfãs e desamparadas; as que serviam ao trabalho industrial no século XVIII; e também, aquelas que hoje em dia, a mãe atua no mercado de trabalho.

- 2) Compensar as carências infantis: está relacionado à idéia de educação mas, visa compensar e suprir as carências e deficiências culturais, linguísticas e afetivas das crianças de classes populares. Tendo assim caráter preventivo para o problema como o fracasso, a evasão, a repetência e o baixo rendimento escolar. Essa é a concepção de pré-escola compensatória que chegou ao Brasil na década de setenta.

3) Promover o desenvolvimento global e harmônico da criança: é a pré-escola com objetivos em si mesma, dando ênfase às características gerais de desenvolvimento da criança, sem desprezar a relação pré-escola/escola, a qualidade do programa pré-escolar, englobando desde a estrutura de funcionamento até a parte pedagógica, e abranger as crianças de todas as classes sociais.

4) Instrumentalizar as crianças: é atribuída uma função pedagógica, ou seja, o trabalho desenvolvido deve basear-se nos conhecimentos e na realidade infantil como ponto inicial, e os ampliar para atividades que sejam significativas para a vida das crianças, levando em consideração a sua inserção social. Um fator indispensável é a confiança nos potenciais de desenvolvimento das crianças e a valorização das suas manifestações.

Pode-se dizer que estas duas últimas funções atribuídas à pré-escola passam a existir, efetivamente, devido à Constituição de 1988 que no seu texto, passa a se preocupar com a criança de 0 a 6 anos. Rompe com o enfoque assistencialista da pré-escola, e confere-lhe um caráter educativo a partir das necessidades do desenvolvimento infantil, encarando a criança como um ser ativo e participante na sociedade (53).

A pré-escola, como o próprio nome diz, tem como uma de suas finalidades preparar a criança que vive a sua infância para os períodos posteriores, os quais lhes possibilitará uma participação mais efetiva no mundo, pois os primeiros anos de vida geram conseqüências fundamentais sobre a vida futura.

A criança, nessa fase inicial da vida, está descobrindo o mundo e tudo o que nele está contido através de suas vivências e experiências corporais. A criança em movimento se traduz em pensamento e ação, integralmente, bem como em desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, motoras, afetivas e sociais, as quais lhes fornecerão conscientização pessoal, social e oportunidades para ampliar o domínio de seus conhecimentos, contribuindo assim com a integração e inter-relação dela no mundo. Entendemos que a criança que frequenta a pré-escola deve ter essas possibilidades evidenciadas, para que possa adquirir uma formação global de seu ser.

Para que as finalidades da pré-escola não se diluam, é importante que a preocupação em preparar a criança para o primeiro grau não seja a única, principalmente, com relação ao conteúdo programático das disciplinas de Português e Matemática. Se a criança for tratada de acordo com o seu desenvolvimento bio-psico-social, se for encarada com seriedade como um ser-no-mundo que pensa e atua, vivendo intensamente este momento de sua infância, a preparação para a próxima fase estará acontecendo, automaticamente, de forma saudável, verdadeira e fluída.

A família e a pré-escola são consideradas um elo de ligação da criança com o mundo. Este ser que acabou de chegar e aos poucos iniciará contatos com o ambiente, com as pessoas e com os objetos que lhes cercam, será incentivado a se relacionar, descobrir e conhecer este lugar diferente chamado mundo.

Para ser vida no mundo não podemos deixar de lembrar que o principal veículo de comunicação do indivíduo é o corpo. É com os movimentos gestuais, com as expressões faciais e posturais que a

criança dá início às suas relações. O engatinhar, andar, correr e saltar lhe proporcionam descobrir o espaço e os obstáculos presentes. O tocar nas pessoas e nos objetos estimulam o desenvolvimento de suas sensações e percepções.

Pensando desta forma, acreditamos que a criança, quando inserida na pré-escola, tem a oportunidade de se desenvolver mais aguçadamente devido às inúmeras e variadas situações que lhe são propostas. Para que isto ocorra, não perdemos de vista em nenhum momento que o desenvolvimento do pensar está atrelado ao agir e ao sentir. Em outras palavras, a mente, o corpo e a alma são uma coisa só no desenvolvimento infantil. Pensamos então, que uma boa proposta de trabalho pré-escolar deve estar associada às diversas disciplinas que envolvam a criança como um ser uno e indivisível.

Dessa forma, podemos dizer que a Educação Física deve ter o seu lugar reservado no contexto pré-escolar. Uma Educação Física que seja considerada como atividade de valor educativo como diz Medina:

"A Educação Física é a arte e a ciência do movimento humano que, através de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua auto-realização e em conformidade com a própria realização de uma sociedade mais justa e livre." (54)

Moreira retrata algumas considerações sobre a Educação Física escolar que julgamos fundamentais, sob a perspectiva da educação motora, afirmando que esta:

"... procurará o desenvolvimento das faculdades motoras imanes do indivíduo, através da experiência, da autodescoberta e da autodireção do educando. ...() possibilitando ao educando um dinamismo intencional, criativo e prospectivo, proporá ao mesmo mais do que um saber fazer, chegando mesmo a um saber ser. ...() construirá espaços onde o homem se torne humano sendo reconhecido como consciência e liberdade." (55)

Através da Educação Física a criança terá inúmeras possibilidades de ser e viver seus movimentos corporais na pré-escola. Desde a aprendizagem das habilidades motoras básicas, que compreendem os movimentos de locomoção, manipulação e estabilidade (56) e suas diversas combinações, até o sentar na mesinha e dividir o espaço físico e social com o colega, temos que admitir que o movimento é e faz parte da vida da criança. Sem ele, certamente, ela não seria capaz de se relacionar com o mundo.

A importância de enfatizar os movimentos corporais na idade pré-escolar está intimamente relacionada a tudo o que a criança irá descobrir e conhecer sobre si mesma e sobre o mundo no qual está inserida (57).

O mundo infantil não se resume à pré-escola. Também faz parte dele a família e quaisquer outros ambientes onde a criança esteja presente. Com isso, o repertório de informações recebidas constitui-se por uma variedade e uma diversidade muito grande, que vai aumentando a cada dia, sem ter limites pré-determinados.

Freire (58) e Borges (59) advertem para o fato de que os jogos e as brincadeiras fazem parte do universo da cultura infantil. É com e através destes que a criança estabelece relações com o mundo das imaginações e fantasias, soltando-se de forma espontânea e livre para,

aos poucos, ir descobrindo os papéis sociais e afetivos que ela irá assumir.

Certamente que os jogos e as brincadeiras, bem como os movimentos, a criança aprende não só na escola, mas também fora dela. Portanto, a Educação Física pré-escolar deve considerar e valorizar o conhecimento que a criança já adquiriu antes de ir para a escola, aproveitando-o de forma motivadora e estimulante durante as aulas.

Stokoe (60), Freire (61) e Rhoden (62) chamam a atenção para o fato de que a pré-escola tem como um dos seus principais objetivos preparar a criança para o primeiro grau, no que diz respeito à alfabetização e às noções lógico-matemáticas, e salientam que tudo referente ao corpo acaba sendo deixado totalmente de lado. Nesse sentido, o importante vem a ser a criança aprender a ler e escrever o mais rápido possível para, assim, prosseguir seus estudos de forma satisfatória quanto ao seu desempenho quantitativo. Esta situação pré-escolar que visualiza a criança, unicamente, pelo potencial cognitivo e despreza o corpo movimento que é ação e emoção na relação com o mundo, acreditamos que poderá limitar a criança sob todos os aspectos do desenvolvimento infantil, na visão da motricidade humana.

Mesmo o corpo ficando "enlatado" numa cadeira todo o tempo da aula, ele se mexe para lá e para cá, reclama que dói ficar ali naquela posição por muito tempo. Mas poucas são as pessoas que percebem isso e mudam os seus comportamentos diante das estratégias e dos conteúdos pedagógicos que a pré-escola assume. O enfoque é dado à supervalorização da capacidade intelectual da criança, acreditando que assim ela estará preparada da melhor forma para enfrentar o mundo

adulto. Deixam de lado qualquer atividade corporal ligada à criatividade e à livre expressão, impedindo que a criança conheça o seu mundo e se relacione com ele de maneira integrada.

Jogos e brincadeiras! Para quê? Só para as crianças se divertirem? Será que é prazeroso?

Como já dissemos anteriormente, é fundamental a presença dos jogos e brincadeiras nas atividades educacionais infantis. Quando a criança aprende jogando e brincando com todo o corpo, não só com o pensamento mas também com as ações, além de sentir mais prazer, sua vontade em aprender irá aumentar e o seu desenvolvimento global desencadeará acentuadas mudanças.

Possuindo sonhos e fantasias os quais transcendem o simbolismo e levam à fruição, a criança, através dos jogos e brincadeiras, encontrará significados na sua relação com o mundo de forma intencional para o seu ser.

Falando em criança, em jogos, brincadeiras e na escola, queremos dizer que o lúdico deve fazer parte do conteúdo pedagógico na educação pré-escolar. O lúdico atrela-se à educação a partir do momento que a livre expressão, a criatividade e a criticidade estejam presentes na ação educativa. Assim, a criança terá condições de experienciar situações onde o envolvimento nas atividades e o aproveitamento do espaço, no âmbito individual e grupal, serão maior e mais efetivo podendo propiciar continuidade e integração no processo ensino-aprendizagem, bem como, o aprimoramento no desenvolvimento de suas capacidades intelectivas, motoras e psicológicas.

No entanto, parece que o lúdico e a educação se encontram desvinculados, em função da forma como são encarados e utilizados os jogos e as brincadeiras na realidade pré-escolar. Estes parecem ser trabalhados como atividades exclusivamente recreativas, com fim em si mesmas, no sentido de se organizar um espaço e um tempo para as crianças brincarem e se distraírem, deixando de lado quaisquer objetivos que eles possam ter.

Como nos mostra a literatura, a pré-escola existe e possui um papel fundamental na educação e formação da criança de 2 a 7 anos. A pré-escola, como os outros níveis educacionais, têm algumas funções predominantes que geram a elaboração de seus programas, sempre visando a criança da primeira infância. Entretanto, notamos que o corpo não é nada relevante; fala-se pouquíssimo de atividades corporais na pré-escola. Educação Física encontramos muito pouco, ou melhor quase nada.

Deparamos-nos também com alguns problemas visíveis e freqüentes, de ordem estrutural que afetam a disciplina Educação Física na pré-escola, os quais culminam aos que Moreira retrata sobre a escola:

" - o professor nível I, considera-se incompetente para administrar aulas de Educação Física;

- o material e as instalações desportivas são insuficientes para a prática das aulas;

- a direção da escola em geral não vê com bons olhos os professores que saem das salas de aula com seus alunos, pois isso implica em barulho para a escola, rotulando professor fora da sala de aula como professor vagabundo;

- não há verba para contratação do professor especialista em Educação Física." (63)

Refletindo sobre a Educação Física como conteúdo fundamental para a criança desenvolver-se na idade pré-escolar e que deveria ser efetiva no programa pré-escolar, notamos ser esta, muitas vezes, consumida pelos problemas citados anteriormente, que até então não apresentam soluções.

Entretanto, o que encontramos nas escolas contatadas foram alguns momentos dedicados às atividades físicas, ou melhor, momentos de recreação com objetivos de trabalho dispersos e soltos, onde a criança participa apenas como mais um "componente da equipe" ou da "roda". Em função disso, no desenvolvimento do estudo encontra-se a denominação de atividades físicas na pré-escola e não Educação Física pré-escolar. Faremos uma análise mais detalhada sobre esta constatação inicial no capítulo final deste trabalho.

Podemos dizer que essa é uma situação lamentável tanto para a Educação Física quanto para a educação global, diante da importância que a primeira adquire no contexto geral da segunda.

NOTAS

- (47) KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil - a arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982, p. 15-16.
- (48) FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo, Scipione, 1989, p. 12.
- (49) MARCONDES, E.(coord) Pediatria básica. 4a. edição, São Paulo, Sarvier, 1974 (vol I), p.61.
- (50) SOUZA, P. N. P. Pré-escola: uma nova fronteira educacional. São Paulo, Pioneira, 1979, p. 1-7.
- (51) ROSEMBERG, F. et alii. Creches e pré-escolas. São Paulo, Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985, p.5.
- (52) ABRAMOVAY, M. & KRAMER, S. "O rei está nú": um debate sobre as funções da pré-escola, in Cadernos Cedes, 3a. ed., Campinas, 1991, no. 9, p. 29-36.
- (53) NORONHA, R. As múltiplas determinações da deficiência visual em escolares da pré-escola do Estado de São Paulo. Campinas, 1993. Tese (doutorado). Faculdade de Educação - UNICAMP.
- (54) MEDINA, J. P. S. A educação física cuida do corpo ... e mente. 7a. ed., Campinas, Papirus, 1987, p. 81-82.
- (55) MOREIRA, W. W. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento, in: MOREIRA, W. W. (Org.) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992, p. 207.
- (56) GALLAHUE, D. L. Developmental physical education for today's elementary school children. New York, Macmillan Publishing Company, 1987.
- (57) BORGES, C. M. A educação física na vida das crianças: significados, in Revista da Educação Física / UEM, Maringá, 3 (1): 62-65, 1992.
- (58) FREIRE, J. B. op. cit., p. 24.
- (59) BORGES, C. M. op. cit., p. 64.
- (60) STOKOE, P. & HARE, R. Expressão corporal na pré-escola. São Paulo, Summus, 1987, p. 31.
- (61) FREIRE, J. B. op. cit. p. 17-18.

- (62) RHODEN, T. H. "O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de 3 a 6 anos de idade", in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, 10 (3): 38-45, 1989, p. 44.
- (63) MOREIRA, W. W. Educação física de 1o. grau: 1a. a 4a. série, in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, 7 (2): 75-79, 1986, p. 76.

O homem, como um ser humano possuidor de inúmeras e diferenciadas capacidades, tem a oportunidade de experimentar situações que lhe são próprias e individualizadas. Para compreender e entender o mundo, a individualidade do sentir e agir presentes no homem através de seus movimentos contínuos de ser, criará possibilidades para que ele venha a desenvolver-se no contexto da experiência humana. Experiência esta que sugere liberdade de pensamento e, por conseqüência, propicia criatividade nas ações, e, muita sensibilidade para sentir e perceber o mundo diante de todas as suas nuances.

Ressaltamos o homem e suas inter-relações como uma realidade mutável e uma complexa sucessão de fatos e significados. Esse mundo que aparece a todos, porém de forma diferente, está intimamente ligado ao modo de percebermos as coisas a nossa volta, sem esquecermos que somos seres históricos e situados numa sociedade que é cultural, e não simplesmente num espaço demarcado por linhas geográficas. A história de vida do homem no decorrer da sua caminhada individual e integrada com o mundo, tende a levá-lo a adquirir consciência humana.

Nosso pensar pode ser enfatizado nas palavras de Santos Silva:

"O ser humano é, desta forma um ser de possibilidades; o ser humano está alerta aos desafios lançados pelo mundo, portanto, é consciente; o ser humano emite respostas e atribui significados; o ser humano cria relações com outros seres humanos; a ação do ser humano, em si, é fonte de conhecimento." (65)

Refletindo sobre as relações das crianças no mundo escola, e pensando no homem como um ser integrado presente no mundo, acreditamos no corpo como sendo a entidade humana. Durante as atividades físicas,

esse homem, através dos movimentos experiencia a vida sob todas as formas possíveis e imagináveis, possibilitando-lhe ser-no-mundo.

Mas será que nesses momentos o professor compreende seus alunos através dos movimentos? E o corpo, como se manifesta diante de tantas situações que lhe são propostas? O corpo nas atividades físicas da pré-escola é utilizado somente para produzir e executar ações separadamente dos sentimentos? Com tantas interrogações sobre o corpo que sente, percebe e expressa a todo momento suas possibilidades de ser, precisamos encarná-lo, sentindo-o interna e externamente através de seus contatos consigo próprio e com o mundo, para sermos capazes de compreendê-lo.

1) Estrutura Metodológica

Seguimos assim o nosso caminho mostrando mais uma das trilhas, que vem a ser a estrutura metodológica. Para prosseguirmos nesta trilha, fizeram-se necessários alguns esclarecimentos sobre o que iríamos percorrer. Um caminho contínuo, situado num ambiente histórico e social, onde consideramos todas as experiências vividas que nos levaram a adquirir consciência de nosso ser, e do mundo que percebemos através das experiências sensíveis e espontâneas do nosso corpo, que é um veículo de comunicação do ser-no-mundo.

Estamos falando de um homem em sua essência, isto é, que vive com o seu corpo suas expressões naturais, vendo-o, tocando-o e sentindo-o em todas as situações que o habilita (66). Como nosso interesse está voltado à comunicação corporal das crianças durante as atividades físicas, optamos pelas Ciências Humanas, na linha da pesquisa

qualitativa.

A pesquisa qualitativa, em fenomenologia, privilegia a compreensão daquilo que estuda e não a explicação dos fatos. Abandona a generalização e centra sua atenção no particular, individual e específico, focalizando as características mais significativas que conduzem o pesquisador ao encontro com o mundo interrogado que está ao seu redor (67).

Por isso optamos pela abordagem fenomenológica que nos dá suporte para revelarmos o corpo em sua naturalidade e sensibilidade como um fenômeno e não como um fato. Segundo Martins (68), o fato assegura a objetividade devido a todo conhecimento ser provado, e também, é controlado após ter sido definido. Já o fenômeno é tudo aquilo que se mostra e é manifesto em si mesmo; é visível, situado e passível de interpretação e entendimento.

Quando interrogamos se o professor da pré-escola observa e interpreta o corpo de seus alunos durante as atividades físicas, estamos querendo desvelar: como ele vê e percebe este corpo? O corpo durante a atividade física se comunica? Tem vida? Tem significado? Transmite sentimentos e sensações identificáveis pelo professor?

É importante frisarmos que este fenômeno que buscamos, caracteriza-se por ser um fenômeno situado, ou seja, ele acontece no seu contexto natural e não em situações determinadas e definitivas, como por exemplo nas investigações empíricas. Há sempre um sujeito, em uma situação, vivenciando o fenômeno, ou seja, tornando a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa. Possui

característicos constitutivos, como o tempo em que se realiza, impressões e duração, onde o processo nunca é estático, havendo sempre uma relação do fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia de modo intencional. O respeito pelo conhecimento que se dá num determinado tempo e espaço envolvendo o pesquisador, os sujeitos e o próprio fenômeno que é percebido nas suas várias perspectivas, permeiam a nossa escolha pela metodologia fenomenológica, que trata o fenômeno situado sob uma análise perspectival (69).

2) Procedimentos Metodológicos

Para falarmos de procedimentos metodológicos nos vem à memória o desenrolar de um processo, que nos propicia a vivência de etapas ou fases com a finalidade de nos conduzir ao alcance de um objetivo pré-estabelecido por nós.

Quando tratamos do método fenomenológico não devemos reduzi-lo em partes estanques, isto é, que tenham requisitos rígidos como por exemplo, um começo, um meio e um fim, pré-estabelecidos. Estes existem, porém, vão acontecendo à medida que se fizerem necessários. Se o homem é indivisível não nos é possível dividi-lo para percebermos sua relação com o mundo, mesmo inserindo-o num método de conhecimento. Este método possui algumas fases que devemos vivenciar; no entanto, estas são integradas e interdependentes.

De início, o pesquisador interroga o fenômeno de forma natural, isto é, como este se dá no mundo vivido do pesquisador. Estando com a atenção voltada para a comunicação corporal existente entre professores e alunos durante as atividades físicas, estivemos

presentes nos locais pré estabelecidos e realizamos a descrição, onde acontece a interação entre o pesquisador e os sujeitos ligados diretamente ao fenômeno pesquisado.

A descrição neste momento, traduz para o pesquisador as inter-relações corporais e verbais existentes entre o professor, o aluno e o ambiente no qual ocorrem as observações. Denomina-se de descrição ingênua o primeiro contato do pesquisador com o fenômeno, onde são transcritas na íntegra, não alterando em nada as anotações e as expressões ditas pelos sujeitos, mesmo se estas apresentarem erros gramaticais. Estas não possuem um mínimo pré-fixado por sujeito e são coletadas até o momento em que as respostas ao questionamento inicial do pesquisador são identificadas pela repetição.

Esta fase consiste na observação do homem no seu contexto natural, o que permite uma aproximação maior e mais fidedigna para experienciar a sua realidade existencial. Estas observações deverão estar, diretamente, ligadas ao objetivo almejado. De forma descritiva partimos em busca do primeiro contato com o homem a ser conhecido.

A descrição deve ser significativa, relevante, provocante e fazer referência com o que estamos pretendendo encontrar. Para tanto é necessário que coloquemos em suspensão nossos valores, preconceitos, teorias ou princípios explicativos a respeito do fenômeno procurado, com a finalidade de não haver uma interferência naquilo que estamos vendo com aquilo que queremos ver (70).

A partir das descrições ingênuas, inicia-se o trabalho de redução e interpretação dos dados:

1) para compreender o sentido geral e a linguagem do sujeito, o pesquisador deve ler inúmeras vezes as descrições, para posteriormente encontrar aquelas que lhes trazem significado junto ao fenômeno a ser desvelado. A estas identificações denominamos de unidades de significado;

2) após detectarmos as unidades de significado, realizamos a primeira redução, que vem a ser a tradução das formas naturais e cotidianas dos sujeitos para uma linguagem léxica que facilitará o entendimento e a interpretação do pesquisador. A intenção é chegar às proposições através de expressões concretas e não por meio de abstrações. Estas são expressas por meio de agrupamentos das convergências das unidades de significado;

3) neste momento o pesquisador está procedendo à análise ideográfica que é a análise resultante de algo que é próprio, peculiar ao sujeito estudado e que pode também ser entendida como a estrutura do fenômeno no plano individual. O pesquisador selecionará as unidades significativas do sujeito e as unidades significativas em linguagem léxica relevante ao fenômeno pesquisado para proceder à análise ideográfica que aparecerá no final do levantamento. Para tal análise, utilizaremos códigos numéricos às unidades de significado que se encontram transcritas em primeiro lugar, e logo abaixo em *itálico* a transformação das mesmas para a linguagem léxica;

4) o último momento das análises denomina-se de análise nomotética na qual os resultados são apresentados, indicando a passagem das análises individuais do fenômeno para uma abordagem geral, com a finalidade de ajudar o pesquisador a compreender as convergências e as

divergências que se apresentam no fenômeno estudado.

Esta análise compreende alguns momentos importantes destacados por Martins (71):

- a compreensão de alguns significados que se convergem durante as análises, caracteriza-se como busca dos "insights". Estas evidências possibilitam a visualização das estruturas individuais que manifestam uma verdade geral, e quais não o fazem;

- a variação imaginativa é empregada para alcançar um "insight" da generalidade essencial, ou seja, as diversas variações possíveis para o fenômeno podem ser imaginadas. Esta generalidade permite o acesso além dos casos reais observados nas descrições ingênuas;

- por fim, a formulação explícita das generalidades, onde o pesquisador, sob a perspectiva analisada, expressa as verdades gerais do fenômeno.

Pensando desta forma não quer dizer que este método tenha como característica a objetividade. Possui sim uma subjetividade devida à forma presente e participativa como vivenciamos e experienciamos todas as fases do processo. Isto nos permitirá alcançar um conhecimento que não será, em hipótese alguma, um fim mas um entendimento sobre aquilo que estamos buscando.

O método fenomenológico possibilita aproximarmo-nos do fenômeno, em função da sua descrição, interpretação e compreensão diante de suas características naturais e reais, pois, para estudá-lo, a presentidade no contexto é característica fundamental.

Podemos dizer que este método é perspectival no que diz respeito a quem está observando o fenômeno, bem como interpretando-o e compreendendo-o.

Todo homem tem sua história de mundo vivido, e esta é individual e particular de cada um, por isso o mesmo fenômeno conhecido por um observador pode vir a ser diferente para outro. Esta subjetividade existente no método fenomenológico é aceitável e determinante para conhecermos o homem na sua existência; afinal, fazemos parte deste mundo e somos este homem.

3) Universo da Pesquisa

O local escolhido pelo pesquisador para a realização do estudo que busca desvelar o fenômeno da comunicação corporal nas atividades físicas na pré-escola, foram escolas pertencentes à Rede Oficial de Ensino da cidade de Campinas, Estado de São Paulo, pelo fato do pesquisador se deparar, informalmente, com uma distância muito grande entre a literatura científica e a prática das atividades físicas nestas instituições escolares, pois, é nesta cidade que o pesquisador reside, o que favorece o contato e o acesso às instituições, e também é nesse local que a experiência do mundo vida com o mundo científico está acontecendo.

Na época em que os dados foram levantados, fevereiro de 1992, o Município de Campinas (incluindo os Distritos de Souza, Joaquim Egídio, Nova Aparecida e Barão Geraldo) possuía 125 escolas pertencentes à Rede Oficial de Ensino, distribuídas por divisão regional em quatro Delegacias. De todas estas escolas apenas dezesseis

(16) ofereciam o ensino pré-escolar.

Desse total optamos em investigar quatro (4) escolas, por considerarmos uma amostra relevante diante do contexto geral a nós apresentado. A escolha deu-se a partir dos contatos realizados entre pesquisador e professores, onde estabelecemos alguns critérios básicos, seguindo as prioridades: a) o interesse demonstrado pelo professor em se estudar temas voltados à pré-escola; b) a importância atribuída ao trabalho da atividade física nesta faixa etária; c) compatibilidade de horários entre pesquisador e sujeitos pesquisados para o acompanhamento de alguns encontros; d) empatia entre pesquisador e sujeitos contatados.

O processo de escolha aconteceu da seguinte forma: o primeiro contato foi realizado pessoalmente pelo pesquisador com todos os diretores, explicando sobre as intenções da realização do estudo bem como a verificação da disponibilidade e interesse da escola em participar da pesquisa. Dos dezesseis diretores contatados, três deles não receberam o pesquisador alegando falta de tempo, muitas reuniões e exigiam um relatório descrevendo todos os procedimentos que iríamos realizar; um deles alegou ser impossível a participação de um pesquisador nas aulas da pré-escola, porque a professora seguia o método construtivista e não havia espaço físico para a recreação, pois, a sala de aula era muito pequena e assim não iríamos conseguir material para a pesquisa. Todos os outros doze diretores se mostraram interessados, colocando a escola à disposição e propiciando o próximo passo que foi o contato direto e sem problemas com os professores regentes.

Através de uma ficha de cadastro pessoal, formulada pelo pesquisador e preenchida pelos professores, no final das investigações, detectou-se que os quatro sujeitos escolhidos possuem magistério e curso de graduação, onde três são formados em Pedagogia e um em Educação Física, e ainda, dois destes possuem curso de especialização em Pedagogia. Todos estavam vinculados à Rede Oficial de Ensino há mais de dez anos.

NOTAS

- (64) MERLEAU - PONTY, M. Fenomenologia de la percepcion., trad. Jem Cabanes, Barcelona, Ed. Península, 1975, p. 8-21.
- (65) SANTOS SILVA, S. A. P. dos Consciência profissional de professores de educação física da secretaria municipal de esportes, lazer e recreação de São Paulo. São Paulo, 1991, dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 37-38.
- (66) MOREIRA, W. W. Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1991, p. 51.
- (67) MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. A. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Ed. Moraes / EDUC, 1989, p. 23-25.
- (68) MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. op. cit., p. 21-22.
- (69) MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. op. cit., p. 75-78.
- (70) REZENDE, A. M. de Concepção fenomenológica da educação. São Paulo, Ed. Cortez, 1990, p. 19-26.
- (71) MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. op. cit., p. 105-110.

CAPITULO V

A PESQUISA E SEUS PASSOS

A este capítulo foi reservado à pesquisa propriamente dita, a qual organizamos da seguinte forma:

1. Características gerais do sujeito;

2. Descrição ingênua são as observações descritivas em que o pesquisador observa todas as situações e descreve-as de forma simples, e na íntegra como acontecem;

3. Estabelecimento das unidades de significado, e conseqüentemente transferência para a linguagem léxica;

4. Análise ideográfica.

Este processo acontece de maneira semelhante para cada sujeito participante da pesquisa.

SUJEITO 1

1.1. - Características Gerais

Graduado em Educação Física numa universidade particular do interior do Estado de São Paulo, no ano de 1974. Está como professor da Rede Oficial de Ensino há 14 anos e 10 meses, e como professor da pré-escola há 8 anos.

A escola é de primeiro e segundo graus, localizada no bairro da Ponte Preta próximo ao centro de Campinas, com aulas de pré-escola nos

periodos matutino e vespertino, ministrada por professores diferentes.

A escola possui duas quadras poliesportivas descobertas utilizadas somente pelos alunos do primeiro e segundo graus. As atividades físicas trabalhadas com os alunos da pré-escola acontecem no pátio coberto ou na grama próxima ao prédio das salas de aula.

Nossos encontros ficaram estabelecidos em uma vez por semana, no período vespertino, após o horário do lanche e duravam em média de 30 a 40 minutos.

A turma era composta de 19 meninas e 9 meninos, onde todos participavam juntos das atividades propostas.

1.2. - Descrição ingênua

1o. dia de observação - Data: 01/04/92

Horário: das 15:30 hs às 16:05 hs.

Após o lanche as crianças sentaram na escada a pedido da professora, que apita logo em seguida para chamar os que estão dispersos. Solicita para todos guardarem o lanche e olha para o pesquisador dizendo:

- "Se deixar isso vai longe, eles não param de comer."

Diz para as crianças:

- "Vamos para o pátio, devagar, andando, quando vocês chegarem lá sentem-se no chão para esperar os alunos da 1^ª série entrarem."

As crianças saem correndo bem dispersivamente, chegam no pátio e não param quietas. Ela vem atrás deles. Chegando lá fica pedindo para

todos sentarem e ficarem quietos. Eles demoram um pouco mas sentam formando um círculo. E ela pergunta:

- "Levanta a mão, quem quer brincar com a tia?"

Todos levantam a mão e gritam:- "Eu! Eu!"

- "Vão precisar prestar atenção na tia?"

- "Vamos! Todos respondem".

- "Vão obedecer a tia?"

- "Vamos!"

- "Então prestem atenção que eu vou explicar a brincadeira:"

- "Todos vão andando à vontade pelo espaço, sozinhos, sem dar as mãos. Quando ouvirem a ordem vocês vão fazer o que eu pedir. Por exemplo:- Sentar no chão. Todos sentam no chão. E ela dá mais uns 2 exemplos para começar a brincadeira.

- "Então vamos começar. Atenção! Oh! Pode andar por todo o espaço, não só aqui nesse pedaço."

Uma menina não participa porque não terminou de comer o lanche, e fica rodeando a professora que se dirige a ela dizendo:

- "Termina logo esse lanche para poder brincar. E continua a brincadeira com as outras."

- "Andando, vamos, andando, não precisa andar no mesmo lugar".

As crianças correm todas as vezes, sem exceção.

- "Subir no alto." As crianças sobem no banco e fazem igual à professora.

- "Andando." E eles correm todos juntos para o mesmo lugar, menos 3 alunos que vão todas as vezes para o outro lado aonde não vai ninguém.

- "Imitando o aviãozinho."

Todas fazem posição de avião e fazem barulho imitando um avião.

- "Andando, andando." E eles correm.

- "Sentados."

Um grupo de alunos vai para outro lado.

- "Atenção! Agora é um jogo de atenção. Quando eu der 1 apito é prá sentar, 2 apitos fica no lugar, parado."

As crianças correm e andam, e a professora da 2 apitos, observa e fala:

- "Quem sentou errou, e quem ficou de pé acertou. Atenção! Grupos de 2 alunos, vão se agrupar em 2, se eu falar 3, vocês vão ficar em 3 amigos (junta três crianças para mostrar o procedimento do jogo)."

As crianças no geral, nos grupos ficam chamando a tia:

- "Tia, tia, tia olha aqui."

Mas ela não se manifesta.

- "Andando outra vez, grupo de 2."

Chama a atenção de uma aluna:

- "Fulana é para parar quando está parada."

Uma menina sozinha, ela arruma um par para menina. Os alunos dispersos no início vão para o bebedor tomar água, e outros alunos acompanham, e quando ela percebe vai até eles e diz:

- "Vamos desligando as torneiras, quem deu ordem prá beber água?"

E os meninos fecham a torneira resmungando e saindo do local.

Apita para 2 alunas que vão saindo correndo, ela chama-as e pergunta onde vão, elas respondem que vão ao banheiro. Vem outra pedir, e ela diz para esperar as outras voltarem. Ela chama:

- "Todos na roda, vamos, agora vou dar uma brincadeira que vocês vão gostar, como está na época da Páscoa, vou dar "Coelhinho sai da toca". Quem já conhece de outras escolas?"

Algumas crianças se manifestam:

- "Eu! Eu! Eu!" - e tentam explicar a brincadeira.

Então ela pede silêncio para explicar:

- "É assim. 2 amigos formam a toca e 1 fica de coelho no meio."

Todas as crianças prestam atenção e ficam esperando a professora montar as tocas.

- "Olha essa toca aí (apontando para um trio) não sai do lugar."

Depois que ela monta toca por toca começa a brincadeira, ela fala:

- "Coelhinho sai da toca, 1, 2, 3." E as crianças vão trocando de toca.

Uma aluna grita e pula:

- "Aqui, aqui, aqui!" - até alguém chegar.

As crianças que trocam gritam baixo até encontrarem uma casa.

E todas as crianças, num momento ou outro ficam gritando: - "Aqui, aqui, aqui." Demonstrando ansiedade para que sua toca seja preenchida por uma outra criança.

- "Agora, atenção! Eu vou trocar de toca e coelho, fiquem no lugar, não saiam do lugar."

Numa dupla 1 criança diz a outra:

- "Vamos arrumar nossa mão direito?" E se ajeitam melhor.

Enquanto isso a professora vai de toca em toca trocando as crianças, e ao final recomeça:

- "Coelhinho sai da toca, 1, 2, 3."

Os gritos e saltitos no lugar se repetem, demonstrando euforia, liberdade e ansiedade. E a professora repete mais algumas vezes.

Quando a criança não encontra a toca, a professora mostra a toca vazia.

Um trio cai no chão, a professora vai até eles, levanta-os e diz:

- "Vocês são graciosos não?"

- "Outros coelhinhos vão ser agora." E ela vai trocando as tocas; uma por uma. Enquanto isso os outros ficam gritando:

- "Tia, fulano quer ir com ele."

- "Tia, olha ela me empurrando."

E ficam também se puxando, se empurrando, conversando, enfim não param no lugar. Uma toca puxa tanto um aluno ao outro que até caem no chão; mas a professora não vê.

- "Todos no círculo, abram mais a roda, este círculo está muito pequeno. Se vocês ficarem gritando eu não posso explicar."

- "Tia, a fulana foi coelho 2 vezes." A professora diz que não, que todos foram uma vez só. O menino insiste apontando para a menina.

A professora olha para menina e diz:

- "Você mentiu e com isso um aluno da sua toca não foi. Não pode mentir, a gente sempre precisa falar a verdade."

- "Agora vamos brincar de mestre? Vocês já conhecem, eu já dei outro dia."

Durante essa atividade, uma aluna fica sentada no banco todo o tempo da brincadeira. A professora fica um pouco do lado dela, mas nem a observa.

A brincadeira começa, os alunos vão seguindo o mestre que bate mãos no chão, bate palmas, etc. E o que escondeu descobre. Pois a observação dos outros alunos está um pouco lenta.

Uma aluna é o mestre, começa, o outro vem mas ela não sabe o que fazer, fica olhando para um, para outro, pensando e aí a professora dá uma dica de movimentos, mas o aluno percebe e mostra quem é. A menina olha para professora e para o menino do centro e fica parada sem tomar nenhuma atitude.

Durante o jogo, várias crianças saem para ir ao banheiro com o

consentimento da professora.

Após algumas repetições, ela diz para as crianças:

- *"Levantem-se e vão andando pegar as lancheiras e vão para a classe."* As crianças saem correndo para a sala.

Aí, ela olha para o pesquisador e diz:

- *"São 16:05 hs., eles não aguentam mais do que 1/2 hora, você viu como eles querem só correr, correr e não prestam atenção em quase nada? Mas com o tempo eles pegam o jeito. Deu para você ver a reação deles?"*

2o. dia de observação - Data: 08/04/92

Horário: das 15:40 hs às 16:10 hs.

As crianças chegam no pátio junto com a professora. Sentam todos no chão.

Ela chama só as meninas para formarem uma coluna sentadas no chão. Os meninos observam o que as meninas estão fazendo, aí a professora pede para os meninos fazerem a mesma coisa, e eles fazem, demonstrando satisfação e entusiasmo; nesse momento são as meninas que ficam observando.

A professora pega 2 meninas e põe na coluna dos meninos, e algumas meninas questionam:

- *"Por que foram 2 meninas para a outra coluna?"*

A professora responde:

- *"É porque tem mais meninas do que meninos."*

Enquanto a professora prepara a atividade, todos nas colunas não param quietos, um mexe com o outro da frente, conversam com os alunos da outra coluna, olham para ver o que está acontecendo lá na frente

fora do pátio; dançam no lugar em dupla, um puxa o outro; brincam de empurrar e cair no chão. Mas a professora não percebe e continua explicando a atividade que é uma estafeta.

Durante a atividade todas as crianças participam gritando, falando, batendo palmas, e torcendo bastante para a sua equipe.

Um menino fica fora da coluna sentado, a professora empurra-o para o lugar gritando que ele está fora da coluna.

A professora explica que a 1^a vez foi só para treinar, a partir de agora vamos ver quem ganha.

A professora pede para eles levantarem, quando eles levantam, pulam no lugar, sorriem, batem palmas ansiosos para começar. E então, o jogo recomeça.

A torcida continua muito forte, e a satisfação no rosto das crianças é evidente.

Duas últimas alunas de uma coluna demonstram apatia no momento de correr, pois parece que não sabem como é para fazer a brincadeira; e a professora só grita:

- *"Vamos, corram, mais depressa, vamos."*

Toda vez que a professora quer silêncio ela usa o apito uma vez, 2 vezes ou mais, dependendo da resposta das crianças.

Durante a atividade em geral tem uma aluna que não se entusiasma nem um pouco em nenhum momento; e as outras se entusiasmam tanto que não param sentadas.

A torcida das meninas é muito mais forte que a dos meninos.

Esta atividade é repetida três vezes, e as manifestações corporais são sempre as mesmas: pulos no lugar, palmas, sorrisos, balançar das mãos, expressando ansiedade e vontade de vencer.

É iniciada outra atividade: cada coluna recebe uma bola, a

professora diz que a bola deve ser passada por cima da cabeça de aluno por aluno. Eles fazem uma vez para treinar, gritam e torcem bastante.

A professora apita para todos sentarem para ela poder explicar melhor.

Alguns meninos não param quietos, beliscam o da frente, empurram o colega, uma menina aperta a bochecha da outra demonstrando não estar nem um pouco ligada na professora, e esta percebe e dá uma bronca nas 2 alunas.

Durante o jogo algumas ficam de braços cruzados, meio desinteressadas.

A aluna apática, continua do mesmo jeito, a professora chega perto dela e diz:

- "Acorda, acorda e passa a bola."

Os saltitos, continuam e os gritos também. A coluna das meninas, todas as vezes tem um melhor desempenho, demonstrando isso através do andamento do jogo.

Uma menina insulta a outra, e sai correndo da coluna e a outra vai pegá-la. A professora preocupada com o desenvolvimento do jogo não vê e não percebe.

A professora diz que não está contente com as alunas x e y porque estas estão distraídas brincando com outras coisas. E continua falando que elas não estavam fazendo certo e explica novamente o jogo, e diz que na próxima vez sai melhor.

- "Agora para acalmar, formem um círculo, e vamos brincar de macaco simão."

- "Simão disse para:"

- "Pôr a mão na cabeça, na barriga, etc."

As crianças prestam atenção, olhando para a professora que em

seguida fala:

- "Jogo de atenção, as crianças que errarem vão sentar, tá?"

Inicia o jogo, as crianças que acertam pulam e dançam no lugar. As que foram errando sentaram-se no meio da roda, conversavam e continuavam participando da brincadeira mesmo estando de fora.

Sobraram 2 alunos e os outros todos observavam e riam de ver os dois brincando com muita alegria, atenção, satisfação e ansiedade.

A professora pede para todos formarem a fila para voltar para a sala. Duas alunas vão brincar com a bola e a professora chama-as ficando brava.

- "Vamos ver quem vai ganhar na fila." Uma aluna sai, senta no banco e diz que não quer ir, quer ficar. A professora diz que depois vai voltar para o pátio, vão para a sala, que ela vai contar uma estória e depois vão embora para a casa.

Enquanto isso os outros olham com atenção o que a professora diz. Uma aluna sai da fila dançando, pulando, aí quando esta resolve voltar para fila e parar todos vão para a sala.

3o. dia de observação - Data: 15/04/92

Horário: das 15:30 hs às 16:00 hs.

- "No pátio aberto hoje, pois o CB está no pátio coberto."

Chegam e a professora pede para as crianças formarem um círculo para ela explicar.

Ela pega várias tiras amarelas e diz que é um rabinho para colocar atrás do corpo. Quando a tia apitar vocês vão tirar o rabinho do colega, e quando eu apitar novamente vocês param e vamos contar quantos rabinhos cada um conseguiu roubar. Quem tiver mais é campeão.

Nesse momento as crianças ficam atentas, dão risadas e se levantam do chão. Até que ela distribui todos os rabinhos e fala:

- *"Enquanto estiver correndo não pode pôr a mão no seu rabinho para segurá-lo tá!"*

As crianças colocam o rabo e começam a dançar, a balançar o corpo observando e sentindo o movimento do rabo, colocam a mão nele até iniciar a brincadeira.

Durante a atividade a agitação foi total, todo mundo mostrou entusiasmo, ansiedade e até agressividade para pegar o rabo do colega e para fugir dos amigos.

Após o segundo apito a professora passeando pelo meio do grupo perguntou:

- *"Quem pegou 1? Dois? Três?"* E as crianças iam levantando a mão. Apenas uma aluna conseguiu pegar 3 e aí todos os outros, a pedido da professora, bateram palmas para ela.

Na repetição da atividade:

. duas alunas puxavam a mesma fita prá lá e prá cá brigando, até que uma aluna do ginásio que estava do lado foi até elas e separou-as;

. uma outra aluna chorou, e um menino comentou:

- *"Tia a fulana tá chorando porque ela quer ganhar"*. A professora diz:

- *"Eu sei."* Olha para o pesquisador e repete o que o menino falou e mais: - *"Vocês estão jogando para ganhar e para perder, então não adianta chorar."* E não fala nada e nem chega perto da aluna chorosa.

Outra repetição:

. duas outras alunas começam a puxar com força uma mesma tira;

. uma outra aluna chora dizendo que bateram no olho dela.

Termina esta atividade e a professora coloca-os num círculo.

Passa um aluno do colégio perto da roda e não se importa com os alunos, enquanto uma aluninha da roda olha para ele dizendo:

- "O viado!" E faz-lhe um gesto obsceno.

A professora não vê pois está preocupada com as tiras e com a colocação das crianças no lugar.

Novamente a professora distribui as tiras e as crianças não param sentadas, se levantam, outro aluno sentado olhando o geral, segura a ponta da blusa, enrola a blusa, cruza os dedos, e fica olhando para todos na roda.

Uma aluna em pé ao lado da roda fica dançando.

Outro aluno fica em cima do colega brincando, até que a professora percebe e chama a atenção. Isto acontece enquanto a professora explica a brincadeira do "vivo ou morto".

A brincadeira começa.

Uma aluna não se mexe do lugar. A professora diz:

- "vamos ruiana."

Ela balança a cabeça dizendo que não e continua imóvel. E a professora não fala mais nada.

Durante o jogo, os alunos foram dando as mãos em 2 ou 3 colegas. Repete a atividade 3 vezes, as crianças parecem gostar da brincadeira.

A professora pede para formar um círculo novamente. As crianças não param quietas, uma empurra a outra, cinco meninos juntos vão e sentam fora do círculo deixando um buraco vazio no mesmo. Aí a professora pede três a quatro vezes para formarem, e os meninos não se mexem, até que chama 2 alunos do grupinho para sentar lá.

A menina observada na aula anterior continuou apática, sem sorrir, sem se agitar durante toda a aula. Ela participa de todas as atividades mas o seu semblante é sempre o mesmo, não dá um sorriso, um

grito, não torce, não toca as outras crianças, fica o tempo inteiro com expressão de indiferença, tristeza e às vezes insegurança. E a professora parece que não vê.

A garota que fez o gesto obsceno, após aquilo, não deixou sua colega do lado quieta, derrubou-a deitada no chão. Quando estavam brincando de vivo ou morto, ela puxava a colega, cutucava-a, demonstrando gestos agressivos demais durante a aula.

Quando estavam no "vivo ou morto", eles começaram a fazer barulho como uma música, um aluno, uma dupla, um trio até quase todos estarem "cantando", aí a professora gritou "vivo" e muitos não escutaram então foi perto de dois alunos que ela viu fazendo barulho, apitou e disse que se continuassem fazendo barulho não iam escutar o que ela estava falando.

Quando terminou o "vivo e o morto" ela organizou a turma e voltaram para a sala.

4o. dia de observação - Data: 22/04/92

Horário: das 15:30 hs às 16:00 hs.

O pesquisador chegou e as crianças estavam no recreio, então perguntou para a professora se ia ter Educação Física, e ela respondeu que sim com uma ressalva:

- *"Um pouco menos, hoje, pois preciso enfeitar as crianças de índio hoje, mas dá tempo para fazermos alguma coisa."*

A professora chega no pátio coloca as crianças sentadas uma ao lado da outra encostadas na parede.

Elas não param quietas, conversam, se mexem e observam a tia desenhar quatro círculos no chão, um ao lado do outro, pede para

formar duas colunas de frente para o círculo. Ela divide em duas turmas iguais e pede para eles se sentarem.

A professora começa a explicar, algumas crianças prestam atenção, porém outras não estão nem aí, conversam, olham para os lados, para quem passa, para o pesquisador, mostrando total desinteresse e desatenção pelo que a professora está falando.

A atividade vai ser de novo estafeta, só que com saquinho nas costas, andando em quadrupedia.

A coluna dos meninos não fica parada, eles levantam, ajudam os outros, pulam no lugar, gritam torcendo bastante.

Tem uma mãe assistindo a aula, ela interfere várias vezes no jogo arrumando o saquinho nas costas das crianças, principalmente das meninas.

As crianças demonstram dificuldade para a execução da tarefa, e a professora percebe e repete a explicação para recomeçar a brincadeira.

Na repetição, eles demonstram prazer, satisfação, alegria e também muita ansiedade, para ver quem ia conseguir chegar primeiro.

Quando o saquinho cai, a professora pega-o e coloca nas costas do aluno.

Todas as crianças que estão na coluna esperando sua vez, prestam atenção e gritam o nome de cada uma em sinal de torcida.

Uma aluna sai da equipe e vai subir na árvore, a professora chama a atenção e ela volta para o lugar.

Três alunas saem da turma e ficam conversando longe de todos, demonstrando desinteresse pela atividade, até que a professora chama-as e nem se preocupa em saber o que estava acontecendo.

Outra atividade - "Gato e Rato".

Ela começa a arrumar as crianças para brincarem em dois círculos

concêntricos, pede para eles abrirem as pernas, eles não param quietos, conversam, balançam os braços, saem do lugar, e a professora não consegue explicar.

Ela pede para todos sentarem para explicar, alguns prestam atenção, outros continuam desatentos, dois se levantam e pulam, outros fazem caretas para si mesmos, uma aluna aperta a mão da outra, solta da mão do outro colega e cruza os braços. Os dois chamam pela tia duas a três vezes, e ela nem percebe porque está arrumando as outras crianças.

Uma aluna puxa a outra, e a professora continua explicando sem parar.

Até que a brincadeira começa. As crianças se entusiasman no decorrer da brincadeira, parecem ansiosas em ver uma criança perseguir a outra.

Para a repetição, todas as crianças pedem para ser o gato ou o rato. Mas a professora escolhe 2 alunos e continua.

A empolgação é a mesma, a menina apática, sempre do mesmo jeito, quieta, não demonstrando nem alegria, nem insatisfação.

Na próxima repetição, a manifestação das crianças se repete, todas querem ser o gato e o rato, e a professora escolhe novamente.

As duas escolhidas fazem errado o modo de se locomover, a professora chama a atenção e as duas não param e não prestam atenção no que a professora fala, até que as outras crianças do grupo se intervêm:

- "Elas estão erradas, estão correndo e não engatinhando." A professora pede para todos pararem e pergunta:

- "É para andar, correr ou engatinhar?"

- "Engatinhar." As crianças respondem.

Faz mais uma vez, o problema se repete. Olha pra o pesquisador e diz que precisa parar por ai.

5o. dia de observação - Data: 06/05/92

Horário: das 15:30 hs às 16:10 hs.

Quando o pesquisador chegou as crianças estavam sentadas na escada, viram-no e vários alunos disseram:

- *"Que delicia hoje tem física."*

A professora vai trabalhar com arcos pela primeira vez; ela espalha-os pela grama. Enquanto isso as crianças vinham correndo e iam pulando um e outro a vontade e bem espontaneamente. Até que a professora pediu para eles sentarem para ela poder terminar de espalhá-los pelo chão. Aí chamou os alunos e falou:

- *"Uma toca para cada um."*

Cada criança entrou num arco, sendo que vieram correndo com muita expectativa para poder começar a brincar logo com o material. Em seguida alguns já começam a bambolear. A professora fala:

- *"Como vocês nunca fizeram aula com o arco. Então vamos passar o arco pelo corpo."* Todos faziam atentos e satisfeitos.

- *"Agora vocês vão fazer o que quiserem."*

A alegria e o prazer foi geral, cada criança fez o que quis com o arco: bamboleavam, rodavam no pulso, no pescoço, pulavam como corda, rodavam no chão, etc. sempre muito satisfeitos.

Aí a professora começa a dar ordens novamente:

- *"Pulando dentro e fora com os 2 pés."*

- *"1 pé fora e outro dentro."*

- *"Para frente e para trás, etc."*

As crianças iam fazendo atentamente a tarefa pedida.

Brincaram de coelhinho sai da toca, as crianças adoraram a idéia, e gritavam: - "Eh! Eh!" A cada troca demonstravam atenção, alegria, motivação para continuar brincando, e muito prazer.

Durante a brincadeira ocorreram trombadas, tombos e muita correria até cada um achar uma toca e uma criança sobrar, pois sempre tinha um arco a menos.

As crianças que iam saindo, espontânea e livremente iam pegar um arco para ficar brincando ali do lado, e faziam mil coisas diferentes: bambolevam, equilibravam, rolavam, pulavam corda, enfim se divertiam muito descobrindo o material. Até que terminou a brincadeira e a professora chamou-os para perto dela e falou:

- *"Como vocês estão doidinhos para bambolear, então pode começar."*

Ficaram muito felizes e começaram, inclusive a professora.

Uma aluna se aproximou da professora e falou que não sabia e não conseguia, a professora não se importou e continuou bamboleando e disse:

- *"Vamos ver quem vai girar mais tempo."*

Cada criança bamboleava com a parte do corpo que queria: cintura, tornozelo, braço, pescoço.

E todas as crianças ficaram tentando, inclusive os meninos com muita animação.

No meio tempo, alguns meninos começaram a rolar o bambolê, se esquecendo da professora e do grupo, só se preocupando com o material e se divertindo muito.

A professora vê e chama-os:

- *"Eu não mandei rolar, eu mandei pular corda."* Meio desenxabidos eles voltaram para o grupo e, junto com os outros tentaram pular

corda.

A alegria, motivação e o prazer era claro no rosto das crianças. Pois cada um executava no seu ritmo, no seu espaço e como queria.

Em seguida todos começam a rolar, se divertindo mais ainda.

A professora pede para todos sentarem no chão dentro do arco e um aluno ficou rolando o arco longe do grupo e nem percebeu que todos estavam olhando para ele, pois o importante para ele naquele momento era o estar rolando o arco. Depois de alguns segundos ele viu e veio até o grupo, continuando a rolar o arco. Até que a professora chamou sua atenção e ele começou a fazer o que a professora havia pedido.

No "coelhinho sai da toca", quando os alunos saíam ficavam um pouco desapontados até descobrirem que podiam pegar o arco.

Uma aluna não queria sair, tentou continuar brincando, mas foi impedida. Um outro aluno, todas as vezes dizia que tinha chegado primeiro.

Quando deu o tempo a professora juntou os arcos, comentou com o pesquisador:

- "Eles adoraram. Foi a 1ª vez que eu dei arco."

E foram para a sala de aula.

1.3. - Unidades de Significado

1) As crianças saem correndo dispersivamente, chegam no pátio e não param quietas. A professora vem atrás delas. Chegando lá, fica pedindo para todos sentarem e ficarem quietos.

Em disparada e dissipadamente, os alunos atingem o lugar determinado pelo sujeito, permanecendo irrequietos. O sujeito chegando logo em seguida implora para todos se acomodarem em silêncio.

2) Uma menina não participa porque não terminou de comer o lanche, e fica rodeando a professora.

Uma aluna desvia-se da atividade pelo fato de ainda estar merendando, mas situa-se próxima do sujeito cercando-o.

3) - "Andando, vamos, andando. Não precisa andar sempre no mesmo lugar". As crianças correm todas as vezes sem exceção.

O sujeito determina que as crianças movimentem-se em ritmo de marcha, ocupando todo o espaço. Mas elas fogem à regra em todas as repetições.

4) Três alunos vão todas as vezes para o outro lado aonde não vai ninguém.

Três alunos deslocam-se sempre para um determinado lugar do pátio, procurando se afastar do grupo.

5) Os gritos e saltitos no lugar se repetem, demonstrando euforia, liberdade e ansiedade.

As crianças em seus espaços reproduzem saltinhos frequentes, vozes

elevadas e agudas, confirmando alegria intensa, autonomia e aflição.

6) E ficam também se puxando, se empurrando, conversando; enfim não param no lugar.

As crianças permanecem indóceis, mantendo diálogos paralelos e se tocando mutuamente de maneira agressiva.

7) Durante essa atividade, uma aluna fica sentada no banco todo o tempo da brincadeira. A professora fica um pouco do lado dela mas nem a observa.

No transcorrer de um jogo uma criança conserva-se afastada, somente observando. Não havendo por parte do sujeito atenção dirigida à ela.

8) Uma aluna é o mestre, começa, o outro vem, mas ela não sabe o que fazer, fica olhando para um, para outro e pensando. A menina fica parada sem tomar nenhuma atitude.

No jogo do "mestre" a aluna escolhida para ser o guia, demonstra insegurança no desenvolver da ação, encara com preocupação as demais pessoas e mantém-se estática.

9) - "Você viu como eles querem só correr, correr e não prestam atenção em quase nada. Mas com o tempo eles pegam o jeito."

O sujeito faz um comentário sobre o comportamento das crianças, que desejam apenas correr e não se concentram em coisa alguma, se justificando sob o fator tempo.

10) Enquanto a professora prepara a atividade, todos nas colunas

não param quietos. Mas a professora não percebe e continua explicando a atividade que é uma estafeta.

O sujeito envolvido com a arrumação e explanação do jogo, não atenta para a agitação e inquietação dos alunos, que estão dispostos em lugares pré-determinados.

11) A torcida continua muito forte, e a satisfação no rosto das crianças é evidente.

As crianças incentivam vigorosamente com gritos e gestos àquelas que estão jogando, revelando prazer e contentamento.

12) Duas alunas demonstram apatia no momento de correr, pois parecem que não sabem como é para fazer a brincadeira, e a profa. só grita: "Vamos, corram, mais depressa, vamos!"

Aparentando não ter compreendido a execução do jogo, duas alunas mostram-se indiferentes. E o sujeito angustiado, tenta incentivá-las em forma de ordens e em altos brados, não notando o que realmente estava acontecendo com as meninas.

13) Durante a atividade em geral tem uma aluna que não se entusiasma nem um pouco, em nenhum momento; e as outras se entusiasmam tanto que não param sentadas.

Há uma aluna que mostra-se desenhabida no decorrer do jogo, se destacando entre as demais que transmitem uma dedicação ardente, e manifestam através do corpo muita euforia.

14) Durante o jogo (bola ao túnel) algumas alunas ficam de braços cruzados, meio desinteressadas.

Outra brincadeira e diversas crianças revelam-se inertes e indiferentes.

15) Uma menina insulta a outra e sai correndo da coluna, e a outra vai pegá-la. E a professora preocupada com o desenvolvimento do jogo não vê e não percebe.

Não se importando com o jogo, duas meninas procuram desviar-se do grupo. E o sujeito atento com o desempenho das crianças durante o jogo, não observa a reação das meninas.

16) Inicia o jogo (macaco simão), as crianças que acertam pulam e dançam no lugar. As que foram errando sentaram-se no meio da roda, conversavam e continuavam participando da brincadeira.

Introduz-se um novo jogo que possui como regra eliminatória a execução errônea dos comandos estabelecidos pelo sujeito. As crianças que reproduzem corretamente mostram-se agitadas, e aquelas que são eliminadas acomodam-se no centro do grupo assumindo uma postura de participante.

17) As crianças colocam o rabo e começam a dançar, a balançar o corpo observando e sentindo o movimento do rabo, colocam a mão nele até iniciar a brincadeira.

Com o material de tecido fixado na cintura, as crianças sentem necessidade de conhecê-lo através de movimentos corporais e de contato manual. A exploração dos movimentos é encerrada logo que inicia a brincadeira.

18) Durante a atividade a agitação foi total, todo mundo mostrou

entusiasmo, ansiedade e até agressividade para pegar o rabo do colega e para fugir dos amigos.

Todas as crianças revelam-se aflitas, excitadas e hostis para alcançar a meta do jogo que consiste em tirar o material de tecido da cintura do colega escapando dos demais.

19) Duas alunas puxavam a mesma fita para lá e para cá brigando.

Disputando uma única tira duas alunas denotam força e agressividade afim de se apoderar do objeto.

20) Uma outra aluna chorou, e um aluno comentou: "Tia fulana tá chorando por que ela quer ganhar o jogo".

Um aluno observando uma menina que demonstra tristeza chama o sujeito afirmando que o motivo daquela expressão era a derrota no jogo.

21) Outro aluno sentado olhando o geral, segura a ponta da blusa, enrola a blusa, cruza os dedos, e fica olhando para todos na roda.

Exibindo distração um aluno contempla o ambiente onde está e todas as pessoas que se encontram nele.

22) Uma aluna não se mexe do lugar. A professora diz: "Vamos fulana". Ela balança a cabeça dizendo que não e continua imóvel. E a professora não fala mais nada.

O sujeito observando a imobilidade de uma criança, chama-a para retornar ao grupo. A criança gesticula negativamente permanecendo estática e o sujeito faz silêncio.

23) A menina observada na aula anterior, fica o tempo inteiro com expressão de indiferença, tristeza e as vezes insegurança. E a professora parece que não vê.

Uma aluna nas últimas aulas demonstra-se apática, desapontada e incerta para executar qualquer ação. O sujeito por sua vez, não a observa.

24) Quando estavam no (vivo-ou-morto), eles começaram a fazer barulho como uma música, um aluno, uma dupla, um trio, até quase todos estarem "cantando", aí a profa. gritou: "Vivo!" Muitos não escutaram, então foi perto de dois alunos que ela viu fazendo barulho, apitou e disse que se continuassem fazendo barulho não iam escutar o que ela estava falando.

Durante a brincadeira "vivo-ou-morto", a maioria das crianças expressam inquietação através de sons vocais. No momento em que é dada uma ordem pelo sujeito, os alunos não a distinguem pelo fato de estarem envolvidos com os colegas. Então o sujeito se aproxima de dois deles, e chantageia-os grotescamente para fazerem silêncio.

25) A professora começa a explicar uma atividade, algumas crianças prestam atenção, porém outras não estão nem aí, mostrando total desinteresse e desatenção pelo que a professora está falando.

Durante a explanação de uma atividade feita pelo sujeito, alguns alunos mantêm-se atentos porém, os demais expressam muita indiferença e apatia pela explicação.

26) Três alunas saem da turma e ficam conversando longe de todos, demonstrando desinteresse pela atividade, até que a professora chama-as

e nem se preocupa em saber o que estava acontecendo.

Algumas crianças afastam-se do grupo e se distraem juntas revelando desprezo e apatia pela atividade. Elas são notadas pelo sujeito que não se impressiona nenhum pouco com o comportamento delas.

27) As duas escolhidas fazem errado o modo de se locomover, a professora chama a atenção e as duas não param e não prestam atenção no que a professora fala, até que as outras crianças do grupo se intervêm.

O sujeito adverte duas meninas que realizam uma tarefa de forma oposta à estipulada. Desembaraçadamente, elas continuam efetuando os mesmos movimentos de forma natural e espontânea, atraindo a atenção dos demais alunos.

28) A professora vai trabalhar com arcos pela primeira vez; ela espalha-os pela grama. Enquanto isso as crianças vinham correndo e iam pulando um e outro a vontade e bem espontaneamente. Até que a professora pediu para eles sentarem para ela poder terminar de espalhá-los pelo chão.

O material desconhecido pelas crianças e disperso pelo espaço, provoca desejo e liberdade de movimentação. Porém o sujeito solicita-lhes que cessem o tumulto para concluir o seu trabalho.

29) - "Agora vocês vão fazer o que quiserem". A alegria e o prazer foi geral, cada criança fez o que quis com o arco, sempre muito satisfeitas.

O sujeito oferece liberdade para as crianças brincarem com o

material. A euforia e a satisfação tornam-se evidentes em todas as crianças. Elas exploram a vontade e a criatividade, desfrutando aquele momento.

30) Uma aluna se aproximou da professora e falou que não sabia e não conseguia bambolear, a professora não se importou, continuou bamboleando.

Uma das crianças se dirige ao sujeito exprimindo sua incapacidade para realizar o movimento determinado; e o sujeito mostra-se indiferente à reação da aluna.

31) No meio tempo, alguns meninos começaram a rolar o bambolê, se esquecendo da professora e do grupo, só se preocupando com o material e se divertindo muito.

Envolvidos e criando muitos movimentos com o material, alunos distraem-se intensamente e com muito prazer, escapando do grupo e do sujeito.

32) A professora se dirige aos meninos distantes e diz: -"Eu não mandei rolar, eu mandei pular corda". Meio desenhxabidos eles voltaram para o grupo. E junto com os outros tentaram pular corda.

Com aspereza o sujeito ordena aos meninos que retornem ao grupo e façam exatamente o que foi proposto. Desanimados eles voltam e exercitam a tarefa instituída.

1.4. - Análise Ideográfica

Nesta análise observamos e interpretamos as mensagens corporais e verbais transmitidas pelos alunos e professor durante as atividades físicas e as convergências que estas apresentam.

As crianças, de um modo geral, revelam-se bastante agitadas tanto na preparação quanto no desenvolvimento das atividades físicas. O corpo se movimenta livremente sem determinações e regras. (Itens: 1, 5, 6, 10, 11, 13, 18, 24).

Notamos em muitos momentos que os alunos mostram-se dispersos, indiferentes, eufóricos e até mesmo opostos a algumas atividades apresentadas pelo professor. (Itens: 2, 3, 4, 7, 13, 14, 15, 21, 22, 23, 25, 26).

A falta de conhecimento e o não entendimento sobre a execução de determinada atividade, faz com que alguns alunos demonstrem insegurança. Entretanto o professor não atenta para esse fato relevante que nestas situações podem ou não motivar as crianças a continuarem participando das atividades. (Itens: 8, 12, 23, 30).

Foi observado também que os alunos fogem às regras das atividades propostas pelo professor várias vezes, demonstrando liberdade e autonomia de ação em alguns momentos. (Itens: 3, 9, 16, 24, 27).

No decorrer do tempo dedicado às atividades físicas o corpo explorando diversos e diferentes movimentos revela descontração, liberdade de ação, prazer, criatividade e envolvimento com as situações. (Itens: 17, 27, 28, 29, 31).

O professor apresenta uma preocupação excessiva em organizar e estabelecer as regras das atividades, acreditando que desta forma o desempenho das crianças será maior. Devido a isto revela-se autoritário em vários momentos. (Itens: 9, 10, 12, 15, 24, 27, 32).

Entre as atividades desenvolvidas notamos que os jogos de competição foram os mais explorados. A perspectiva da vitória, de ser vencedor e do conflito foi enfatizada, desprezando por completo o sentido de cooperação e de participação que os jogos possuem. (Itens: 11, 18, 19, 20).

O professor não percebe e não atenta para os comportamentos diferenciados que alguns alunos apresentam, excluindo a possibilidade de diálogo no processo educativo. (Itens: 2, 7, 10, 12, 15, 22, 23, 26, 30).

As tarefas são determinadas, sugeridas e impostas pelo professor durante a maior parte do tempo, impedindo que as crianças tenham uma participação ativa, crítica e criativa. (Itens: 3, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 24, 25, 27, 30).

SUJEITO 2

2.1. - Características Gerais

Professor da Rede Oficial de Ensino há, aproximadamente, 22 anos e como professor da pré-escola há 1 ano e meio. Graduou-se em Pedagogia no ano de 1979, numa faculdade particular do interior do Estado de São Paulo.

A escola é de primeiro e segundo graus, localizada no centro de Campinas, com aulas de pré-escola nos períodos matutino e vespertino, ministradas pelo mesmo professor.

A escola possui um pátio coberto com um palco próximo à sala de aula da pré-escola, uma quadra poliesportiva descoberta utilizada pelos alunos da 5a. à 8a. série, um espaço cimentado próximo ao pátio coberto e um espaço de terra ao ar livre. As atividades físicas desenvolvidas por este sujeito, variam entre o espaço cimentado, a sala de aula e o espaço de terra. O pátio coberto estava sempre ocupado pelos alunos do Ciclo Básico.

Nossos encontros ficaram estabelecidos em uma vez por semana, no período vespertino, após o horário de lanche, e duravam em média de 30 a 40 minutos. A turma era composta de 15 meninos e 16 meninas, onde todos participavam juntos das atividades propostas.

2.2. - Descrição ingênua

10. dia de observação - Data: 02/04/92

Horário: das 14:30 hs às 15:10 hs.

O pesquisador chega e avisa a professora, que estava no refeitório com as crianças tomando lanche. Ela perguntou a ele:

- "Ah! Você vai dar a atividade ou eu dou pra você observar?"

- "Eu vou observar, como havíamos combinado antes."

- "Ah! Então eu dou uma atividade de "cantinho" pra você observar. Mas espera um pouco para eles terminarem de tomar o lanche."

Após alguns minutos, a professora e as crianças seguem para o espaço cimentado, que situa-se embaixo de várias salas de aulas.

Pede para as crianças deixarem as lancheiras no chão, encostadas na parede e formarem uma roda.

- "Vamos dar as mãos para fechar a roda, vamos, se arrumem direito. Olha aqui, não quero nem muito encostado, nem muito separado."

Aponta para algumas crianças, e estas por sua vez tentam fazer o que a professora manda.

- "Mãozinhas para baixo, assim ó, igual a tia."

Vai até alguns alunos para arrumá-los, puxa um pra cá, outro pra lá e diz:

- "Pronto! Agora vocês estão arrumados."

E volta para o lugar que estava.

- "Pode abaixar as mãos."

As crianças ficam olhando o tempo todo para a professora e obedecendo às suas ordens, sem se mexer no lugar.

- *"Vamos começar fazendo exercício."*

Começa a cantar uma cantiga de roda que fala das partes do corpo, e põe a mão em cada parte chamada na música.

- *"E aí? Vamos, façam!"*

Os alunos olham quietos pra ela, com expressão de não saber e insegurança. Quando uma aluna diz que não sabe, ela responde:

- *"Não sabe? Então vamos cantar a música do sapo."*

As crianças vão cantando esta música com um pouco mais de entusiasmo e fazendo os gestos correspondentes à letra. Todos fazem os mesmos gestos, e quando termina a música eles ficam quietos novamente. A professora começa a cantar outra música, a do "Cuco".

Eles cantam alto e forte o refrão, o resto da música a professora que canta. Durante esta música as crianças parecem estar mais soltas, e descontraídas, mostrando alguns sorrisos, maior participação e entusiasmo para cantar, parecia que gostavam mais .

Um aluno desatento da atividade é surpreendido pela professora:

- *"Vamos Diogo, cantando!"*

O refrão repete 5 vezes a palavra "cuco", que é o momento que as crianças vibram, sabem cantar e manifestam segurança e domínio para tal.

Outras músicas são cantadas e as crianças cantam com menos entusiasmo , mas gesticulam os movimentos.

Em uma destas músicas só a professora canta e elas apenas fazem os movimentos da letra. Batem palmas com força, e os pés também.

Quando é para falar palavras, elas gritam alto e forte demonstrando prazer nesta atividade.

Dois alunos não param muito quietos na roda, saem do lugar, viram pra lá e pra cá, mexem um com o outro, mas a professora não se

manifesta em relação a eles, talvez por não ter visto. Ela pergunta:

- "E aí, qual música agora?"

Ela começa a cantar mais uma música, mas o desinteresse é geral. Quase ninguém participa; e então ela sugere outra atividade.

- "Vamos brincar de mestre?"

As crianças respondem com alegria e entusiasmo:

- "Vamos... vamos... oba... oba..."

Todos sentam no chão, a professora chama um aluno para esconder, e escolhe uma menina para ser o mestre. E a brincadeira inicia.

O aluno escolhido, tenta descobrir com 3 chances, mas erra. E a professora diz:

- "Está de castigo, vai pular numa perna só 3 voltas dentro da roda."

O aluno com expressão de "fazer o quê né!!" sai pulando, dá uma volta e diz que não agüenta mais. A professora:

- "Mais uma pelo menos."

Ele faz demonstrando cansaço, mas a professora não se incomoda nem um pouco. Em seguida ela pede pra ele escolher um outro amigo para ir no lugar dele. E a menina que foi mestre, também escolhe outro mestre. E a brincadeira continua.

O menino seguinte também tem 3 chances e erra, e a professora pergunta para o grupo:

- "E agora que castigo vamos dar pra ele?"

As crianças pedem para ele dançar. Ele demora um pouquinho, olha para a professora e para os amigos e começa, se solta, pula pra lá, pula pra cá com uma perna só, e a professora diz:

- "Nãó! É pra você dançar."

Aí ele dança do jeito que sabia. Ela bate palmas e todas as

crianças acompanham-na. Em seguida dirige-se ao pesquisador:

- "Já deu professora?"

O pesquisador responde para ela sentir-se à vontade em relação ao tempo. Ela responde:

- "Já deu né! Porque a cantina vai abrir e eles precisam guardar as lancheiras."

O pesquisador concorda, e ela pergunta para as crianças:

- "Querem mais ou vamos embora?"

As crianças respondem alto e forte:

- "Queremos mais."

Ficam se mexendo no lugar, saltitam e conversam com o colega. E a professora se manifesta:

- "Então vamos cantar mais uma música."

Um aluno vem até ela e sugere a brincadeira do ovo choco, e todas as crianças que escutam gostam muito da idéia se manifestando oralmente:

- "Oba, oba!"

E corporalmente balançam os braços e pulam no lugar demonstrando motivação e alegria. Mas a professora diz que não, devido ao espaço ser pequeno e favorecer para que alguma coisa ruim possa acontecer.

Outra criança insiste, mas ela não aceita a idéia, e começa:

- "Bom, agora eu não vou fazer nada, levantem a mão direita."

Todos levantam um braço e ela começa a corrigir quem está errado.

- "Fulana, você já esqueceu? Como você não se lembra?" Com ar de desdém e surpresa, pois ela já havia ensinado.

- "Fulano é outra mão." Ela grita, e o menino corrige mas não entende muito.

Corrige mais uns 3 a 4 alunos nos mesmos termos e os alunos se

manifestam igualmente. Pergunta para um aluno:

- *"Fulano, o seu cabelo é curto ou comprido?"*

Ele olha pra ela, alguns dão risada, e ele não responde permanecendo estático. Ela sugere para ele passar a mão no cabelo, então ele responde certo.

Ela pergunta para as crianças se querem que ela troque de cabelo com uma aluna. Todas riem e algumas dizem que sim, outras dizem que não e ficam sorrindo e murmurando sobre esse assunto.

Ela pede para todos levantarem do chão, dizendo:

- *"As meninas pegam as lancheiras e formam a fila. Agora os meninos."*

Todos formam a fila e ela na frente dando ordens para eles arrumarem direito, e seguem para a sala de aula.

2o. dia de observação - Data: 09/04/92

Horário: 14:30 hs

Dispensou o pesquisador dizendo que:

- *"Hoje não vai ter, porque preciso aplicar um teste da Delegacia de Ensino, e não vai sobrar tempo para saírem para o pátio."*

3o. dia de observação - Data: 30/04/92

Horário: 14:30 hs

O pesquisador ao chegar no colégio verifica que todos os alunos já estão dentro da sala de aula.

A professora dirige-se a ele com semblante de "saco cheio" e fala:

- "Olha, hoje nós estamos aqui na sala, não tem espaço lá fora. Vai te atrasar muito se você voltar a semana que vem?"

O pesquisador olha-a com decepção e não responde nada.

Ela sai da sala e vai conversar com outra professora pedindo para o pesquisador aguardar um instante. Volta dizendo:

- "É não vai dar mesmo, você vê, a quadra está ocupada, o espaço que eu ia usar também está cheio de gente, só tem a sala de aula."

O pesquisador responde:

- "Se você quiser ficar na sala, não tem problema nenhum."

- "Não dá, é muito pequeno, eu tenho 28 alunos, e vai ficar muito apertado."

- "Professora se eu estiver te atrapalhando não venho mais OK!"

- "Não, não! Pra quando é o seu trabalho?"

- "Quanto mais rápido eu fizer, será melhor."

- "Nas outras escolas você está conseguindo fazer?"

- "Estou sim. Numa delas eu já fui 4 vezes, e nas outras, 3 vezes."

- "Quantas vezes você precisa?"

- "Mais ou menos umas 5 ou 6 vezes."

- "Sabe, essa semana foi complicada devido ao feriado, eu faltei uma tarde, tem que ensaiar para a festinha, então fica muito corrido."

- "Bom, então se não dá tudo bem."

- "Vamos combinar para a semana que vem? Ai eu preparo e você vem. Você não quer me telefonar?"

- "Não, não dá, é um pouco complicado em função dos horários."

- "Então pode vir, eu vou me preparar."

- "O seu trabalho é fazer o que mesmo?"

O pesquisador explica tudo novamente, e ela pede para que ele comente com ela no final do trabalho o que foi observado. O

pesquisador concorda, e ela volta a repetir:

- "Então volte a semana que vem, aí eu estarei preparada OK."

4o. dia de observação - Data: 07/05/92

Horário: 14:30 hs às 15:10 hs

O pesquisador estava chegando e a professora exclama:

- "É hoje, é hoje! Pois é, esta semana é preparação para o dia das mães, então tem um monte de trabalhinhos, cantos, versinhos que eu tive que ensaiar."

O pesquisador pergunta:

- "Você vai dar ou não as atividades?"

Ela responde que vai trabalhar a mesma coisa da festa do dia das mães para o pesquisador poder ficar.

O pesquisador pergunta se ia ser possível ele continuar vindo, ela não responde e sai.

As crianças saíram do refeitório para o pátio, subiram no palco e ficaram pulando, gritando com espontaneidade, alegria, liberdade e muito à vontade.

A professora veio logo em seguida com algumas crianças, chamou as que estavam no palco, e foram para o espaço de terra ao lado da quadra. A alegria desapareceu do rostinho das crianças.

Antes da professora estipular qualquer coisa, as crianças corriam pra lá e pra cá bem livres. Alguns formam uma roda e ficam se puxando, outros brincavam de escrever na areia, demonstrando prazer e felicidade, até o momento que ela se aproxima e todos param de se movimentar. Ela pede para todos formarem uma roda de mãos dadas e ficarem em silêncio.

Escolheu 2 meninos e mandou-os para o dentista. E aí começa a cantar e girar a roda, onde a cada frase um aluno ia ao meio da roda. Todos queriam ir, ficavam pedindo, mas quem escolhia era a professora.

Ela escolhe uma menina e esta não quer ir, mas ela "manda" em altos e fortes brados para ir ao meio. Esta vai mas fica muito emburrada e chateada.

Eram poucos os alunos que pareciam estar gostando, eles não tinham liberdade nenhuma para fazer as coisas quando a professora estava por perto.

Dois alunos não quiseram participar, ela foi chamá-los mas eles disseram que não queriam fazer isso. Eles estavam perto do pesquisador olhando para a quadra, conversando e andando. Nesse momento, os que estavam na roda se soltaram, deram risadas, gritaram e se libertaram até ela retornar.

Nesse meio tempo ela dirige-se ao pesquisador:

- *"Hoje eles não querem nada com nada, estão cansados devido a semana estar cheia de atividades."*

Passa outra atividade - "Ovo choco". No início a motivação foi grande. As crianças cantavam e 1 aluno rodava. Somente alguns cantavam, outros não; uns ficavam brincando na areia com as mãos e parecia não estar nem percebendo o que estava acontecendo ali naquele momento.

A manifestação positiva só acontecia quando um aluno corria atrás do outro. Fora isso a postura do corpo era de cansaço, de negação à atividade. Mas a brincadeira continuava.

A professora veio e sentou-se ao lado do pesquisador tecendo alguns comentários:

- *"Você vê como esses bichinhos são fogo, sabem mais do que a*

gente. Eles foram colocando na "lata do lixo" (brincadeira) o menino escurinho, a filha de índio que não faz nada e é da primeira série mas gosta de ficar comigo."

Uma menina havia saído da roda há um tempinho e veio conversar com a professora. A professora abraçou-a e ficou conversando. Quis saber porque ela não estava brincando, não queria participar e outras coisas mais. Esse diálogo foi todo cheio de calma, paciência, carinho e toques da professora para com a menina.

Mais dois alunos vieram reclamar de outros e a professora abraçou um deles e conversou um pouco também.

Ela pergunta para o pesquisador se já tinha dado para observar, e este disse para ela ficar à vontade.

- "Pode ser o ensaio da festinha das mães?"

O pesquisador responde que sim, desde que a atividade trabalhe com o corpo.

Chamou as crianças que ainda estavam brincando de "pata-chóca", sem o menor ânimo. Mas um aluno reclamou que não tinha ido ainda.

Ela respondeu que outro dia ele ia porque naquele momento eles iam para a sala para ensaiar.

Chegou na sala e gritou altíssimo com as crianças, que até doeu no ouvido do pesquisador, e mandou-as sentarem nos lugares certos com se fosse a festa. E chamava a atenção toda hora:

- "Psiu...psiu...psiu... fiquem quietos".

Como se fossem soldadinhos as crianças todas sentadas com carinho de medo e espanto.

Começaram a recitar; ou melhor repetiam tudo o que a professora dizia.

Somente 3 alunas falavam sozinhas algumas palavras. E algumas frases todos repetiam juntos.

Em seguida cantaram, mas por obrigação, pois ficavam olhando pra cima, para os lados e para o pesquisador não mostrando o mínimo de interesse.

Na segunda música cantavam e balançavam o corpo espontaneamente, todos os alunos participaram todo o tempo, revelando maior integração.

A professora escolhe a aluna preferida para falar um versinho sozinha. Preferida porque tudo era essa menina que fazia mais bonito e melhor, chegou a mostrar os trabalhos dela para o pesquisador fazendo mil elogios a ela.

Um aluno ficou de castigo no canto da parede o tempo todo, porque no início ele não estava sentado junto às demais crianças. Por isso, ele demonstrava chateação, tristeza, raiva e reprovação pela atitude da professora. Até que enfim ela lembrou dele e chamou-o para sentar dizendo:

- *"Se da próxima vez você não obedecer não vai participar."*

Termina as atividades e as crianças voltam às mesinhas para pintar.

5o. dia de observação - Data: 14/05/92

Horário: 14:30 hs às 15:15 hs

A professora vê o pesquisador se aproximando e exclama:

- *"Vou levá-los para guardar a mochila e já volto."*

E as crianças em fila de meninas e meninos foram e voltaram.

As crianças chegaram e fizeram uma roda a pedido da professora, onde estavam os meninos de um lado e as meninas do outro.

Começaram a cantar uma música e balançavam os braços, juntavam-se ao meio. Nessa hora pareciam gostar, pois ficavam bem próximos uns dos outros.

Numa outra música que se movimentavam mais, eles demonstraram alegria e um pouco mais de prazer nos gestos que estavam fazendo e nas expressões faciais. Quando a professora não estava olhando eles pulavam, rodavam, riam com e para o amigo do lado; ela virava-se para eles, eles encaravam-na com medo, susto e imediatamente paravam de se mexer.

Um aluno com uma bola na mão, no meio da roda, lançava para um de cada vez. Quando cada criança errava eles riam, zombavam um pouco, mas prestavam atenção também.

Quando chegou a vez da aluna preferida, ela errou e a professora pediu para repetir, foi a única aluna que teve chance de repetição. Um aluno que estava se movimentando cheio de entusiasmo, foi colocado de castigo pela professora. Qualquer manifestação mais livre e espontânea que o aluno tinha, imediatamente olhava para a professora para ver se ela estava olhando.

Outra atividade com bola, duas fileiras uma de frente à outra, iam jogando a bola em zig-zag.

Nesta aula o entretenimento foi maior que nas aulas anteriores, pois cada aluno jogava a bola como queria, apesar de ter que ficar no espaço delimitado pela professora.

As primeiras crianças queriam olhar as últimas, e a professora ia arrumar as fileiras todos os momentos, dizendo que ninguém podia sair do lugar. Com isso mais chamava atenção dos alunos do que prestava atenção nos mesmos.

Cada criança que recebia a bola manifestava uma expressão diferente: contentamento, medo da bola, gostosura, atenção, insegurança, ansiedade, faziam pose para recebê-la e jogavam com muita força e descontração.

Um aluno que jogou com muita força e quicando a bola no chão, a professora chamou-lhe a atenção gritando com ele.

Aproximou-se do pesquisador e disse que iam para a sala e lá eles trabalhariam mais um pouco.

Chegando na sala, os que tinham dinheiro foram para a cantina e os que não tinham ficaram sentados nas mesinhas.

Ela pede para as meninas formarem uma coluna por ordem de tamanho, maiores atrás e menores na frente. Foi puxando as crianças pelo braço para arrumá-las. E os meninos permaneciam sentados.

Numa linha riscada no chão ela ia pedindo para um de cada vez:

- *"Passo normal, passo de gigante, passo de anão."*

Muitas crianças não diferenciavam os passos entre si, e a professora parecia que não estava vendo. E quando uma criança ia e errava, as outras davam risadas.

Prazer e satisfação parecia não existir para a maioria das crianças ao executarem a tarefa. Tensão e atenção sim, estavam aparentes em cada aluno ao realizar a atividade. Cada criança que executava ia sentar-se.

A coluna das meninas termina e ela pede gritando alto e forte para os meninos formarem igual as meninas.

Nesse momento surge um problema com dois irmãos na classe, um dizendo que o outro pegou o seu dinheiro. A professora sem perguntar o que havia acontecido, deixou a classe e levou-os junto com os demais envolvidos para a diretoria e demorou para voltar.

Enquanto isso, uns saíram da coluna e os outros gritavam:

- *"A tia vem vindo!"*

Aí todos voltavam correndo e formavam a coluna novamente como se estivessem escondendo dela com medo. E isso foi o tempo todo que ela não estava presente. Ela voltou e a atividade continuou.

Os meninos erravam bastante também. Demonstrando tensão, obrigação para fazer, e não viam a hora de terminar. Poucas crianças pareciam gostar do que estavam fazendo.

A professora não falava absolutamente nada além de:

- *"Anão, gigante, normal..."*

Eles demonstravam um pouco mais de ânimo quando iam fazer o passo e gigante.

O último aluno disse que não sabia fazer e perguntou como fazia, ele respondeu:

- *"Tem que saber fulano!"*

As duas índias erravam o tempo todo, e a professora comenta com o pesquisador:

- *"Coitadas, não fazem nada, erram tudo, tem boa vontade mas...é porque elas moram numa aldeia."*

Termina com as crianças sentadas nas mesas para desenhar ou pintar.

6o. dia de observação - Data: 21/05/92

Horário: 14:30 hs às 15:10 hs

O pesquisador chegou e a professora já havia formado duas colunas: uma feminina e outra masculina para brincar de bola ao túnel.

As crianças estavam quietíssimas, sem se mexer enquanto a professora explicava.

Quando começou o jogo muitas crianças mostravam estarem ansiosas para ganhar. Pulavam, gritavam, mexiam com o corpo todo saindo do lugar, mexiam com os colegas, mas estavam gostando.

E durante todo o jogo a professora berrava para eles não saírem do lugar.

Um menino demonstra medo, susto e pavor querendo falar algo, mas a professora não deixou.

Todos curtiam muito o jogo e no final as meninas ganharam. A professora elegiu a conquista delas e bateu palmas junto com os meninos que estavam desapontados e não esperavam por vitória feminina. E as meninas comemoravam felizes da vida.

Enquanto a professora arrumava as colunas novamente as crianças ficavam quietas e ela gritava:

- *"Estou MANDANDO dar espaço de um braço. Não saiam do lugar."*

A criança fazia qualquer movimento e ela repreendia.

Repetição do jogo, os gritos das crianças estão mais salientes, gritam com toda força, principalmente os meninos. E a professora senta e fica olhando. De repente ela levanta e se aproxima das crianças, estas param de gritar no mesmo instante.

Os meninos torcem e festejam bem mais que as meninas. Pulavam no lugar, mexiam os braços, gritavam, revelando muita agitação e não atenção no jogo, por isso as meninas ganham novamente.

A menina índia mostra através de suas atitudes que não compreendeu a brincadeira; não tem muita coordenação, enfim, tem mais dificuldades do que facilidades para aprender. E o tratamento da professora com ela é aos gritos e da seguinte maneira:

- *"Você não sabe? Não é assim, não sai do lugar, presta atenção."*

Durante o jogo as meninas foram mais atenciosas, organizadas e

tiveram mais agilidade para brincar.

E a brincadeira repete-se mais uma vez. A festa e o prazer em continuar jogando permanece.

Um aluno demonstrou estar agitadíssimo para que o grupo dele vencesse. Ele gritava forte, dava ordens às outras crianças e não parava quieto com a preocupação de vencer.

Novamente as meninas ganharam, os meninos mostram-se desapontados e tristes por terem perdido 3 vezes seguidas. Com isso as meninas começam a gritar e a zombar deles, e eles enfrentam-nas apesar de continuarem inconformados.

Mais uma repetição.

Desta vez os meninos parecem estar mais atentos, e as meninas mais bagunçadas e gritando mais.

O aluno agitado continuou mais aflito, gritando forte e em seguida; muito ansioso pela vitória.

Desta vez eles ganharam e festejaram muito alegres e satisfeitos com o resultado. No entanto as meninas não deixam por menos, começaram a gritar contra eles:

- *"Três a um, vocês perderam, três a um ..."*

Após isso todos foram para a classe em filas - feminino e masculino. As crianças queriam comentar sobre o jogo mas a professora não deixa, gritando como um soldado, que agora ela é quem ia falar.

- *"Os meninos perderam porque brigaram muito e as meninas trabalharam mais, apesar de ter a fulana e a ciclana (as índias) que ela precisava orientar."*

E não deixou as crianças falarem de jeito nenhum.

Nas mesas, a professora distribuiu uma caixa de fósforo vazia para cada aluno, e ficava pedindo silêncio.

Isto ela fazia o tempo todo seguidamente quase sem perceber.

Começaram a brincar de "escravo de jó", era a segunda vez que brincavam e ela ensinava, segundo o que ela comentou.

Apesar de estarem sentados, demonstravam que estavam gostando, mesmo não jogando perfeitamente todos participavam, cantavam e expressavam satisfação.

A menina índia não havia entendido e ficava olhando nas outras crianças para tentar jogar certo, mas não conseguia e no entanto não parava de brincar porque estava gostando daquela atividade.

A professora veio novamente ao lado dela e comentou com o pesquisador:

- *"Ela fica perdida o tempo todo, mas participa."*

O pesquisador não comenta nada e despede-se para ir embora.

7o. dia de observação - Data: 28/05/92

Horário: 14:30 hs às 15:10 hs

Todos em fila como sempre - meninos e meninas, foram seguindo para a sala. Gritando com as crianças a professora falava que cada um tinha que sentar nos mesmos lugares de antes, cada um na sua fila.

Todos obedeceram como soldadinhos comportados.

O jogo era de "amarelinha" e cada fila correspondia a uma equipe.

- *"Quem errar sai."*

Ordenou a professora gritando para com as crianças. Tudo que ela fala é gritando, berrando, e assim as crianças ficam assustadas e com medo, não se manifestando de nenhuma forma.

Cada criança ia jogar sozinha a "amarelinha", que já haviam feito

no dia anterior, segundo comentário da professora.

As crianças que iam jogar estavam tensas, inseguras, um pouco atentas e não sabiam o que fazer com certeza principalmente, no momento de pegar a pedra e saltar a casa.

As que estavam sentadas, não se mexiam corporalmente, só falavam o que viam quando uma criança estava jogando, os acertos e erros, mas isso só no início.

Logo depois de cada erro levantavam a mão dizendo:

- *"Agora eu, agora eu!"*

Muito ansiosos e com vontade de pular, se mexiam na cadeira de um lado para outro e conversavam com o colega do lado.

Quando chegou a vez da índia, a professora tratou-a como "bicho do mato" inclusive falando isso para ela. A menina não queria ir e a professora gritando com ela fez com que ela fosse.

Tímida, encabulada, com vergonha e sem estímulo nenhum começou a brincar e os alunos iam dando-lhe algumas dicas de como ela devia fazer.

Quando as crianças queriam se manifestar em favor de alguma outra que estava brincando, a professora não permitia fazendo:

- *"Psiu...psiu...psiu...silêncio."*

E as crianças não abriam a boca, mas gesticulavam os braços e a cabeça em sinal de torcida.

A outra menina índia estava ansiosíssima para ir, cada aluno que errava ela levantava a mão e saía da cadeira para ir.

Quando uma aluna foi a professora diz:

- *"Vamos torcer pra fulana, ela pula bem."*

Todos começaram a torcer para ela e a professora falou para a equipe contrária que eles não podiam torcer, porque ela era da outra

turma.

Bateram palmas, gritaram o nome dela, muito agitados e em seguida a professora exclama:

- *"Psiu...psiu, parem agora, silêncio."*

Uma outra aluna, e a professora exclama:

- *"Agora eu quero ver quem pega a espetinho, a chinesinha."*

E a menina começou muito rápido e na segunda casa ela errou.

Dois alunos que estavam perto do pesquisador ficaram brigando um tempão por causa de dinheiro e a professora nem tomou conhecimento.

Chegou a vez da outra índia, ela começou errando, as crianças falavam e a professora :

- *"Deixa ela, ela não sabe."*

E a menina tão entretida com a brincadeira parecia não estar escutando o que a professora dizia. A professora olha para o pesquisador e diz:

- *"Professora, essa aí é só pra se divertir, não vale porque ela não sabe, mas tem força de vontade né."*

E a menina continuou saltitando errado na "amarelinha", até a professora chamar outro aluno. Mas a menina não queria sair dali, estava gostando muito da brincadeira.

Na continuação, as crianças que estavam sentadas começaram a torcer para cada aluno que entrava na amarelinha, já estava no final das equipes e os alunos estavam cansados e enjoados de ficarem ali.

Enquanto a professora estava de costas um aluno chamou o amigo e pularam um quadrado olhando para o pesquisador, deram risadas como se dissessem:

- *"Olha como eu faço do jeito que eu quero!"*

Numa das equipes quando torciam para alguém da equipe adversária

um aluno tampava a boca do outro e vice-versa, porque não era pra torcer pra outra equipe, segundo as ordens da professora.

No final a professora falou que todos ganharam porque ainda não sabem jogar direito. E todos batem palmas para todos.

Vai falar com o pesquisador e as crianças queriam sair do lugar e ficar pulando, mas ela não permite que ninguém saia do lugar.

Quando ela vira de costas e começa a conversar, a maioria deles saem das cadeiras e vão pular a "amarelinha".

2.3 - Unidades de Significado

1) As crianças ficam olhando o tempo todo para a professora e obedecendo suas ordens, sem se mexer no lugar.

Os alunos sob a autoridade do sujeito, permanecem imóveis prestando atenção nas regras determinadas por ele.

2) Os alunos olham quietos para a professora com expressão de não saber, e insegurança.

Encarando o sujeito, as crianças revelam através de seus semblantes falta de convicção e o não entendimento.

3) Durante esta música as crianças parecem estar mais soltas, descontraídas, mostrando alguns sorrisos, maior participação e entusiasmo para cantar.

No transcorrer da atividade que é uma cantiga de roda, as crianças animadas, desembaraçadas e felizes, dedicam-se intensamente.

4) Dois alunos não param muito quietos na roda, saem do lugar, viram pra lá e pra cá, mexem um com o outro, mas a professora não se manifesta em relação a eles.

Dois estudantes tornam-se indóceis, afastando-se das suas posições na formação circular e provocam-se mutuamente, sem que o sujeito declarasse sua opinião sobre o fato.

5) A professora começa a cantar mais uma música, mas o desinteresse é geral. Quase ninguém participa; e então ela sugere outra atividade.

Todas as crianças denotam indiferença e abnegação no momento em que o sujeito inicia mais uma cantiga de roda. Percebendo a manifestação das crianças, o sujeito apresenta outra atividade.

6) O aluno com expressão de "fazer o que né!" sai pulando, dá uma volta e diz que não agüenta mais. A professora diz: "Mais uma pelo menos". Ele faz demonstrando cansaço, mas a professora não se incomoda nem um pouco.

Um aluno "sem saída" inicia os saltitos, e completando uma volta ele reclama pedindo para parar. O sujeito insiste que ele repita a tarefa e não percebe que apesar de obedecê-lo, o aluno está enfastigado.

7) Um aluno vem até a professora e sugere a brincadeira do "ovo choco", e todas as crianças que escutam gostam muito da idéia e se manifestam oral e corporalmente, balançando os braços e pulando no lugar, demonstrando motivação e alegria. Mas a professora diz que não.

É proposta por um aluno uma outra brincadeira pela qual as crianças vibram de alegria e felicidade, oscilam o corpo todo exibindo prazer. Entretanto o sujeito não permite que eles brinquem.

8) - "Levantem a mão direita!" Todos levantam um braço e a professora começa a corrigir quem está errado. - "Fulana, você já esqueceu? Como você não lembra?" com ar de desdém e surpresa, pois afinal ela já havia ensinado.

É dada uma ordem para as crianças, e no momento que todas executam, o sujeito inicia a correção. Chama a atenção de uma aluna, revelando não ter compreendido o seu erro, devido ao fato que essa

atividade era considerada aprendida.

9) As crianças saíram do refeitório para o pátio, subiram no palco e ficaram pulando, gritando com espontaneidade, alegria, liberdade e muito à vontade.

Se afastando da sala de lanche para um lugar aberto, os alunos muito descontraídos e com naturalidade, mostram-se independentes, eufóricos, satisfeitos e excitados.

10) A professora escolheu uma menina e esta não queria ir, mas ela "manda" em altos e fortes brados para ir ao meio. Esta vai mas fica muito emburrada e chateada.

Não respeitando a vontade de uma aluna, o sujeito ordena aos gritos que ela se dirija ao centro da roda. A aluna acuada obedece, revelando-se magoada e zangada.

11) Eles não tinham liberdade nenhuma para fazer as coisas quando a professora estava perto.

Os alunos não possuem poder de ação e de decisão diante da presença do sujeito.

12) Somente alguns cantavam, outros não; uns ficavam brincando na areia com as mãos e parecia não estar nem percebendo o que estava acontecendo ali naquele momento.

Apenas alguns alunos participavam da atividade proposta. Outros apontavam total distração do grupo, entretendo-se com outra coisa.

13) A manifestação positiva só acontecia quando um aluno corria atrás do outro. Fora isso a postura do corpo era de cansaço, de negação à atividade. Mas a brincadeira continuava.

Somente no momento da perseguição a expressão otimista dos alunos era evidente. Antes e depois desse momento o corpo revelava indisposição e repúdio à tarefa, no entanto a brincadeira não era interrompida.

14) - "Psiu...psiu...psiu...Fiquem quietos." Como se fossem soldadinhos, as crianças todas sentadas com carinho de medo e espanto.

Era constante a ordem de silêncio dada pelo sujeito. E as crianças obedeciam expressando temor e assombro como bonecos manipuláveis.

15) Um aluno ficou de castigo no canto da parede o tempo todo, porque no início ele não estava sentado junto às outras crianças. Por isso ele demonstrava chateação, tristeza, raiva e reprovação pela atitude da professora.

Por não estar junto ao grupo no início da formação, um aluno é repreendido e proibido de participar de toda a atividade. Este cumpre a ordem, mas mostra-se aborrecido, magoado, rancoroso e condena a postura do sujeito.

16) Começaram a cantar uma música e balançavam os braços, juntavam-se ao meio. Nessa hora pareciam gostar, pois ficavam bem próximos uns dos outros.

Cantando e participando, todas as crianças produziam movimentos livres chegando a se tocarem, revelando assim desprendimento e prazer.

17) Quando a professora não estava olhando eles pulavam, rodavam, riam com e para o amigo do lado; ela virava-se para eles, eles encaravam-na com medo, susto e imediatamente paravam de se mexer.

A descontração, agitação e a espontaneidade era evidente em todos os alunos, quando o sujeito se mantinha à distância e não observava-os. Caso contrário, os alunos ficavam estáticos olhando-o com receio e pavor.

18) Um aluno que estava se movimentando cheio de entusiasmo, foi colocado de castigo pela professora.

Por exprimir animação e alegria através de gestos corporais, um aluno é punido pelo sujeito.

19) Muitas crianças não diferenciavam os passos entre si, e a professora parecia que não estava vendo. E quando uma criança ia e errava, as outras davam risadas.

O sujeito mantendo-se distraído não apontava para alguns alunos as falhas que eles cometiam na execução da tarefa. Contudo, os demais alunos atentos no grupo zombavam de quem falhava.

20) Prazer e satisfação parecia não existir para a maioria das crianças ao executarem a tarefa. Tensão e atenção sim, estavam aparentas em cada aluno ao realizar a atividade.

Para a realização dos movimentos apresentados pelo sujeito, os alunos não demonstravam contentamento e nem vontade, porém revelavam preocupação e incerteza durante a execução.

21) Enquanto isso, uns saíram da coluna e outros gritaram: - "A tia vem vindo!" Aí todos voltavam correndo e formavam a coluna novamente como se estivessem escondendo dela com medo. E isso foi o tempo todo que ela não estava presente.

O sujeito ausenta-se e algumas crianças se sentindo livres desmancham a formação estabelecida, e outras exclamavam em voz alta que o sujeito estava retornando. Nesse instante todos voltam à posição inicial, apavoradamente, como se nada tivesse acontecido.

22) Um menino demonstra medo, susto e pavor querendo falar algo, mas a professora não deixou.

Um aluno espantado tem a intenção de explicar alguma coisa, porém o sujeito não permite.

23) Repetição do jogo (estafeta), os gritos das crianças estão mais salientes, gritam com toda força, principalmente os meninos. E a professora senta e fica olhando. De repente ela levanta e se aproxima das crianças, estas param de gritar no mesmo instante.

O sujeito mantendo distância dos alunos, estimula-os a um maior envolvimento e excitação a cada nova jogada que se sucede. A euforia termina no instante em que o sujeito se aproxima do grupo.

24) A menina índia mostra através de suas atitudes que não compreendeu a brincadeira. E o tratamento da professora com ela é aos gritos.

Devido a sua reação no jogo, uma aluna demonstra que não entendeu o procedimento. E o sujeito percebendo volta-se à ela aos berros.

25) Um aluno demonstrou estar agitadíssimo para que o seu grupo vencesse. Ele gritava forte, dava ordens às outras crianças e não parava quieto, com a preocupação de vencer.

Com muita ansiedade e absorvido pela vontade de vencer, um aluno tenta comandar a movimentação das demais crianças, exibindo uma grande inquietação para alcançar a vitória.

26) Apesar de estarem sentados, demonstravam que estavam gostando, mesmo não jogando perfeitamente, todos participavam, cantavam e expressavam satisfação.

As crianças acomodadas sossegadamente para desenvolver uma determinada brincadeira, participam revelando contentamento, ânimo e pouca preocupação com a exatidão do jogo.

27) Tímida, encabulada, com vergonha e sem estímulo nenhum começou a brincar, e os alunos iam dando-lhe algumas dicas de como ela deveria fazer.

Uma aluna sentindo-se acanhada, com medo de ser humilhada e sem ser encorajada a participar, inicia o jogo. Os demais, notando a angústia da menina, ensinam-a cada fase do jogo.

28) E as crianças não abriam a boca, mas gesticulavam os braços e a cabeça em sinal de torcida.

Não havendo expressão verbal, a manifestação corporal é intensa a fim de incentivar as crianças que estavam jogando.

29) Dois alunos que estavam perto do pesquisador ficaram brigando um tempão por causa de dinheiro e a professora nem tomou conhecimento.

O sujeito não notou que dois meninos sentados próximos ao pesquisador, entretém-se numa disputa por dinheiro e não se importam com a brincadeira.

30) Chegou a vez da outra índia, ela começou errando, as crianças falavam e a professora: - "Deixa ela, ela não sabe." E a menina tão entretida com a brincadeira, parecia não estar escutando o que a professora dizia.

Uma aluna que desejava jogar com veemência, iniciou o jogo de forma a fugir das regras estabelecidas. Os demais alunos perceberam e comentaram com o sujeito que respondeu desprezando a capacidade da aluna. E esta tão feliz em estar brincando, parecia não ouvir os comentários a seu respeito.

2.4. - Análise Ideográfica

As atitudes do professor desta situação revela-o como uma pessoa autoritária na forma de tratar seus alunos e na transmissão de ordens, as quais devem ser cumpridas com exatidão e sem discussões. (Itens: 1, 6, 7, 10, 14, 15, 18, 22, 24, 30).

Os alunos apresentam-se dispersos, apáticos e desinteressados no desenvolvimento de algumas atividades, e o professor, em muitos momentos, não percebe este fato e mostra-se indiferente a eles. (Itens: 4, 5, 12, 13, 20, 29).

Em vários momentos, algumas crianças demonstram não entendimento nas ordens dadas pelo professor que não aceita as falhas apresentadas pelos alunos ignorando-as ou chamando a atenção dos mesmos. (Itens: 2, 8, 19, 24, 30).

Era notório o medo de errar e levar bronca que as crianças apresentavam. Afim de se livrar dessa situação de menosprezo elas obedeciam todas as ordens dadas durante todo o tempo, transmitindo aborrecimento e mágoa. (Itens: 6, 10, 13, 14, 15, 20, 22, 27).

Para manter a organização e a ordem, a liberdade de expressão foi abolida no decorrer das atividades físicas ministradas por este professor. (Itens: 7, 15, 18, 22, 28).

O vencer, na perspectiva de ser o melhor e o mais esperto, foi enfatizado nos jogos de competição. A participação, a cooperação e a união não são lembrados em nenhum momento. (Itens: 23, 25, 28).

O corpo se solta, relaxa, vibra e aproveita com entusiasmo todos os momentos de ausência do professor. Sua presença indica ao grupo imobilidade e tensão, como sinônimos de ordem e disciplina. (Itens: 1, 11, 14, 17, 21, 23).

Algumas atividades que denotam mais descontração e poucas regras motivam as crianças a participarem com mais satisfação e maior desembaraço. (Itens: 3, 9, 16, 26).

SUJEITO 3

3.1. - Características Gerais

Graduado em Pedagogia numa faculdade particular do interior de Minas Gerais. Atua como professor da Rede Oficial de Ensino há 12 anos e como professor de pré-escola há 4 anos.

A escola é de primeiro grau, localizada no Jardim Leonor, bairro afastado do centro de Campinas, com aulas de pré-escola nos períodos matutino e vespertino, ministradas pelo mesmo professor.

As atividades físicas trabalhadas com os alunos da pré-escola acontecem no pátio coberto situado defronte à sala de aula, ou na própria sala. Devido a localização do pátio ser próximo à sala de aula, a quadra poliesportiva descoberta nunca foi utilizada por este professor.

Nossos encontros ficaram pré-determinados em uma vez por semana, no período vespertino, logo após o horário de entrada, e duravam em média de 30 a 50 minutos.

A turma era composta de 16 meninas e 14 meninos, onde todos participavam juntos das atividades propostas.

3.2. - Descrição ingênua

10. dia de observação - Data: 03/04/92

Horário: 15:30 hs às 16:10 hs

As crianças estavam tomando lanche, enquanto a professora desenhou vários quadrados no chão, no pátio em frente a sala de aula.

As crianças foram terminando o lanche, guardaram a lancheira e ficaram brincando espontaneamente nos quadrados de saltar, saltitar, correr e andar. Mostravam alegria, diversidade de saltos, prazer e muita empolgação.

Pulavam com dois pés, com um pé, de um quadrado para outro, em duplas, um em seguida do outro, distâncias maiores e menores. Alguns alunos apenas observavam e logo depois também começaram a brincar.

Algumas meninas sentavam um pouco pra descansar e depois retornavam.

Dois alunos do ginásio, um menino e uma menina, que normalmente ficam com as crianças na hora do recreio, segundo a professora, chamou-as para brincar. Fazem uma coluna com todas as crianças e começam a brincar de "passa-passa gavião", quase todas as crianças da classe estavam participando com entusiasmo, descontração e alegria.

Ficavam esperando a vez para passar embaixo da ponte para ficarem presos e poderem escolher uma cor, e cantavam durante todo o tempo a musiquinha da brincadeira.

A professora se aproxima do pesquisador e comenta:

- *"Eles estão no recreio, vamos esperar os alunos do ginásio entrarem e aí eu dou algumas atividades nos quadrados."*

Depois do "passa-passa gavião" formaram uma roda e começaram a

brincar de estátua, todos que estavam participando agiam com atenção e seriedade além da descontração e do ânimo para brincar, se divertiam muito.

A professora chega, fica perto da roda observando os alunos, vai até o pesquisador e pergunta se aquelas atividades estavam servindo, e o pesquisador responde que sim, então ela comenta:

- *"Esta brincadeira serve para desenvolver a fisionomia e as diferentes posições do corpo."*

Um aluno bate o nariz e vai para junto da professora chorando, ela socorre-o e ele pára de chorar.

Bate o sinal os alunos do ginásio vão embora e a professora chama as crianças e pede para formarem uma roda dizendo:

- *"Olha agora vamos prestar atenção."*

E começa a falar sobre uma lição que fizeram em sala de aula sobre o quadrado. Explica os quatro lados, e faz algumas perguntas referentes a isto, a maioria presta atenção.

Alguns alunos saem e sentam fora da roda, ela chama-os de volta, eles relutam um pouco mas voltam, e ela continua a explicação.

Quatro alunos saem correndo do lugar, a tia chama-os e pergunta se fulano não quiser brincar e participar vai ficar de castigo, eles param, olham para ela e se integram novamente.

A professora começa a tarefa:

- *"Todos em pé dentro do quadrado; cada um vai achar um quadrado para si; agora um salto para fora."*

E as crianças vão executando com interesse e atenção.

Uma aluna tem uma mola, e fica atirando contra outra aluna sem perceber que está incomodando. Depois de um bom tempo é que a professora percebe e faz um comentário para ela parar de brincar com

a mola.

As ordens da professora vão continuando na brincadeira dos quadrados. Algumas crianças erram e ela mostra como deve ser feito.

Desenvolve alguns movimentos e pede para as crianças fazerem igual a ela; e elas imitam-na direitinho.

Pede para as crianças formarem um quadrado dando as mãos umas às outras, estas formam um círculo. A professora diz que não é daquele jeito e vai arrumar aluno por aluno. Enquanto isso as crianças mostram impaciência, puxando-se, empurrando-se, não parando no lugar, e a professora sem perceber continua arrumando-os.

Um aluno sai da turma e fica dando estrelas no pátio, a professora chama-o de volta para o grupo.

Depois que o quadrado estava formado, ela pede para eles soltarem as mãos e diz que vai mandar uma aluna ir ao meio. Algumas crianças levantam a mão pedindo e ela fala que não adianta levantar a mão porque ela que escolhe. Chama uma aluna e faz perguntas para a classe que erra ao responder, mas ela explica novamente e eles respondem certo.

Nesse momento algumas crianças demonstram estar cansadas e enjoadas da atividade, e outras estão gostando bastante.

A professora pede para todos sentarem no chão para brincarem de "telefone sem fio", todos gostam muito da idéia e se mostram entusiasmados. Ela começa falando uma palavra, as crianças ficam bem ansiosas esperando chegar a sua vez para ouvir e passar a palavra. A palavra chega errada, mas a brincadeira continua, e os alunos estão satisfeitos e atentos durante a atividade. Depois de 2 ou 3 repetições a professora pergunta:

- "Vamos brincar de "ovo-choco"?"

Uma aluna levanta e diz que não quer brincar.

A professora aponta para o banco e diz:

- "Então vai sentar!"

Outra aluna levanta e vai sentar também sem pedir para a professora.

A brincadeira começa, as crianças cantam uma música e demonstram prazer em estar ali naquele momento.

Alguns correm pelo pátio e ela fala que não pode, que só pode em volta do quadrado.

Depois de 4 ou 5 repetições as crianças começam a cantar fraco, não se ajeitam mais no lugar, estão cansadas e sem ânimo. Um aluno sai do grupo, outra aluna também, mas a brincadeira continua.

Durante o jogo quando um aluno corre atrás do outro, todos batem palmas e gritam:

- "Pega, pega, pega, corre!"

Olhando no relógio a professora diz:

- "Então agora chega, podem levantar e ir para a classe guardar o material que já está na hora de vocês irem embora. Eles levantam depressa vão correndo para classe.

2o. dia de observação - Data: 10/04/92

Horário: 13:15 hs às 13:50 hs

Na sala de aula há um retângulo riscado no chão, a professora pede para todos sentarem em cima da linha.

Pede para uma aluna ir buscar um baldinho com água da torneira; a aluna chegando ela passa-o de aluno por aluno para colocarem o dedinho na água.

Cada aluno fez e achou lindo e gostoso fazer, era novidade, ficavam olhando para os dedos do colega e faziam alguns comentários; os que estavam por último não viam a hora que a professora chegasse perto deles, eles riam, observavam com muita ansiedade.

Quando terminou, a professora começou a explicar o que era quente, frio, morno, e alguns alunos estavam muito desligados:

- um chupava o dedo,
- duas alunas conversavam até a professora ficar brava,
- uma aluna abotoava e desabotoava a sandália,
- outros prestavam atenção e respondiam as perguntas,
- outros mudavam de posição não se importando com o que a professora falava, estavam incomodados e desinteressados do assunto.

Ela pede para eles prestarem atenção e ficarem quietos. Pega um tubo de cola e põe dentro do balde. Aí todas as crianças se aproximam rapidamente para ver o que aconteceu, e não querem sair de perto. Então ela diz para eles voltarem para os lugares.

Alguns voltam logo, outros ficam colocando o dedo na água.

Ela pergunta o que aconteceu com o tubo de cola, e as crianças vão respondendo até acertarem. Em seguida, põe isopor. Com muita curiosidade a reação da crianças foi a mesma. E as perguntas continuavam.

Um aluno que respondia todas as vezes corretamente, nesse momento estava brincando com o seu crachá, tirava, colocava, arrumava e não estava atento às perguntas da professora.

Pegando dois objetos (um leve e um pesado), a professora vai passando de criança por criança para elas sentirem a diferença, e enquanto isso:

- os últimos da roda ficavam atentos e ansiosos esperando o material

chegar até eles;

- outros cochichavam baixinho;

- outros conversavam sobre cachorro;

- outro olhava pra lá e pra cá distraidamente.

Ficou claro que enquanto os objetos não chegavam eles tinham interesse, mas após sentirem-nos o interesse e o estímulo acabava e eles ficavam bem dispersos.

Os objetos chegam nas mãos da professora e ela pergunta:

- *"Qual é o mais pesado?"*

Todos gritam o nome do objeto, se levantam e vão para perto dela.

Ela fala alto e forte:

- *"Voltem pro lugar, não falei pra vir aqui."*

Eles voltam e respondem às perguntas um pouco contrariados.

Fala para todos os alunos levantarem que ela vai ensinar uma brincadeira, a do "gatinho que mia", mas não pode dar risada.

Ela demonstra uma vez e o jogo começa.

As primeiras crianças riem, pois estão tímidas com vergonha e sem saber ao certo o que devem fazer. Aí a professora diz que elas não ficar sérias, então não tem graça brincar. Mas continuou a brincar, e as crianças mudam as atitudes passando a ficarem sérias e a brincarem conforme a regra estabelecida.

As crianças da roda saltitam no lugar, chamam o nome do gato, sorriam de ansiedade e vontade de que o gato fosse até elas.

Um aluno senta na mesa e fica se mexendo, o outro coloca os 4 dedos dentro da boca e balança as pernas; dois saltitam para frente e para trás. Com o desenrolar da brincadeira e as repetições sucessivas, as crianças foram se cansando e ficando irrequietas.

Duas vezes que algumas crianças riram, as demais vaiaram e

gritaram.

Depois de várias repetições, a professora fala que eles podem brincar no recreio, e todos gritam.

Em seguida vão para os lugares nas mesinhas e o pesquisador se retira.

3o. dia de observação - Data: 24/04/92

Horário: 13:10 hs às 13:40 hs

O pesquisador chega na sala e encontra a professora montando uma peça de teatro para a festa do dia das mães: "Como fazer um bolo".

Metade da classe estava participando e a outra metade estava sentada nas mesas.

O processo se desenrolava da seguinte maneira: a professora ia falando e cada criança ia repetindo a sua parte, assim os diálogos iam se formando. Pois era a primeira vez que estavam ensaiando.

Dos alunos que não estavam participando, alguns foram até a lousa e ficaram desenhando. Outros em muitos momentos demonstravam que queriam estar participando, ficavam olhando sem entender a situação, levantavam da mesa e iam até o grupo, mas como não estavam participando voltavam e sentavam nas mesinhas.

Uma aluna mexia nas fichas com os nomes, depois conversava com a amiga sem saber o que fazer.

Outras prestavam atenção no ensaio.

As crianças que participavam tinham reações diferentes umas das outras:

- uma falava baixinho, baixinho;
- outro com semblante nervoso quase não conseguia repetir o que a

professora falava;

- outro repetia em meio tom igualzinho um robô;
- 4 alunos entram no meio pra cantarem uma música, mas eles não sabem então a professora é quem canta.

Numa música final todos devem participar, os que estavam de fora se entusiasma um pouco.

Os que faziam a peça estavam atentos, nervosos, com medo de errar, mas pareciam estar estimulados a desenvolverem o trabalho.

No momento final quando a professora chama as crianças que estavam de fora, a maioria delas vão correndo e muito satisfeitas para cantar, em seguida todos sentam.

A professora se aproxima do pesquisador e pergunta:

- "Teatro você também anota?"
- "Sim, pode ser sim."
- "Pois é, nós resolvemos fazer esse teatro para o dia das mães, eu enfeito as crianças com papel crepon, outras recitam, outros cantam, e chamamos as mães para participarem da festa. Portanto a semana que vem vou trabalhar de novo o teatro, e na outra é a festa. Então se você quiser vir tudo bem, você é quem decide."

O pesquisador decidiu em não ir às duas aulas seguintes por fugirem do contexto de um dia normal de aula.

4o. dia de observação - Data: 15/05/92

Horário: 13:10 hs às 13:45 hs

O pesquisador chega no momento em que todos os alunos e a professora estavam na roda da conversa, e diz para as crianças que o pesquisador estava lá para vê-los brincar, e pergunta do que eles

querem brincar.

Vários alunos sugeriram jogos que já conheciam, mas ela recusou dizendo que seria melhor brincar de alguma coisa diferente.

Ela explica a brincadeira do "maestro" e eles parecem interessados manifestando vontade de ser o maestro ou a pessoa que advinha.

Durante o jogo, as crianças demonstravam estar motivadas pelas expressões faciais e corporais que denotavam alegria, satisfação, prazer e atenção. Apenas um aluno manteve-se desinteressado por alguns momentos e depois voltou a participar novamente.

Foi a vez da aluna X, esta não comandava, e olhava para professora demonstrando insegurança, timidez, vergonha e que não havia entendido muito bem a brincadeira, e a professora fala:

- *"Você não quer brincar?"*

A aluna não responde e a professora pergunta novamente.

Ela mantém-se quieta como se não estivesse entendendo o que a professora dizia, e esta por sua vez exclama:

- *"Então você pára de fazer."* E chama outro aluno para continuar.

Pois era sempre a professora quem determinava quem ia fazer o quê.

As crianças como um todo, mostravam a maior empolgação quando movimentavam as pernas, os braços e os pés.

Duas alunas saem do grupo e vão sentar na mesinha, e a professora nem percebe.

Outra atividade: "telefone sem fio", as duas alunas voltam para o grupo para participarem, e quem inicia a brincadeira é uma delas.

Durante essa atividade a expressão das crianças era de ansiedade pela espera, olhavam os outros escutando a mensagem até chegar a sua vez. No decorrer da atividade alguns alunos demonstravam cansaço segurando a cabeça com o cotovelo apoiado no joelho, mão embaixo do

queixo, tronco curvado e braços cruzados.

A menina que iniciou não queria mais brincar e saiu, a professora chama-a dizendo que ela estava chata, e ela com carinha de desprezo disse que sim e voltou à roda.

Outra atividade "passa-passa gavião", as crianças se levantam rapidamente e gritam bastante:

- "Oba, oba, oba, eu sei! Eu sei!"

As crianças pareciam apreciar a brincadeira, sorriam, cantavam, andavam sem parar para ver se paravam na casinha. Como a classe é numerosa, esta brincadeira demora um pouco, por isso alguns meninos se mostravam impacientes, empurrando o colega da frente, pulando no lugar, rodando pra lá e pra cá, e as vezes correndo e escorregando.

Conforme paravam na casinha escolhiam uma cor e iam atrás de uma das meninas. Quando haviam poucas crianças na coluna, eles corriam mais, até a professora dar-lhes uma bronca.

No final, quando sobraram, 5 crianças elas curtiram bem mais, corriam, escapavam da casinha. E as que estavam atrás das meninas estavam inquietas, caíam, conversavam, empurravam as outras.

Quando terminou, a professora começou a contar quantos alunos havia em cada coluna, e eles foram ajudando com voz bem alta e forte. Então para terminar falou a equipe que era céu e a que era inferno e eles sem entender muito gritavam e batiam palmas.:

- "Céu, céu, céu! Inferno, inferno, inferno!"

As atividades físicas terminam por aí neste dia.

5o. dia de observação - Data: 05/06/92

Horário: 13:40 hs às 14:10 hs

Na semana anterior não teve aula em função da reunião dos pais.

A professora chega atrasada porque sua mãe estava no hospital. Enquanto ela não estava uma estagiária a substituiu. O pesquisador esperou a professora chegar para iniciar as observações. Quando ela chega fala para o pesquisador que a aula ia durar pouco tempo, pois as crianças tinham horário determinado para a merenda.

Começou a arrumá-los em duas colunas, pedindo para as crianças se misturarem entre meninas e meninos.

Comentou com o pesquisador que havia trabalhado com corda a fim de melhorar a coordenação e o equilíbrio.

A professora pega duas bolas e mostra às crianças fazendo algumas perguntas. Todas respondem com entusiasmo. Então explica que vão brincar de "bola ao túnel", eles manifestam-se que já sabem a brincadeira, mas se motivam bastante.

Pede para os alunos saírem da sala e ir para o pátio, porque lá tem mais espaço. As crianças adoram a idéia e vão para fora exclamando:

- "Oba! Oba!

Se mexem bastante, pulam, viram para os lados e tocam nos colegas.

A professora começa a arrumar as colunas para a brincadeira, e percebe que tem uma aluna sem par. Deixa-a de fora esperando e vendo as outras brincarem. A menina fica desconsolada.

Todo o grupo vibra muito durante a brincadeira, grita, pula, torce e bagunça no lugar. E a aluna que está de fora, mantém-se encostada na parede com as mãos para trás, mexe com os pés e fica olhando com vontade de estar participando.

O jogo empata e todos comemoram com muita alegria e orgulho do final. Durante o jogo a professora gritava para os alunos que não

faziam certo.

Começa-se novamente o jogo e a menina de fora foi se aproximando da fila e da professora, que pergunta para os alunos quem quer sair, e uma aluna diz que quer. Então entra a que estava de fora e sai a outra.

Durante o jogo a ansiedade, aflição, a velocidade e a agitação estavam à flor da pele na maioria das crianças. Elas pulavam, gritavam, não paravam quietas, às vezes até perdendo a bola e a vez de jogar.

A motivação foi intensa durante todo o tempo. Na repetição a professora se manifestou bem menos.

Uma das equipes ganhou e ficou contente por ter vencido, comemorando a vitória, e a outra equipe ficou chateada com o resultado.

Algumas crianças da coluna perdedora não queriam mais participar. Aí a professora faz uma votação para saber quem quer brincar de novo, e a maioria vence, escolhem repetir o jogo.

Uma criança do grupo estava com o nariz sangrando e a professora não viu, até esta ir até ela e mostrar. Ela se assustou e foi socorrê-lo deixando as crianças brincarem sozinhas.

Por dois momentos uma criança ficou sem a bola e devido a ansiedade que eles tinham e pelo fato de não saber jogar direito, nem perceberam que a outra equipe estava com as duas bolas.

Novamente a equipe vencedora é a que venceu anteriormente, e comemoram pulando, gritando, se abraçando. E a que perdeu não se manifesta, as crianças ficam olhando em silêncio a comemoração das outras. O desapontamento e o não entendimento do porque perderam era aparente, mas ficou por isso mesmo por parte da professora.

A professora pede para os alunos irem comer a merenda e se aproxima do pesquisador dizendo:

- "Você volta a semana que vem?"

- "Não porque hoje é a última vez."

Ela explica a questão dos horários dos recreios e da ocupação do pátio, e diz que vai dar uma atividade depois do recreio na sala, mais calma. O pesquisador aceita dizendo que ela é quem decide.

O pesquisador se dirige para a sala e fica esperando, até começar a ouvir um barulho e resolver voltar ao pátio. A professora estava formando um círculo e dizia que as crianças queriam brincar de "coelho sai da toca", e continua arrumando-os.

As tocas com os coelhos que já estavam prontas ficavam conversando e saindo do lugar demarcado. Sobra um aluno que vai ser o coelho que rouba a toca.

Começa a brincadeira e as crianças das tocas gritando avisam e chamam as que estão fazendo papel de coelhos.

Uma aluna tem uma reação muito lenta para este tipo de atividade, mas a professora não percebe. Ela mexia na bolsinha e não se preocupava em procurar uma toca. Enquanto as das tocas ficavam pulando até alguém entrar.

O contentamento, o prazer, a motivação foi intensa durante todo o tempo.

Os alunos do ginásio vieram para o pátio, a professora entra com os alunos na sala, pede para eles sentarem no círculo e diz que vai brincar de maestro.

Todos gostam da idéia e gritam:

- "Oba! Oba!"

Os movimentos dos alunos eram basicamente os mesmos, sem

criatividade nenhuma.

A aluna lenta demorou bastante para perceber quem era o maestro.

As crianças se mantinham atentas e muito alegres participando da brincadeira. Elas pediam para ir para fora toda hora, mas a professora não deixava escolhendo outras.

Alguns alunos não paravam para observar e adivinhavam por eliminatória, onde a professora chamou a atenção, pedindo para eles prestarem maior atenção.

Uma aluna parecia não ter entendido a brincadeira, demonstrando menor senso de percepção e observação, até que acertou por eliminatória. Parecia estar insegura, e com vergonha por não entender a brincadeira, mas a professora não tomou conhecimento sobre isso.

A maioria dos alunos gostou e participou do começo ao fim.

3.3. - Unidades de significado

1) As crianças ficaram brincando espontaneamente nos quadrados de saltar, saltitar, correr e andar. Mostravam alegria, diversidade de saltos, prazer e muita empolgação.

As crianças descontraídas se entretêm com algumas figuras geométricas desenhadas no chão, criando diversas formas de se movimentarem. A agitação, a criatividade e o contentamento é notório em cada criança.

2) - "Eles estão no recreio, vamos esperar os alunos do ginásio entrarem e aí eu dou algumas atividades nos quadrados."

O sujeito explica para o pesquisador que o momento é de divertimento, e que logo mais ele desenvolverá alguns trabalhos dirigidos.

3) Ainda no recreio, as crianças começaram a brincar de estátua, todos que estavam participando agiam com atenção e seriedade, além da descontração e do ânimo para brincar, se divertiam muito.

Durante o recreio outra atividade, as crianças muito atentas tomam parte da brincadeira. Mostram-se empenhadas e motivadas para brincarem, transmitindo muita satisfação e ludicidade.

4) Alguns alunos saem e sentam fora da roda, a professora chama-os de volta, eles relutam um pouco, mas voltam, e ela continua a explicação.

Alguns alunos retiram-se da formação circular, onde o grupo se encontra para ouvir as informações do sujeito. É atribuído-lhes que

retornem, mesmo não querendo cumprem o mandado, e o sujeito age como se nada tivesse acontecido.

5) A professora desenvolve alguns movimentos e pede para as crianças irem fazendo igual a ela, e as crianças por sua vez imitam-na direitinho.

O sujeito estabelece algumas ações para as crianças reproduzirem, e estas copiam com muita semelhança.

6) As crianças mostram impaciência, puxando-se, empurrando-se, não parando no lugar, e a professora sem perceber continua arrumando-os.

A colocação dos alunos em lugares determinados causa irritação e movimentação dispersiva por parte deles, e a não percepção do ambiente pelo sujeito.

7) Um aluno sai da turma e fica dando estrelas no pátio, a professora chamá-o de volta para o grupo.

Se expressando com liberdade um aluno produz movimentos ginásticos no espaço que circunda o grupo, mas o sujeito impede-o de continuar.

8) "Telefone sem fio". A palavra chega errada mas a brincadeira continua, onde os alunos estão satisfeitos e atentos durante a atividade.

Um jogo de tantas regras faz com que as crianças participem sem parar com muita alegria e suspense.

9) Uma aluna levanta e diz que não quer brincar. A professora aponta para o banco e diz: - "Então vai sentar." Outra aluna levanta e

vai sentar também, sem pedir para a professora.

A criança expressa a sua vontade de não participar da atividade, e o mestre não aceitando ordena-lhe que saia do grupo. Em seguida, uma outra criança sem a solicitação do mestre mostra sua vontade afastando-se do grupo.

10) Cada aluno fez a atividade achando lindo e gostoso fazer, era novidade. Os que estavam por último não viam a hora que a professora chegasse perto deles, eles riam, observavam com muita ansiedade.

No desenrolar de uma atividade desconhecida as crianças revelam-se muito entusiasmadas. Aquelas que esperam a vez demonstram aflição e vontade para que o sujeito se aproxime rapidamente, afim de concretizarem a ação.

11) Quando a atividade terminou, a professora começou a explicar o que era quente, frio, morno, e alguns alunos estavam muito desligados.

Após a execução da atividade, o sujeito inicia a explanação sobre temperatura, mas vários alunos ignoram a sua presença.

12) Outros mudavam de posição não se importando com o que a professora falava, estavam incomodados e desinteressados do assunto. Ela pede para eles prestarem atenção e ficarem quietos.

O sujeito percebendo que as crianças estavam irrequietas e desligadas da explicação, implora para elas se acalmarem e observarem-na.

13) Ficou claro que enquanto os objetos não chegavam eles tinham interesse, mas após sentirem-nos o interesse e o estímulo acabavam

e eles ficavam bem dispersos.

É evidente a expectativa que as crianças têm para conhecerem e tatearem os materiais, assim que isso acontece elas se tornam indolentes, desanimadas e desconcentradas.

14) As primeiras crianças riem, pois estão tímidas com vergonha e sem saber ao certo o que devem fazer. Aí a professora diz que elas não sabem ficar sérias, então não tem graça brincar. Mas continuou a brincadeira, e as crianças mudam as atitudes, passam a ficar sérias e a brincar conforme a regra.

Indecisas quanto ao que fazer, as crianças, mostram-se acanhadas e ansiosas no início do jogo. Então, o sujeito faz um comentário chantagista no desenrolar da atividade, e convence-as que existe uma regra e que esta deve ser cumprida.

15) Dos alunos que não estavam participando, alguns foram até a lousa e ficaram desenhando. Outros em muitos momentos demonstravam que queriam estar participando, ficavam olhando sem entender a situação, levantavam da mesa e iam até o grupo, mas como não estavam participando voltavam e sentavam na mesinha.

Em uma atividade em que apenas um terço dos alunos fazem parte, reações diferentes são reveladas pelos demais. Alguns se entretêm com desenhos, outros mostram impaciência e vontade de participar caminhando pela sala entre os colegas. Mas sem solução se acomodavam novamente.

16) Os alunos que faziam a peça estavam atentos, nervosos, com medo de errar, mas pareciam estar estimulados a desenvolverem o

trabalho.

Apesar de aparentarem apreensão e temor em falhar, os alunos exibiam motivação e orgulho no novo trabalho.

17) No momento final, quando a professora chama as crianças que estavam de fora, a maioria delas vão correndo e muito satisfeitas para cantar.

As crianças não escolhidas são convocadas para participarem. Prazeirosa e rapidamente elas se unem ao grupo.

18) Foi a vez da aluna X, esta não comandava, e olhava para a professora demonstrando insegurança, timidez, vergonha e que não havia entendido muito bem a brincadeira.

Encabulada, retraída e sem autoconfiança, uma aluna não é capaz de cumprir o seu papel de participante por não ter compreendido a atividade.

19) As crianças pareciam apreciar a brincadeira, sorriam, cantavam, andavam sem parar para ver se paravam na casinha.

Os alunos revelam prazer e euforia quando estão brincando e tentando alcançar o objetivo do jogo.

20) A professora pede para os alunos saírem da sala e irem para o pátio, porque lá tem mais espaço. As crianças adoram a idéia, vão para fora falando: - "Oba! Oba!"

O sujeito decide que as crianças devem brincar num espaço maior, com felicidade elas se dirigem para o local determinado, fazendo

comentários radiantes.

21) A professora começa a arrumar as colunas (bola ao túnel), e percebe que tem uma aluna sem par. Deixa-a de fora esperando e vendo as outras brincarem. A menina fica desconsolada.

Em função da organização de um jogo de competição, onde uma das regras determina 2 equipes com mesmo número de participantes, uma aluna é eliminada. Do lado de fora ela observa todas as outras com tristeza e aborrecimento.

22) Todo o grupo vibra muito durante a brincadeira, grita, pula, torce e bagunça no lugar. E a aluna que está de fora mantém-se encostada na parede com as mãos para trás, mexe com os pés e fica olhando com vontade de estar participando.

Todos excitados e motivados a vencer brincam animadamente. E a aluna excluída permanece como espectador almejando ser um jogador.

23) Começa-se novamente o jogo e a menina de fora foi se aproximando da fila e da professora, que pergunta para os alunos quem quer sair. Uma aluna diz que quer. Então entra a que estava fora e sai a outra.

Irá acontecer a repetição do jogo e a aluna espectadora vai até o grupo. O sujeito oferece uma chance a ela, mas elimina outra aluna, que se afasta voluntariamente.

24) Algumas crianças da coluna perdedora não queriam mais participar.

Várias crianças da equipe que não atingiu a vitória, insinuam que

não tem vontade de jogar novamente.

25) O desapontamento e o não entendimento do porque perderam eram aparentes, mas ficou por isso mesmo por parte da professora.

A equipe derrotada apresentou decepção e incompreensão pelo acontecido, no entanto o sujeito não se manifestou.

26) Uma aluna tem uma reação muito lenta para este tipo de atividade, mas a professora não percebe.

Uma criança revela oposição na forma de agir durante a atividade, e o sujeito mostra-se indiferente.

27) Uma aluna parecia não ter entendido a brincadeira, demonstrando menor senso de percepção e observação, até que acertou por eliminatória. Parecia estar insegura e com vergonha por não entender a brincadeira, mas a professora não percebeu.

Através de expressões faciais e corporais uma criança revela que não conhece o processo da brincadeira, e como o sujeito não nota a dificuldade da menina, esta faz opção própria para chegar ao objetivo, mesmo se sentindo acanhada e encabulada.

3.4. - Análise Ideográfica

A satisfação, a criatividade e a atenção estão presentes no grupo quando este desenvolve atividades por escolha própria. No entanto, o professor analisa esta situação como não educativa, eliminando o elo de ligação que deve existir entre o lúdico e a educação. (Itens: 1, 2, 3, 8, 19, 20).

Os alunos revelam-se excitados e ansiosos para adquirir novos conhecimentos através de atividades novas e desconhecidas. (Itens: 10, 13, 16).

Nos momentos que as crianças estão se movimentando explorando o espaço e o corpo, o prazer e a alegria são aparentes. A partir do instante em que imobiliza-se o corpo e somente o intelecto deve trabalhar, as crianças revelam-se insatisfeitas, desatentas e apáticas. (Itens: 1, 2, 3, 4, 8, 10, 11, 12, 19, 20, 22).

Ações e reações autoritárias este professor transmite para seus alunos, impedindo-os de se expressarem livremente durante o desenvolvimento das atividades. Disciplina e aprendizagem estão associadas a cumprimentos de regras e tarefas determinadas unicamente pelo professor. (Itens: 4, 5, 7, 9, 12, 14, 21, 23).

A organização dos alunos para que os jogos aconteçam de acordo com as formas já padronizadas é latente nas atitudes deste professor. Isto impede uma atenção maior aos alunos que demonstram indiferença, agitação e descontentamento. (Itens: 6, 9, 11, 13, 14, 21, 23, 25).

A possibilidade dos alunos não entenderem as atividades solicitadas é irrelevante para o professor, que não percebe o medo e a

incerteza dos alunos na execução das mesmas. (Itens: 14, 15,18, 21, 25, 26, 27).

A não modificação de regras padronizadas em determinados jogos provoca a não participação de alguns alunos em várias atividades. Sem explicações e sem a menor atenção o professor ignora estes alunos que sentem-se desprezados e rejeitados durante estes momentos. (Itens: 15, 17, 21, 22, 25).

A competitividade e a vitória são enfatizados no decorrer de alguns jogos trabalhados por este professor, que também não salienta em nenhum momento a importância do participar, do sentido de cooperação e do saber perder. Com isso as crianças mostram insatisfação e incompreensão pelo acontecido, e a professora por sua vez não percebe estas atitudes das crianças.(Itens: 21, 22, 24, 25).

Em vários momentos o professor desta situação parece contradizer-se, pois, ao mesmo tempo que mostra-se autoritário em suas atitudes com os alunos, revela-se indiferente aceitando as reações adversas das crianças. (Itens: 9, 15, 26, 27).

SUJEITO 4

4.1. - Características Gerais

Professor da Rede Oficial de Ensino há 21 anos e da pré-escola há 6 anos. Graduado em Pedagogia numa universidade estadual no interior do Estado de São Paulo.

A escola é de primeiro grau, situada na Vila Itapura, próxima ao centro de Campinas, com aulas de pré-escola nos períodos matutino e vespertino, ministradas pelo mesmo professor.

Com apenas uma quadra poliesportiva descoberta e um pátio coberto, as atividades físicas, na maioria das vezes, são desenvolvidas na sala de aula. A quadra é utilizada somente pelos outros alunos da escola.

Nossos encontros ficaram estabelecidos em uma vez por semana no período matutino após o horário do lanche, e duravam em média de 30 a 40 minutos. A turma era composta de 14 meninos e 12 meninas, onde todos participavam juntos das atividades propostas.

4.2. - Descrição Ingênua

1o. dia de observação - Data: 07/04/92

Horário: 10:30 hs às 11:00 hs

A professora estava iniciando uma atividade de pintura, os alunos receberam material e cada um ficou na sua mesinha.

Conforme foram terminando iam saindo das mesas e saltitavam num pé

só, com 2 pés, caíam, se levantavam no espaço entre as mesas.

Mostravam satisfação e companheirismo porque brincavam juntos, iam e voltavam sorridentes o tempo todo.

Até que um aluno passa uma rasteira no outro e este chama a professora que nem olha pra ver e ouvir o que aconteceu, estava entretida com outras coisas.

De repente ela fala alto e forte:

- *"Chegã, vai todo mundo sentar já. Nós vamos trabalhar isso."*

E as crianças voltam para os lugares não gostando muito, pois param de se divertir.

Ela distribui um fio de lã rosa para cada criança e pede para eles segurarem.

Depois de muito tempo ela explica que eles têm 2 mãos, a boba e a esperta. Com o objetivo de trabalhar a lateralidade, mas as crianças não entendem. Pede para eles amarrarem o fio na mão boba.

É uma confusão total, muitos se confundem com qual mão que escreve. Muitos vão pedir para o pesquisador amarrar, ficando claro que eles não sabiam ainda qual das mãos era a dominante, se confundiam muito.

A professora pára por alguns minutos mostrando para o pesquisador um trabalho e as crianças desatam a falar, até ela dar uma bronca.

Pede para eles levantarem a mão boba e a esperta alternadamente. Explica que o coração fica do lado da mão boba que é a esquerda.

Inicia outra atividade chamando aluno por aluno para saltitar com uma perna só do lado que tem o fio. Mas quase todos os alunos se confundiam.

As crianças ficavam observando, uns riam debochadamente, as vezes com maior intensidade, e o aluno que estava executando a tarefa

mostrava sensação de angústia.

Um aluno riu o tempo todo de todas as crianças e chamava-as por apelidos:

- "É uma sprite, magrinho!"
- "Ela parece um macaquinho!"
- "Linguiça,..."

E a professora não falou nada para este aluno.

Quando as crianças iam saltitar faziam expressões diferentes. Prazer, ansiedade, insegurança e satisfação. Num determinado momento começaram a bater palmas para cada aluno que ia.

A professora começa a chamar:

- "Mão boba, mão esperta."

E os alunos devem levantar qual ela chama, porém muitos erram e a professora não percebe e continua mais difícil ainda, falando direita e esquerda, e as crianças se confundem cada vez mais.

Bate o sinal e as crianças saem correndo para pegar as lancheiras e irem embora para casa.

2o. dia de observação - Data: 14/04/92

Horário: 9:55 hs às 10:30 hs

Após o recreio de 50 minutos, a professora entrou com as crianças para a sala, sentou-se ao lado do pesquisador e perguntou o que ela poderia dar, dizendo:

- "Você trouxe apostila?"

O pesquisador diz que não, e ela responde:

- "Acho que vou pegar uma bola então."

O pesquisador diz para ela fazer o que desejasse. Ela responde:

- *"Essa semana não fiz nada, pois estou preparando as cestinhas para a Páscoa, então você já viu né!"*

Em seguida levantou-se e foi mexer no armário, a classe impaciente e sem ter o que fazer conversava sem parar. Um aluno ia na mesa do outro, duas alunas brincavam de bate palmas, outros pintavam. Quando a professora percebeu deu um berro para todos fazerem silêncio; mas ela continuava no armário mexendo em alguma coisa que não foi possível ver. Quando saiu de lá berrou mais uma vez pedindo silêncio e para as crianças irem para os seus lugares.

Enquanto isso uma aluna saiu do seu lugar e foi insultar outro aluno; uma outra aluna passeava de mesa em mesa; outra ficou agachada perto da mesa da professora e outros também ficavam indo de mesa em mesa para conversar com os colegas.

Ela voltou e veio dizer para o pesquisador que ia fazer alguma brincadeira na sala mesmo porque não tinha preparado nada, tinha até esquecido que ele viria.

Pediu para as crianças fazerem um círculo sentadas no chão. Elas conversavam bastante para se colocarem e ela berra novamente:

- *"É humanamente impossível trabalhar com vocês."*

Pegou a bola e deu para uma criança passar para outra indo e voltando. Elas gostaram, ficaram mais atentas e entretidas com a atividade.

Em seguida, tinham que jogar a bola e pegar só com uma das mãos. Era muito difícil devido ao tamanho da bola e a pouca habilidade que as crianças possuíam para esta tarefa. No entanto eles prestavam muita atenção para conseguir; uns agarravam a bola, outros deixavam cair no chão. E quem não conseguia a professora falava:

- *"Não é assim, não é pra jogar com força, presta atenção que*

voce pega."

Em seguida ela foi ao meio da roda e começou a jogá-la de aluno por aluno com as duas mãos.

As crianças estavam adorando. Batiam palmas para quem acertava e vaiavam quem errava. Ela fala:

- "Agora vou mais rápido para ver quem consegue pegar sem errar."

As crianças que erravam punham os dedos na boca, torciam as mãos demonstrando estarem nervosas. Muitos erraram na primeira vez e na repetição acertaram.

Pulavam no lugar, riam, olhavam para quem estava jogando e pegando. Ficavam ansiosos esperando que a vez chegasse logo.

Um aluno nissei errou todas as vezes, a professora se dirige ao pesquisador dizendo:

- "O que que eu faço com ele, não pega uma?"

E o menino olhava para o chão, ficava balançando o corpo com transferência de eixo, entrelaçava os dedos, fazia caretas, muito ansioso e respirando fundo quando a bola estava chegando perto.

Ele acertou uma vez dentre todas as repetições que a professora fez com ele, todas as crianças bateram palmas.

Numa outra repetição a professora jogou várias vezes para ele. Algumas, ele conseguiu pegar, mas a maioria não e balançava o corpo durante todo o tempo. E as crianças batiam palmas e vaiavam.

Os meninos que acertavam mais vezes não paravam quietos no lugar, falavam, mexiam com os outros sem paciência para esperar a vez.

A atividade foi repetida várias vezes e as crianças se manifestavam com satisfação e alegria quando acertavam, e quando erravam ficavam desapontadas e com vergonha.

De novo no nissei, a professora diminuiu a distância e começou a

ficar mais fácil para ele pegar, desta vez acertou mais vezes, porém continuava balançando o corpo todo o tempo, segurava as pontas do agasalho, fazia caretas, ansiosamente, sem conversar com ninguém. A professora pergunta:

- *"Você vê a bola?"*

Ele balançava a cabeça em sinal afirmativo.

- *"Então pára de dançar."*

A partir de então ela jogaria a bola e quem errasse sairia.

Um aluno acertou e se mostrou todo orgulhoso, cheio de satisfação, saltitando e rebolando comentou:

- *"Não errei, não errei!"*

As crianças que iam saindo foram indo para as mesinhas.

E o jogo continuou até eliminar-se o maior número de crianças.

Dois alunos que já tinham saído viram estrela no meio da sala.

Sobraram só dois alunos no final, todos os outros meninos rolavam no chão, gritavam muito felizes pela vitória masculina.

As meninas não se importaram, a não ser a última que participou do jogo que perguntou para a professora porque eles estavam gritando, e ela respondeu:

- *"Os meninos são campeões, eles ganharam. Façam uma fila que eu vou dividir em 2 equipes."*

Enquanto isso as crianças se cutucavam, se empurravam, olhavam para as outras inquietas.

A professora pede para eles abrirem as pernas, o jogo é o "bola ao túnel", mas ela não explicou muito bem, então alguns alunos erravam por não saber e ficavam olhando com expressão de interrogação: o que eu faço?

E as crianças que já conheciam a brincadeira pulavam, gritavam,

torciam e assim as outras foram entendendo.

A agitação foi total, a professora gritava quando os alunos erravam dando atenção somente para uma das equipes.

- *"Eles ganharam, vocês dormiram no ponto."* Se dirigindo para a equipe que perdeu.

Este grupo ficou quieto e chateado olhando o outro comemorar aos berros e pulos.

Ela pede para eles se arrumarem para repetir, e a fila que perdeu fala bem alto e forte:

- *"Vamos detonar, vamos detonar!"*

Na repetição a agitação foi total, novamente a torcida era intensa.

A mesma fila foi a vencedora, e os perdedores foram sentar inconformados. E a professora pede para todos sentarem sem comentar nada a respeito da situação.

Quando a professora sai da sala para guardar as bolas, a turma vencedora fica gritando:

- *"Perderam, perderam, perderam..."*

E as outras tampavam os ouvidos e só olhavam desenchavadas com expressão de derrota, desapontamento e tristeza.

3o. dia de observação - Data: 28/04/92

Horário: 9:50 hs às 10:30 hs

As crianças entraram e sentaram para terminar uma atividade de pintura que haviam começado.

A professora foi até a mesa do nissei se dirigiu a ele e disse:

- *"Fulano você não faz nada, porque hein? Se você não fizer eu vou*

chamar sua mãe."

O menino estava de cabeça baixa, levantou a cabeça muito chateado, e ela pergunta se ele estava chorando, porque o seu olho estava vermelho.

Ele não respondeu. Ela perguntou alguma coisa para a estagiária e se dirigiu a dois alunos perguntando o que havia acontecido e ameaçou-os dizendo que ia chamar as mães, e que estavam por um fio na escola.

A professora foi até o armário e pegou 2 bolas, algumas crianças viram, sorriram e falaram:

- "Eba! Eba!" Indo contar para os amigos das outras mesas.

A professora fala para as crianças:

- "Parem um pouquinho com as atividades que nós vamos fazer um pouco de Educação Física. Formem 2 colunas."

As crianças levantaram-se das mesas e formaram as colunas, uma de meninos e uma de meninas.

Enquanto a professora contava quantos alunos havia em cada coluna, as crianças estavam eufóricas se mexendo o tempo todo.

A brincadeira foi "bola por cima da cabeça". Assim que começou a coluna dos meninos não parava de gritar, de se sacudir e se agitar.

As meninas mais quietas e bem mais calmas iam brincando. Nesta coluna estava o nissei que ficava sem se mexer o tempo todo, tendo um comportamento bem diferenciado das outras crianças. A professora chama atenção dele:

- "Vamos fulano passa a bola!"

Ele abaixa o olhar se mostrando inseguro. Ela chama atenção de outros alunos gritando, mas estes nem percebem por estarem entretidos com o jogo.

Durante o jogo algumas crianças participaram efetivamente,

principalmente os meninos que torciam e se agitavam muito. Ao passo que outras crianças não manifestavam nada, pareciam estar muito indiferentes à atividade. No final os meninos vencem e a professora fala alto:

- *"Os meninos são campeões!"*

Eles saem da coluna festejando muito, se abraçam, se jogam no chão, se empuleiram um no outro.

E as meninas olham bem decepcionadas e cabisbaixas, se afastando da festa dos meninos.

A professora pede para formar as colunas novamente. Nesse meio tempo os meninos ficam insultando as meninas:

- *"Perderam! Perderam!"* Várias vezes. E a professora não fala nada, só volta e fica esperando eles pararem. As meninas tampam os ouvidos, empurram os meninos não querendo ouvir os desaforos.

Com isso 5 meninas voltam à mesa e continuam a desenhar com desdém à atividade física.

Quando terminou a professora se dirige ao nissei e diz:

- *"Essa fila perdeu porque o fulano só dorme no ponto, não presta atenção e precisa acordar."*

Ele segurando a blusa nas pontinhas, abaixa a cabeça demonstrando chateação e tristeza com a observação feita pela professora.

Repetição do jogo. A manifestação das crianças foi como na vez anterior; portanto as meninas se mostraram mais entusiasmadas e com vontade de vencer. Mas os meninos ganharam novamente e a festa foi repetida.

Todas as meninas foram se sentar rapidamente e começaram a pintar, mas estavam frustradas, cabisbaixas e resmungavam bem baixinho. E os meninos vibrando em altos brados e grandes movimentos de pernas,

braços e cabeça.

A professora chama-os novamente para outra atividade: "saltitar com a bola no meio das pernas, em forma de estafeta.

Chama uma menina e um menino para escolherem a equipe e no fim ficou uma equipe feminina e outra masculina mesmo com eles escolhendo.

No início eles estavam mais calmos, pois era mais difícil, exigia mais concentração. Mas no meio da brincadeira começam a agitar, torcem, saem do lugar, pulam na coluna e fora dela e observam a equipe contrária.

Desta vez as meninas ganharam, a felicidade, a confiança e a satisfação voltou a brilhar nos seus corpos. Pulavam, sorriam, balançavam os braços, se abraçavam, gritavam comemorando o acontecido.

O desempenho do nissei e de outra aluna foi diferente da maioria, eles não saltitavam e sim andavam. E a professora:

- "Vai, vai, vai fulano!"

E o menino continuava fazendo o que conseguia.

Um círculo e a professora ao centro jogava a bola para cada criança, e estipulou que quem errasse sairia.

O nissei começou a balançar o corpo assim que ela parou de falar.

Cada menina que saía os meninos vibravam. E com isso as meninas foram saindo antes dos meninos, mas ficavam do lado deles observando com atenção para ver quem acertava e quem errava. Até que sobraram 3 alunos - 2 meninos e 1 menina.

A menina saiu logo e os meninos fizeram a maior festa novamente. E as meninas quietas e cabisbaixas foram para as mesas. Terminando esta atividade eles foram lavar as mãos e voltaram para os lugares a pedido da professora.

4o. dia de observação - Data: 12/05/92

Horário: 10:00hs às 10:40 hs

No dia 05/05 a professora não recebeu o pesquisador alegando que tinha muitas atividades para serem desenvolvidas em função do dia das mães.

Na sala a professora diz que vão para a quadra fazerem as atividades físicas. As crianças gritam sem parar, e ela os repreende dizendo que se gritarem não vão.

Estão no portão que está fechado ansiosíssimos para entrarem na quadra. Quando ela abre o portão eles saem correndo pela quadra toda. Uns vão brincar na rede de vôlei, outros na amarelinha, outros fazem cabo de guerra com a corda. Todos muito excitados, livres, alegres e motivados só de estarem lá.

A professora pede para formar um círculo, e quer explicar alguma coisa mas não consegue porque as crianças não paravam de se movimentar e falar. Inicia-se uma atividade com corda rasteira no chão a qual as crianças devem pulá-la.

Um aluno sugere que quem não pular sai fora e deve ser menino contra as meninas. E ninguém da classe fala sobre isto.

A professora faz uma vez para treinar e diz que não vai dar porque a corda é muito grande e pesada.

Inicia-se outra atividade, ela e a estagiária segurando nas pontas da corda começam a balançá-la no chão para as crianças saltitarem.

As crianças continuam agitadas e querendo fazer a atividade. O nissei faz uma vez e sai da coluna para sentar longe do grupo; a professora nem percebe e ele fica fora da brincadeira.

As crianças que não conseguem não mostram ânimo para repetir e vão

correndo sentar no muro.

Depois de um tempo a professora vê o nissei para fora e chama-o.

Muda-se o jeito de mexer a corda, mas todos conseguem fazer ficando muito entusiasmados. Só uma aluna fora da brincadeira, mas a professora não percebe. O pesquisador pergunta a ela porque ela não volta para o grupo, e ela responde que não gosta de brincar porque está enjoada, em casa brinca bastante. Chega outra aluna e senta também, e as duas ficam conversando.

Um aluno que normalmente acerta tudo, errou uma vez e veio sentar. Então a assistente perguntou o porque dele estar ali, ele diz que a tia não mandou então ele ia voltar à brincadeira.

Outra aluna que estava sentada falou que não conseguia pular, então não ia lá.

Pular a corda: "aumenta - aumenta".

Todos participavam alegres, entusiasmados e orgulhosos, aproveitando bastante, corriam rápido para o final da fila até chegar a vez de pular.

De repente um aluno leva um tombo feio e a professora assustada pega-o e corre com ele para pôr gelo na testa.

Com isso a professora assistente fica com as crianças e pede para todos sentarem no chão e ensina-lhes uma música, a qual todos aprendem e ficam cantando e gesticulando o que a letra fala. Numa pausa alguns alunos saem correndo pela quadra a vontade e entram no parque.

Sozinhos, à vontade, com liberdade e espontaneidade eles estão adorando brincar do que querem, a professora volta com o aluno e permite que eles façam o que quiserem.

As crianças brincam onde querem e decidem a cada momento trocar de brinquedo. Quatro alunas saem para a quadra e ficam brincando juntas.

5o. dia de observação - Data: 19/05/92

Horário: 9:55 hs às 10:40 hs

O pesquisador chega e a professora vai até o armário para consultar um livro e escolher o que vai trabalhar com as crianças naquele dia. Enquanto isso as crianças ficavam indo de mesa em mesa conversar descontraidamente com outras crianças. Duas meninas ficaram dançando juntas um bom tempo, estavam alegres e descontraídas. Criaram muitos passos em conjunto felizes da vida. Nas mesinhas, alguns brincavam de equilibrar lápis, com o colega ou sozinho, expressando tranqüilidade, amizade pelos colegas e descontração.

Um ou outro aluno que estava quieto e sozinho sem conversar com ninguém. Enquanto isso a professora não estava na sala, ela tinha ido buscar um gravador.

Um aluno brincava de aplicar injeção nos colegas indo de um em um, com o lápis para fazer de conta que era a agulha, muito tranqüilo e gostando daquilo que fazia, sorria e conversava com os amigos.

A professora chegou e bateu palmas várias vezes pedindo silêncio, porque ela não ia gritar.

Ela explicou que ia colocar música e brincar de "estátua". As meninas vibraram com a idéia e se colocaram na frente quase grudadas na mesa dela, e os meninos ansiosos também se colocaram um pouco mais para trás.

Uma aluna foi falar que não queria, a professora ficou brava.

Música da Xuxa, todos radiantes dançavam, pulavam sozinhos e com os amigos, imitando a movimentação da Xuxa. A menina que não queria brincar demorou um pouco para se integrar com a brincadeira, estava bem desinteressada. Até que resolveu participar e se animou mais.

Um aluno estava de castigo sentado na sua mesinha, não podia levantar. E do lado dele havia um aluno parado em pé sem participar, e a professora nem viu.

Todos demonstravam muito prazer em estar desenvolvendo aquela tarefa. Os meninos criavam diversos movimentos de pular na música.

O menino do castigo delatava quem se mexia na hora da estátua, e a professora fala pra ele ficar quieto porque estava de castigo.

Os meninos se jogavam no chão várias vezes sem parar. As meninas imitavam a Xuxa o tempo todo, todas faziam iguais.

A música pára e a professora fala para eles descansarem, mas eles não paravam quietos. E ela diz:

- "Agora vocês vão andar e eu vou falar "morto ou vivo"."

Os alunos vibraram de contentamento. Todos participaram com muito entusiasmo e motivação.

Durante o jogo um aluno falou para todos marcharem e a maioria começou a marchar. A professora pede para todos irem no fundo da sala porque ela vai riscar o chão.

O menino do castigo, na maioria das vezes tem comportamentos agressivos e rebeldes, e ele continuava lá.

Cada quadrado que ela fazia chamava uma criança, e as outras prestavam atenção e esperavam calmamente chegar a vez de ter um quadrado também.

Enquanto não terminava, os que já tinham lugar ficavam pulando livremente dentro e fora, e trocava de lugar com o colega.

Inicia a brincadeira "coelho sai da toca", eles gostam e se mostram ansiosos para não ficarem sem casas. Para trocar as crianças se mostravam motivadas e estimuladas para atingir o objetivo proposto. Empurravam o colega, corriam, sorriam, mexiam os braços, trombavam com

os colegas.

O nissei ficou fora 3 vezes seguidas, na quarta vez a professora ajudou-o a entrar num quadrado então ele conseguiu. Ele não se mostrava tão motivado quanto os outros, mas participava.

Colocou-se música novamente e todos começaram a pular.

Uma aluna sugeriu fazer a dança das cadeiras e a professora aceitou. Cada criança pegou sua cadeira e se colocou para iniciar a brincadeira. Quatro alunos ficaram de fora, um deles também estava de castigo.

Andavam em volta da cadeira, gesticulando, cantando e atentos na música.

Todos muito interessados e adorando fazer a atividade.

Quem não sentava saía fora. Estas crianças ficavam desapontadas mas continuavam prestando atenção nos outros. A vontade de conseguir sentar é muito grande, ninguém quer parar de brincar e todos querem ser o vencedor.

No final começaram a torcer para alguns alunos e a professora pediu para eles ficarem quietos para não atrapalhar. Eles pararam de torcer meio desanimados.

A menina que não queria dançar participou intensamente quase até o fim. Sobrando 2 meninos para o final os outros já comemoravam a vitória masculina, e torciam sem parar. Os dois estavam muito tensos.

Aí quando terminou o que conseguiu sentar e vencer, a mudança da sua expressão foi instantânea, ficou felicíssimo, e todos festejaram.

4.3. Unidades de significado

1) Mostravam satisfação e companheirismo porque brincavam juntos, iam e voltavam sorridentes o tempo todo.

Todas as crianças reunidas se entretinham livre e espontaneamente, denotando muita alegria.

2) De repente a professora fala alto e forte: "Chega, vai para o mundo sentar já, nós vamos trabalhar isso." E as crianças voltam para os lugares não gostando muito, pois param de se divertir.

Gritando, o sujeito interrompe a brincadeira das crianças, justificando que vai desenvolver uma atividade. Surpresas e cabeisbaixas as crianças cumprem a ordem.

3) Ficou claro que os alunos não sabiam ainda qual das mãos era dominante e se confundiam muito.

As crianças revelam de forma evidente que ainda não são capazes de reconhecer qual lado do corpo prevalece na execução dos movimentos.

4) As crianças ficavam observando, uns riam debochadamente, às vezes com maior intensidade, e o aluno que estava executando a tarefa mostrava sensação de angústia.

Enquanto uma criança desempenha a tarefa, ansiosamente, por falta de convicção, as outras prestam atenção e gozam daquela que está executando.

5) A professora começa a chamar: - "mão boba, mão esperta". E os alunos devem levantar qual ela chama, porém muitos erram e a

professora não percebe e continua mais difícil ainda, falando direita e esquerda, e as crianças se confundem mais ainda.

Após uma confusa explicação o sujeito através de ordens de comando exercita o que foi ensinado. As falhas prevalecem e passam desapercibidas pelo sujeito que prossegue a atividade tornando-a mais complexa e embaraçosa para os alunos.

6) Pegou a bola deu para uma criança passar para outra indo e voltando. Elas gostaram, ficaram mais atentas e entretidas com a atividade.

O mestre determina uma tarefa com material, com isso as crianças revelam mais interesse, mais entusiasmo e mais prazer.

7) As crianças que erravam punham os dedos na boca, torciam as mãos demonstrando estarem nervosas.

Tensão e ansiedade fazem parte dos gestos e do semblante das crianças que não executam a tarefa como o sujeito prescreveu

8) Um aluno nissei errou todas as vezes. A professora olhou para o pesquisador e perguntou: - "O que que eu faço com ele, não pega uma?"

Uma criança revela-se incapacitada para realizar a tarefa. O sujeito dirige-se para o pesquisador reclamando e pedindo uma solução.

9) E o menino (nissei) olhava para o chão, ficava balançando o corpo com transferência de eixo, entrelaçava os dedos, fazia caretas, muito ansioso e respirando fundo quando a bola estava chegando perto.

Quando estava chegando a vez do aluno X jogar, ele expressa por gestos corporais muito medo, insegurança e angústia suspirando profundamente.

10) A atividade foi repetida várias vezes e as crianças se manifestavam com satisfação e alegria quando acertavam, e quando erravam ficavam desapontadas e com vergonha.

A cada reprise da atividade, no momento em que as crianças alcançavam o sucesso a situação exibia-se prazerosa, caso contrário elas revelavam acanhamento.

11) - "Façam uma fila que eu vou dividir em duas equipes." Enquanto isso, as crianças se cutucavam, se empurravam, olhavam para outras irrequietas.

O sujeito, imperativamente, ordena às crianças a formarem duas colunas. Colocando-se em ordem elas demonstram excitação, euforia e movimentação contínua.

12) A professora pede para os alunos abrirem as pernas, o jogo é o "bola ao túnel", mas ela não explicou muito bem, então alguns alunos errevam por não saber, e ficavam olhando com expressão de interrogação: o que eu faço?

Após uma explanação duvidosa do jogo feita pelo sujeito, os alunos não realizam os deslocamentos de maneira satisfatória, e encaram o sujeito solicitando ajuda.

13) A mesma fila foi vencedora, e os perdedores foram sentar inconformados. E a professora pede para todos sentarem sem comentar

nada a respeito da situação

Jogo de competição onde uma equipe é campeã por duas vezes consecutivas, e a adversária reage decepcionada indo assentar-se. O sujeito exige tranqüilidade dos alunos não conversando sobre a situação.

14) - "Fulano você não faz nada, porque hein? Se você não fizer eu vou chamar a sua mãe." O menino estava de cabeça baixa, levantou a cabeça muito chateado.

Dando bronca e ameaçando armar uma confusão, o sujeito se dirige a um aluno que está cabisbaixo e disperso com relação à atividade. Em seguida olha para o sujeito indicando desentimento e mágoa.

15) Enquanto a professora contava quantos alunos havia em cada coluna, as crianças estavam eufóricas se mexendo o tempo todo.

Enquanto o sujeito forma as equipes, as crianças movimentam-se muito animadas e agitadas para iniciarem a brincadeira.

16) - "Os meninos são campeões!" Eles saem da coluna festejando muito, se abraçam, se jogam no chão, se empoleiram um no outro. E as meninas, olham bem decepcionadas e cabisbaixas, se afastando da festa dos meninos.

A vitória da equipe masculina é consagrada pelo sujeito, e a comemoração feita por eles é intensa e unida. As meninas recebem a notícia e sentem-se derrotadas se retirando do grupo tristes e desapontadas.

17) Num jogo de estafeta as meninas ganharam, a felicidade, a confiança e a satisfação voltaram a brilhar nos seus corpos, pulavam, sorriam, balançavam os braços, se abraçavam, gritavam comemorando o acontecido.

Quando as meninas conseguem atingir a vitória, a autoconfiança e a alegria estufuziante fazem parte da festa, significando uma grande conquista.

18) Um círculo, a professora ao centro jogando a bola para cada criança. - "Quem errar sai." O nissei começou a balançar o corpo, assim que ela parou de falar.

Brincando de pegar e lançar a bola para o sujeito que se encontra no centro da roda, o aluno X revela corporalmente muita tensão e preocupação com o seu desempenho, devido a uma regra de exclusão imposta pelo sujeito para quem não conseguisse executar a tarefa.

19) Estão no portão que está fechado, ansiosíssimos para entrarem na quadra. Quando a professora abre o portão eles saem correndo pela quadra toda. Uns vão brincar na rede de vôlei, outros na amarelinha, outros fazem cabo de guerra com a corda. Todos muito excitados, livres, alegres e motivados, só de estarem lá.

Saindo da sala em direção a um espaço aberto e bem amplo, as crianças demonstram muita euforia. Chegando lá sentem-se tão felizes e libertas que movimentam-se sem cessar. Aproveitam para brincar de tudo o que tem direito e vontade, explorando ao máximo o espaço que lhes é oferecido.

20) O nissei faz uma vez e sai da coluna para sentar longe do grupo, a professora nem percebe e ele fica fora da brincadeira.

O aluno X executa a tarefa uma vez e sente dificuldades, então afasta-se do grupo e passa a observá-lo, mas o sujeito não nota a sua atitude.

21) As crianças que não conseguem executar a tarefa não mostram ânimo para repetir e vão correndo sentar no muro.

Várias crianças perdem a motivação quando se deparam com dificuldades encontradas na brincadeira, fugindo rapidamente da situação.

22) Numa pausa alguns alunos saem correndo pela quadra à vontade e entram no parque. Sozinhos, à vontade, com liberdade e espontaneidade eles estão adorando brincar do que querem.

Aproveitando uma ocasião de parada do sujeito, os alunos se deslocam por todo o espaço até entrarem no local dos brinquedos recreativos. Independentes, criativos, decidindo onde, como e o que fazer eles se deliciam brincando.

23), A professora vai até o armário para consultar um livro e escolher o que vai trabalhar com as crianças naquele dia. Enquanto isso as crianças ficavam indo de mesa em mesa conversar descontraidamente com outras crianças. Duas meninas ficaram dançando juntas um bom tempo, estavam alegres e descontraídas. Criaram muitos passos em conjunto felizes da vida. Nas mesinhas, alguns brincavam de equilibrar lápis com o colega ou sozinho, expressando tranquilidade, amizade pelos colegas e descontração.

O sujeito se instala num canto da sala para consultar material específico e separar algumas atividades para serem desenvolvidas com as crianças. As crianças se sentindo à vontade no decorrer desse tempo, agem com naturalidade e se expressam da forma como querem, onde a movimentação do corpo e a criatividade se fazem presentes. A calma e o companheirismo são revelados pelas crianças quando estão brincando sozinhas ou com os amigos.

24) A professora explicou que ia colocar música e brincar de estátua. As meninas vibraram com a idéia e se colocaram na frente quase grudadas na mesa dela, e os meninos ansiosos se colocaram um pouco mais para trás. Uma aluna foi falar que não queria, a professora ficou brava.

A brincadeira estipulada pelo sujeito sugere espontaneidade, liberdade e criação de movimentos. Diante disso os alunos excitam-se e mostram muita motivação. Entretanto uma aluna demonstra apatia pela atividade, mas o sujeito não aceita dando-lhe uma bronca.

25) O menino do castigo delatava quem se mexia na hora da "estátua", e a professora fala para ele ficar quieto porque estava de castigo.

Um aluno recebe uma punição a qual obriga-o a não participar da brincadeira. Mesmo assim, ele tenta participar apontando para o sujeito quem fugia à regra. Porém foi impedido de assumir qualquer posição porque estava de fora cumprindo uma advertência.

26) Quem não sentava saía fora, estas crianças ficavam desapontadas, mas continuavam prestando atenção nos outros. A vontade

de conseguir sentar é muito grande, ninguém quer parar de brincar e todos querem ser o vencedor.

De acordo com a regra do jogo a cada repetição algumas crianças vão sendo eliminadas, estas exibem decepção mas continuam concentradas nos molegas que estão jogando. Todos gostariam de poder participar até o final para ser o notável campeão.

27) Quando terminou o aluno que conseguiu sentar e vencer, a mudança da sua expressão foi instantânea, ficou felicíssimo e todos festejaram.

No final do jogo, apenas um menino sentiu o prazer da vitória, seu semblante era de nervoso e transformou-se imediatamente para alegre e vitorioso, mas todas as crianças comemoraram a felicidade do colega.

4.4. - Análise Ideográfica

A ludicidade se faz presente entre as crianças nos momentos em que o professor está ausente, motivando-as a brincarem entre si explorando a criatividade, o prazer e a liberdade de ação. (Itens: 1, 19, 22, 23, 24).

Preocupação excessiva com o grau de dificuldade de algumas tarefas, sob a ótica de que a complexidade aumentada gera eficiência, este professor se confunde nas explicações e se perde ao determinar algumas ordens. Os alunos mostram-se confusos e desmotivados. (Itens: 5, 8, 9, 12, 18).

A padronização das regras predomina durante as atividades, conduzindo o professor a não aceitar hipóteses de mudanças e a não atentar para a excitação e agitação dos alunos. (Itens: 5, 11, 12, 15, 18, 26).

Ser autoritário também é característica deste professor. A forma como impõe aos alunos as regras e ordens no decorrer das atividades, impede a liberdade de expressão e exige a obediência. (Itens: 2, 5, 11, 14, 24, 25, 26).

Obedecendo e cumprindo as ordens dadas pelo professor os alunos manifestam descontentamento, desprazer e ansiedade. E o professor, por sua vez, não percebe as reações adversas dos alunos. (Itens: 2, 7, 9, 12, 18, 26).

As crianças demonstram insegurança, tensão, ansiedade e desinteresse pelas atividades, em decorrência do não entendimento e da

falta de compreensão sobre o desenvolvimento das mesmas. (Itens: 3, 4, 7, 9, 12, 18, 20, 21).

São despertados sentimentos negativos nas crianças, quando os jogos de competição acontecem com grande frequência sob o predomínio do acerto, da vitória e do conflito; deixando de lado a importância da participação, da cooperação e da união. (Itens: 10, 13, 16, 17, 26, 27).

O acerto e a forma correta estipulada pelo professor de desenvolver as tarefas suscitavam nas crianças alegria intensa ou acanhamento e desinteresse. (Itens: 4, 6, 7, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 26).

CAPITULO VI

CONSTRUÇÃO DE RESULTADOS

1) Matriz Nomotética: os agrupamentos

O trilhar pelos caminhos das fases desta pesquisa sob abordagem fenomenológica, permite-nos chegar à última análise denominada de nomotética. Vimos até o momento as unidades de significado e a análise ideográfica que possibilita-nos visualizar o fenômeno de maneira individual e particular.

A matriz nomotética e, posteriormente, a análise nomotética mostrarão a passagem do individual para o geral, ou melhor dizendo nas palavras de Martins: "... é a resultante da compreensão das convergências e divergências que se mostram nos casos individuais." (72)

A matriz nomotética está associada à sistematização das unidades de significado retiradas das descrições ingênuas de cada sujeito. Lendo e relendo-as sempre que se fez necessário para que o fenômeno não se perdesse de vista e para que o rigor epistemológico se mantivesse presente, chegamos aos agrupamentos convergentes e divergentes dos sujeitos entre si.

Ao iniciarmos esta fase não possuíamos expectativas prévias a respeito dos pontos que iriam se desvelar a partir das observações e seus agrupamentos.

No caso do nosso estudo, a matriz nomotética ficou assim representada:

MATRIZ NOMOTÉTICA

AGRUPAMENTOS	SUJEITOS			
	01	02	03	04
01) ESPAÇO ABERTO SUGERE LIBERDADE AOS ALUNOS, QUE SE MOSTRAM AGITADOS, ALEGRES E CRIATIVOS.	XX	XX	XX	XX
02) DURANTE AS ATIVIDADES O SUJEITO NÃO ATENTA AS MANIFESTAÇÕES CORPORAIS DOS ALUNOS.	XX	XX	XX	XX
03) IMPOSIÇÃO DE ATIVIDADES PELO PROFESSOR É CONSTANTE.	XX	XX	XX	XX
04) PRESENÇA DO PROFESSOR INDICA SUBMISSÃO, MEDO E CUMPRIMENTO DE REGRAS.	XX	XX	XX	XX
05) DIANTE DE EXPLICAÇÕES CONFUSAS, OS ALUNOS REVELAM DESMOTIVAÇÃO, INSEGURANÇA, TENSÃO E ACANHAMENTO.	XX	XX	XX	XX
06) O CORPO DOS ALUNOS NA AUSÊNCIA DO PROFESSOR REVELA PRAZER, AUTONOMIA E CRIATIVIDADE.	XX	XX	XX	XX
07) O POTENCIAL CRÍTICO DA CRIANÇA É IGNORADO E RECRIMINADO PELO PROFESSOR.	XX	XX	XX	XX
08) A COMPETIÇÃO TRADUZ-SE PELA VITÓRIA, CONFLITO E SUCESSO, DESPREZANDO A COOPERAÇÃO.	XX	XX	XX	XX
09) OS ALUNOS REVELAM PRAZER, EUFÓRIA E AUTOCONFIANÇA COM A VITÓRIA; TRISTEZA, INCOMPREENSÃO E DECEPÇÃO COM A DERROTA.	XX	--	XX	XX
10) ATITUDES AUTORITÁRIAS DOS PROFESSORES SÃO MOSTRADAS NOS INTER-RELACIONAMENTOS.	XX	XX	XX	XX
11) EXCITAÇÃO E MOTIVAÇÃO SÃO DESPERTADOS NOS ALUNOS NO ENVOLVIMENTO COM ATIVIDADES NOVAS.	XX	XX	XX	XX
12) O PROFESSOR MOSTRA-SE PREOCUPADO RIGOROSAMENTE COM A ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES E O DESEMPENHO DOS ALUNOS DURANTE AS MESMAS.	XX	XX	XX	XX
13) ATIVIDADE FÍSICA É REVELADA PELO SUJEITO COMO RECREAÇÃO COM FIM EM SI MESMA.	XX	XX	XX	XX
14) O CORPO DO ALUNO É ENCARADO APENAS COMO MAIS UM COMPONENTE NO GRUPO.	XX	XX	XX	XX
15) AS ORDENS EXIGIDAS DESPERTAM DESCONTENTAMENTO E DESMOTIVAÇÃO NAS CRIANÇAS.	XX	XX	XX	XX
16) PARA ATINGIR AS METAS ESTABELECIDAS OS ALUNOS DEMONSTRAM AFLIÇÃO E HOSTILIDADE.	XX	XX	XX	XX
17) SUJEITOS SE CONTRADIZEM NO ATO EDUCATIVO.	--	XX	XX	--
18) ALUNOS RECHAÇAM VERBALMENTE AS ORDENS DADAS PELO PROFESSOR.	XX	--	--	XX

2) Análise Nomotética

Através da leitura da matriz nomotética, foi possível interpretarmos os elementos analisados do fenômeno que estamos buscando, com base nas convergências que se apresentam nas unidades de significado.

Essa análise e discussão permite-nos a verificação dos sentidos contidos nas observações considerando que " há sentido além de tudo aquilo que podemos dizer." (73) E ainda, Severino salienta que: "interpretar em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas..." (74) Pensando dessa forma, levantamos alguns pontos para podermos refletir.

2.1. O corpo e sua fala

Sendo a criança um ser livre em suas expressões corporais, manifesta-se pelo seu corpo algumas controvérsias às atitudes do professor, revelando que:

- Espaço aberto sugere liberdade de ação aos alunos, que se mostram agitados, alegres e criativos. (Agrupamento 01)
- Durante as atividades o sujeito não atenta às manifestações corporais dos alunos. (Agrupamento 02)
- Presença do professor indica submissão, medo e cumprimento de regras. (Agrupamento 04)

- O corpo dos alunos na ausência do professor revela prazer, autonomia e criatividade. (Agrupamento 06)
- O corpo do aluno é encarado apenas como mais um componente no grupo. (Agrupamento 14)
- Para atingir as metas estabelecidas os alunos demonstram aflição e hostilidade. (Agrupamento 16)
- Alunos rechaçam verbalmente as ordens dadas pelo professor. (Agrupamento 18)

Refletimos sobre o corpo unitário, indivisível, possuidor de sensibilidades, presente no mundo de relações com outros corpos e com o ambiente, onde a sua existência lhe dá possibilidades de comunicação. No entanto, o grande número de convergências revela-nos um antagonismo referente a esta discussão no mundo escola.

Essa situação nos preocupa em demasia por tratar-se de crianças, em idade pré-escolar, ou seja, crianças que estão em fase fundamental de desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais.

Considerando que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã sob o aspecto pensamento-ação, a situação torna-se mais preocupante, por denotar que a atividade física na pré-escola encontra-se desarticulada da educação global da criança. E, nesse contexto, o corpo é considerado como um objeto reprodutor de movimentos e de ações previamente estipuladas pelo professor.

Essas ações corporais das crianças durante as atividades físicas

na pré-escola vão ao encontro de alguns pontos levantados por Freire (75) numa de suas reflexões sobre a Educação Física escolar vivida ainda nos dias de hoje, onde o enfoque está voltado para o corpo, para as idéias e para os sentimentos que continuam sendo controlados. Esse corpo acabará imobilizado, sem reações, sem vibrações, tornando as idéias conservadoras, tensas e rígidas.

Recorrendo às unidades de significado dos sujeitos constatamos que as manifestações das crianças se mostram visíveis, bem como a não percepção das mesmas pelos sujeitos.

Sentir as emoções, transmitir vontades, decidir sobre o que quer fazer, explorar as potencialidades com vigor, são mensagens emitidas pelas crianças através dos movimentos corporais e os professores, por sua vez, não consideram significativas mediante o que denotam entender por ação pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

Continua prevalecendo o corpo que corre com mais velocidade, que é capaz de pegar a bola mais vezes sem deixá-la cair no chão, e tantos outros mais que aparecem enfatizados durante as atividades. O "ter" e o "poder" corporal ainda predominam o "ser-corpo" que pensa, age, sente e se comunica pelos seus gestos e expressões.

Compreendemos que diante dessa situação o elo de comunicação corporal existente entre o professor e os alunos, não acontece harmoniosamente, pois, sentimentos expressos corporalmente pelas crianças, como o medo, a submissão, a aflição e a hostilidade mostram que as mensagens corporais emitidas não são percebidas e nem interpretadas.

A atividade física na pré-escola não cultiva a liberdade e a potencialidade dos corpos individualmente e em grupo, pois os atos pedagógicos são voltados à crianças idealizadas sob o ponto de vista que disciplina está, diretamente, relacionada ao silêncio e à imobilidade. O corpo, neste sistema escolar, é encarado como duas partes distintas e separadas. O raciocínio só acontece se a criança estiver "presa" à cadeira sem se comunicar com as demais, e o movimento parece ter significado somente quando está cumprindo, corretamente, uma ordem estabelecida pelo professor.

Nestes momentos as crianças se ressentem e "falam" para quem quiser "ouví-los", que o corpo tem sensibilidade, está presente e tem existência, além do conjunto de músculos e órgãos que o compõem. A agitação e a ansiedade fazem parte destas ações das crianças, e principalmente, a criatividade e a autonomia que são impedidas de serem exploradas na presença do professor, aparecem quando este se ausenta de maneira enfática.

O gesto, a expressão corporal que conduz o homem a ser livre e humanonos seus momentos históricos, na cultura que o rodeia, tornando-o um ser-no-mundo continua despercebido e não compreendido.

O homem integrado pelo corpo movimento, pelo corpo sentimento e por todos os outros corpos presentes no seu viver que o possibilita ser um único corpo, está vinculado ao fenômeno da motricidade humana. Mesmo detectando que muitos indivíduos que trabalham com o corpo se mostram distantes desta realidade, devemos acreditar e fazer acontecer as seguintes palavras de Freire:

"Pela motricidade o homem se afirma no mundo, se realiza, dá vazão à vida. Pela motricidade ele dá registro de sua existência e cumpre sua condição fundamental de existência. A motricidade é o sintoma vivo do mais complexo de todos os sistemas: o corpo humano." (76)

2.2. As relações intersubjetivas

Discutimos neste estudo questões sobre a criança pré-escolar e o seu mundo de relações na escola. Estando presente no contexto escolar e se comunicando com o mundo, nos detivemos em salientar algumas convergências referentes a estas situações, as quais nos permitem compreender alguns fatos importantes relacionados à postura do professor. Entre eles encontramos:

- Imposição de atividades pelo professor é constante.
(Agrupamento 03)
- Diante das explicações confusas, os alunos revelam desmotivação, insegurança, tensão e acanhamento.
(Agrupamento 05)
- Atitudes autoritárias dos professores são mostradas nos inter-relacionamentos. (Agrupamento 10)
- O professor mostra-se preocupado rigorosamente com a organização das atividades e o desempenho dos alunos durante as mesmas. (Agrupamento 12)

Pensando no homem corporal e sua existência no mundo humano pela ação e expressão, nos colocamos em oposição à falta de diálogos existentes entre professor e aluno, ao excesso de autoritarismo do professor, e também à visão distorcida deste sobre o ser criança.

Infelizmente a criança continua sendo encarada como um ser dotado de fragilidades nos momentos em que o professor "ser superior" dita as regras. Ao mesmo tempo que a criança é considerada frágil, sem capacidade para criar e ter autonomia para decidir, ela deve entender todas as informações dadas pelo professor. Os erros não podem aparecer, e quando aparecem geram cobranças do professor para com a criança, ou, não são observados como deveriam ser. Essas contradições reveladas nas ações com a criança e com o grupo em geral, provocam expressões sensíveis nas crianças.

Percebemos que durante as atividades físicas na pré-escola a criança é tratada pelo professor como um "bonequinho" capaz de repetir, obedecer e se intimidar diante das mensagens corporais e orais do professor em suas formas de comunicação. Isto nos mostra que a atividade física, mesmo dirigida às crianças de 6 a 7 anos, continua tendo características militaristas, ou seja, o professor como comandante das situações e os alunos como cumpridores de deveres.

Os professores pré-escolares se preocupam, principalmente, com o conteúdo a ser desenvolvido no período escolar, deixando completamente de lado, as situações que envolvem a criança e o seu desenvolvimento psico-social, tais como, a amizade, o afeto, o carinho e o diálogo que conduzem o ser-criança a se tornar um ser-humano.

Ao mesmo tempo, o desempenho infantil é cobrado com o intuito de mostrar aos pais e demais interessados, que as crianças são capazes de executar as tarefas estipuladas de forma satisfatória e correta, diante do que é padronizado como certo e errado. Não é levado em consideração que cada criança é um ser único diante do grupo como um

todo. Pois, toda a criança tem o seu mundo particular e individual fora do ambiente escolar, favorecendo um modo de viver diferenciado de criança para criança.

Com isso não queremos dizer que a criança pode e deve fazer tudo o que quiser e em quaisquer momentos. Deve sim, o professor cumprir o seu papel de mediador sendo um inter-locutor de mensagens e informações; ter autoridade transmitindo confiança e segurança às crianças; ser flexível no tocante às mudanças do planejamento e programa de curso; mostrar às crianças que todos nós devemos ter consciência de nossos limites; possibilitar troca de experiências da criança com o meio, envolvendo o espaço, as outras crianças e o próprio professor; procurar entender e aceitar as relações corporais existentes no mundo humano de um modo geral, para poder desempenhar o seu papel de educador.

Embora isso não aconteça nestas escolas pesquisadas, não podemos perder de vista que a relação professor-aluno deve fruir dessa maneira, possibilitando à criança um desenvolvimento global benéfico às suas próximas etapas da vida, tornando-a um ser possuidor de qualidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas, sendo humana e sensível.

A criança, na idade pré-escolar, se descobre como um ser que é corpo, alma, intelecto e sensibilidade de forma integrada vivendo no mundo onde todas as situações acontecem a partir da comunicação, interna e externa, com o ambiente no qual a criança está inserida. No entanto, estas questões básicas de desenvolvimento infantil aparecem dissociadas e sem importância nas inter-relações entre o professor e a

criança durante as atividades físicas.

Esse quadro nos permite visualizar que fatores de ordem estrutural, desde a formação básica do professor até o funcionamento do sistema pré-escolar de ensino, geram problemas que vêm afetar, diretamente, a prática pedagógica destes professores. Isto não deve ser uma justificativa aceitável e provocadora de comodidade aos educadores, mas sim, o despertar para uma atenção cuidadosa ao papel que é atribuído ao professor pré-escolar.

Ser provocador e mediador de situações conduz o professor a ser um educador, criando possibilidades para uma visão globalizada do ser criança como ser-no-mundo. E especificamente, nas atividades físicas em que o corpo deve aparecer agindo por inteiro, e não ser encarado apenas como executor de movimentos, permitirá o desabrochar de todas as formas de expressões e sentimentos nas inter-relações do grupo como um todo. Caso contrário, Santin salienta:

"É assim que o homem cresce, vivendo o corpo distraidamente. Sua atenção, desde muito cedo, é atraída, estimulada e dirigida para o desenvolvimento da inteligência. Pouco se sabe sobre a maneira de cultivar o corpo, tanto que a Educação Física quase não existe para as instituições pré-escolares,..." (77)

2.3. O processo educativo e a ludicidade

Encontramos no decorrer do estudo fatos importantes referente à educação infantil, que durante as atividades físicas se encontram atrelados à ludicidade de forma controvertida. Entre eles destacamos:

- Espaço aberto sugere liberdade aos alunos, que se mostram agitados, alegres e criativos. (Agrupamento 01)
- O potencial crítico da criança é ignorado e recriminado pelo professor. (Agrupamento 07)
- O professor mostra-se preocupado rigorosamente com a organização das atividades e o desempenho dos alunos durante as mesmas. (Agrupamento 12)
- Atividade física é revelada pelo sujeito como recreação com fim em si mesma. (Agrupamento 13)

Quando falamos em educação infantil, acreditamos ser esta um processo de descobertas e conhecimentos pelo qual todas as crianças devem passar. Tratando-se de um processo, temos em mente que todas as experiências possíveis e imagináveis devem se fazer presentes no mundo da criança, conduzindo-a a tornar-se humana.

A observação da criança no seu mundo infantil, que em nosso estudo está relacionado às atividades físicas na pré-escola, mostra-nos que o lúdico do ponto de vista do prazer, da satisfação e do auto-conhecimento, está sendo deixado de lado. Isso em detrimento de relacionar a educação da criança pré-escolar com o seu futuro de forma única e exclusiva, voltada somente ao aspecto cognitivo.

Não negamos que é fundamental e básico investirmos na criança de hoje, porém, deve-se levar em consideração em qualquer trabalho a ser desenvolvido na infância, todos os aspectos que envolvem este ser. Não podemos esquecer que hoje ela é criança e deve viver o presente como criança, sendo respeitada de acordo com suas características de

desenvolvimento bio-psico-social e também de acordo com suas habilidades motoras. O nosso pensamento se concretiza com as seguintes palavras de Marcellino:

"De modo geral, o que se observa na nossa sociedade, com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence. Acredito que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança. E ao negar a esperança para a faixa etária infantil, a sociedade nega para si como um todo, a esperança de um futuro novo." (78)

Verificamos na pré-escola a possibilidade ou, até mesmo, uma tentativa da vivência do lúdico; no entanto, há um afastamento dessa experiência. O professor, através de seus atos nas inter-relações com as crianças, opta em usufruir do poder que lhe é conferido de maneira autoritária e ditadora. Esquece que a criança também sente, percebe e sabe avaliar para poder escolher o que é bom ou ruim para ela naquele momento.

Nessa circunstância, demonstra-se que o importante não é o corpo da criança se expressar falando, sentindo e percebendo, mas sim executar movimentos determinados pelo professor, da forma mais correta possível. Questionamos então, qual a relação do jogo, da brincadeira e do brincar com a educação, nestes momentos de atividades físicas?

Parece que esta relação deixa de existir devido às inquietações dos professores estarem voltadas à quantidade de jogos e brincadeiras que são desenvolvidos no momento da aula. Joga-se pelo jogar, brinca-se pelo brincar; desprezando os valores intrínsecos e extrínsecos que estes possuem no seu caráter educativo.

É permitido à criança brincar e se envolver com o prazer e com a fruição do jogo, desde que ela possa ser controlada e manipulada pelo ser "superior" - o professor, obedecendo as regras, o tempo, a organização e o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras, previamente estipulados.

Criar não é necessário. Criticar e opinar é totalmente dispensável. O conhecer a si próprio e aos membros do grupo não é nada relevante. Mudar alguma coisa é sinal de perigo e ameaça. Essas regras fazem parte do processo educativo? Acreditamos que não; para acontecer o processo educativo tudo isso deve se desenrolar de forma contrária, permitindo à criança que vivendo num mundo de relações e comunicações ela descubra a si mesma e aos outros.

Estas oposições entre educação e o lúdico, demonstradas pela comunicação corporal das crianças, não podem acontecer. O espaço, a liberdade, o respeito, o convívio com o meio ambiente, o prazer, a alegria devem ser presença obrigatória nas atividades físicas da pré-escola. Vivenciando o seu corpo integrado com o movimento, com o intelecto e com a sensibilidade, a criança conhecerá e descobrirá o mundo que a rodeia no presente e, conseqüentemente no futuro.

O corpo, nesse contexto, terá chance de participação nas experiências que lhe serão propostas e não impostas, com harmonia, espontaneidade e entendimento, tornando-se um ser disposto a participar ativamente do grupo ao qual encontra-se engajado.

Em outras palavras, Marcellino salienta:

"...a grande questão, a ser respondida pela filosofia da educação, está ligada ao entendimento da relação entre a ação educativa e a preparação para o futuro, mantendo o "absurdo do real", ou a preparação do futuro, colaborando para derrubar a "realidade" e fomentando a criatividade, preparando a instauração do novo." (79)

2.4. Aspectos motivacionais nas atividades físicas

Um último ponto em que detectamos convergências marcantes entre os sujeitos pesquisados, diz respeito aos aspectos motivacionais existentes durante as atividades físicas desenvolvidas.

Pelas manifestações corporais das crianças, no decorrer dessas atividades, situações diversas revelaram-nos a presença da motivação.

Segundo Winterstein (80) a motivação aparece a partir da existência de algo que vem desencadear no indivíduo uma ação direcionada a um objetivo. Esta poderá acontecer de maneira e intensidade diferenciadas por estar, diretamente, ligada ao próprio indivíduo, ao meio ambiente e à situação.

A criança, em nosso estudo, manifesta-se motivada sob diferentes formas. Em muitos momentos ela está sózinha, em outros ela se encontra participando do grupo, ou também, se relacionando com o professor; sem perder de vista o meio ao qual ela está inserida. Para estas situações provocarem sensações de motivação ou desmotivação, a ação do professor é que, na maioria das vezes, é responsável por estas sensações despertadas nas crianças.

Pudemos observar que as crianças, diante de situações constrangedoras, exacerbam variados movimentos corporais, permeados por ansiedade, excitação, conflito e disputa afim de serem capazes de

atingirem alguns objetivos estabelecidos. Isso está atrelado ao fato dos jogos competitivos serem enfatizados na perspectiva da vitória, do sucesso e do melhor desempenho. A motivação está presente, mas será que esta é a única forma para se motivar uma criança?

O professor, em nenhum momento, percebe que estas ações corporais que as crianças desencadeiam para alcançarem os objetivos, muitas vezes prejudica o ser criança em toda e qualquer situação que ele venha a se envolver. A motivação é tão aparente que o corpo passa a ser encarado como bom ou ótimo, a partir do momento que junto com outros corpos, for capaz de alcançar a vitória. Se o corpo está apto ou não a realizar tal tarefa, não importa; se o corpo está gostando ou não de participar daquela atividade também não é importante; se o corpo se cansa ele não pode parar, e sim agüentar até o final da atividade.

Porque não atentar para a cooperação e a união entre os participantes nos jogos em equipes? Quando as crianças se sentem incentivadas a cooperarem entre si, a participarem de maneira a contribuírem, efetivamente, com o jogo, o interesse e a motivação aumentam consideravelmente e, em conseqüência o desempenho nas tarefas também é melhorado. Dessa forma, a agitação e a ansiedade que as crianças experienciam aparecem, mas são perfeitamente controláveis, possibilitando um brincar fruído, prazeroso e satisfatório.

Uma situação contrária a esta conduz as crianças a se depararem, com situações desmotivantes que desencadeiam insatisfação, insegurança, decepção e frustração favorecendo um afastamento da criança às próximas atividades ou jogos.

Por estar descobrindo e experienciando o mundo de sentimentos e relações afetivas e sociais, as crianças necessitam nestes momentos da intervenção do professor como um mediador de situações. Ele deve se ater ao desenvolvimento da atividade ou do jogo de forma global, em que a participação de cada criança seja primordial na relação com as outras crianças e com o ambiente. E não se preocupar, excessivamente, com o grupo que se desempenha melhor, atribuindo ordens e exigindo o cumprimento rigoroso das regras, afim de que o vencedor seja revelado para ser homenageado diante dos outros.

Acreditamos que nessa faixa etária, na pré-escola, deve ser dada à criança liberdade para vivenciar os mais diversificados jogos e atividades de maneira que ela possa, gradativamente, conhecer, modificar e utilizar ou não as regras já existentes. Novas atividades geram sentimento de desafio nas crianças, que se mostram estimuladas e empenhadas a participarem para descobrirem tudo que envolve o processo, da nova brincadeira ou do novo jogo.

Para tanto, o professor não deve ser ríspido nem autoritário para não provocar um truncamento no processo de descoberta do novo, e sim estimular a criança a manter-se envolvida com a atividade.

Se a criança na relação com as outras crianças e com o meio for estimulada e motivada a participar de qualquer atividade, grupal e ou individual, se inter-relacionando com autoconfiança e prazer, ela terá maiores chances de ser na sua existência e presentidade.

As contradições demonstradas pelos professores existem e são muitas, entre elas citamos: a maneira de se conduzir uma atividade, os aspectos afetivos e sociais observados nas crianças e no grupo, a

percepção nas ações corporais das crianças, e às limitações impostas ao agir e ao sentir. Estas podem provocar nas crianças uma oscilação nos aspectos motivacionais, que por sua vez, influenciam diretamente em mudanças de comportamentos.

Na matriz nomotética deparamo-nos com estas convergências nos seguintes itens:

- A competição traduz-se pela vitória, conflito e sucesso, desprezando a cooperação. (Agrupamento 08)
- Os alunos revelam prazer, euforia e autoconfiança com a vitória; tristeza, incompreensão e decepção com a derrota. (Agrupamento 09)
- Excitação e motivação são despertados nos alunos no envolvimento com atividades novas. (Agrupamento 11)
- As ordens exigidas despertam descontentamento e desmotivação nas crianças. (Agrupamento 15)
- Para atingir as metas estabelecidas os alunos demonstram aflição e hostilidade. (Agrupamento 16)

NOTAS

- (72) MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Ed. Moraes, 1989, p.106.
- (73) REZENDE, A. M. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo, Cortez, 1990, p.16.
- (74) SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 15a. edição, São Paulo, Cortez, 1989, p.130.
- (75) FREIRE, J. B. Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...), in MOREIRA, W. W. (Org) Educação física e esportes - perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992, p. 109.
- (76) _____. De corpo e alma: o discurso da motricidade humana. São Paulo, Summus, 1991, p. 63.
- (77) SANTIM, S. Perspectivas na visão da corporeidade. in MOREIRA, W. W. (Org) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992, p. 54.
- (78) MARCELLINO, N. C. Pedagogia da animação. Campinas, Papirus, 1990, p. 57 - 58.
- (79) _____. op. cit. p. 83.
- (80) WINTERSTEIN, P. J. Motivação e educação física, Campinas, s.d. p.2 (mimeografado)

A EXPRESSÃO DOS PENSAMENTOS DIZ...

(CONCLUSÕES)

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, onde os procedimentos realizados basearam-se no estudo do fenômeno situado de forma perspectival, nos parece incoerente falar em conclusões, pois, estas indicam ponto final e tudo acabado, com poucas chances de continuidade. Diante desse trabalho não podemos pensar nessa possibilidade devido ao fenômeno por nós estudado; à linha de pesquisa adotada; a abordagem metodológica utilizada; e principalmente no que acreditamos ser e fazer "ciência".

Ao chegarmos nessa fase do estudo, não somos capazes de dizer se estamos felizes ou tristes. São tantos momentos que vivemos e experienciamos nessa caminhada que, ao depararmo-nos com a última placa de chegada, respiramos e pensamos: e agora... o que ficou?

Quanto pensar no homem-corpo presente no mundo, se relacionando com outros homens num contexto histórico, possuidor de sensibilidade para sentir e perceber tudo o que acontece consigo próprio e ao seu redor.

Quanto pensar na criança que é um ser a desabrochar para o mundo, carregando tudo o que lhe for ensinado e mostrado pelas várias formas de comunicação.

Quanto pensar no corpo que "fala", se expressa e gesticula pelas ações e movimentos livres, os quais permitem as trocas de informações com o mundo na sua existência.

Quanto pensar na pré-escola como um lugar permeado por coisas boas para receber as crianças da primeira infância, mesmo enfrentando problemas variados.

Quanto pensar no pensar, para poder escrever algo que talvez o corpo dissesse com facilidade, sem restrições e com naturalidade.

Mas não podemos esquecer que este trabalho é de caráter científico, e são as palavras contidas nele que poderão expressar o que os nossos pensamentos dizem sobre cada tema refletido e discutido com outras pessoas as quais compartilhamos nossas idéias.

Perguntamos a nós mesmos: será que nesse momento somos capazes de desvelar todos os questionamentos que fizemos no desenrolar do estudo? Acreditamos que sim, e mais, compreendemos também algumas reflexões que não foram mencionadas anteriormente, mas foram detectadas.

Podemos compreender a falta de diálogo corporal existente entre os professores e os alunos durante as atividades físicas na pré-escola. Vários fatores contribuem para que essa situação seja constante nos ambientes escolares, onde estivemos presentes. Estes tornaram-se aparentes à medida que fomos nos aproximando, cada vez mais, do fenômeno, e com isso nos deparamos com uma realidade pré-escolar alarmante e assustadora.

Uma realidade onde encontramos inúmeros NAOS voltados às crianças, aos professores, ao processo ensino-aprendizagem, ao sistema estrutural e organizacional da pré-escola, às atividades físicas e, principalmente ao corpo do indivíduo como veículo de comunicação com o mundo. NAOS estes que exibem-se no sentido pleno da palavra mostrando

problemas, contradições, oposições e distanciamento existentes, relacionados ao fenômeno que procurávamos compreender dentro do seu contexto histórico e social.

Estas situações permeadas pela negação, agora sim, **NAO** podem nos deixar abater, e sim nos inspirar a continuar buscando, desvelando e contribuindo para que se inicie um processo de conscientização e informação a todas as pessoas envolvidas com o tema estudado, afim de que estas situações apresentem mudanças.

A distância existente entre a Educação Física e a pré-escola é preocupante. Constatamos com este estudo que o desenvolvimento corporal da criança é de fundamental importância, sob todos os aspectos que a envolvem, para que ela possa se tornar um ser humano e viver num mundo de relações. No entanto, os fatos apresentados são outros.

O importante continua sendo o desenvolvimento das capacidades intelectivas e habilidades manuais, para se desenhar, pintar, escrever as letras e os números o mais semelhante possível aos padrões estabelecidos. Dessa forma torna-se evidente que as atividades desenvolvidas mostram-se separadas do corpo; o importante é "trabalhar" o pensamento lógico, a alfabetização atrelados à coordenação motora fina. Todas as outras partes do corpo, que também merecem atenção, são abandonadas, esquecidas e dissociadas do pensamento e da ação.

A "ciência" Educação Física parece ser uma "fantasia" no ensino pré-escolar. São desconhecidos todos e quaisquer objetivos, idéias e valores atribuídos à Educação Física infantil, provocando nos

professores incompetência e desinteresse para desenvolver qualquer trabalho ligado a esta área, e, quando desenvolvido, apresenta inúmeras falhas e inseguranças, gerando na criança sensações corporais negativas e frustrantes.

O corpo continua sendo visualizado apenas como um objeto possuidor de vida. A cabeça e o corpo são duas partes separadas que não se interagem, e os sentimentos, por sua vez, inexistem. No entanto, este corpo pode ser aproveitado, controlado e manipulado a todo e qualquer momento, até mesmo naqueles que é escolhido para participar.

A seriedade e a necessidade de se trabalhar o corpo, sob todas as perspectivas que a Educação Física infantil possibilita, estão diluídas diante do desconhecimento de pontos básicos e específicos desta disciplina como um todo e também, por todos. Quando falamos "por todos" queremos dizer não só os professores atuantes na pré-escola nos dias de hoje, mas também aqueles que se engajarão futuramente, e também por quem possibilita, dirige e coordena o seu funcionamento que é a estrutura vigente do sistema pré-escolar.

Uma estrutura que ainda não é capaz de visualizar a criança como um ser que pensa, que percebe, que tem vontades e necessidades não só mentais, mas muito mais corporais. Como é difícil para essa estrutura entender que o corpo quando brinca, joga e pula também aprende, memoriza e, principalmente, sente a relação do seu ser com o mundo. Essa estrutura acredita que agindo da maneira como age estará formando homens completos, ou melhor, inteligentes e produtivos. Para quem homens sensíveis e críticos num mundo em que os valores humanos são determinados pelo ter e pelo poder?

Detectamos que nos momentos em que as crianças se envolvem com o corpo, de maneira global e integrada, o prazer, a motivação e o empenho são visíveis. Assim, as vivências corporais possibilitam às crianças conhecer e descobrir as coisas, as pessoas e o meio com mais sensibilidade e atenção, e o processo ensino-aprendizagem vai acontecendo fruída e continuamente, podendo evitar imposições, cobranças e tensões que, normalmente, acontecem na relação professor-aluno-escola.

Os professores pré-escolares revelam-se muito distantes e incapazes de perceberem e interpretarem o potencial do corpo em se soltar para se comunicar com o mundo-escola.

Neste momento, tomamos a liberdade de responder uma questão que nos aflige desde o início do nosso estudo: a Educação Física na pré-escola existe? Constatamos, nestas pré-escolas pesquisadas que Educação Física enquanto disciplina, ou seja, composta por objetivos e conteúdos próprios para serem desenvolvidos de acordo com a faixa etária que a criança se encontra, praticamente inexiste. Encontramos alguns poucos momentos onde o corpo tinha chance de participar e se envolver integralmente para ser-ao-mundo e ser-no-mundo.

Mais uma vez pensar... pensar e acreditar que o corpo se comunica com o mundo em todos os instantes e de diferentes formas, sem pedir licença se pode ou não; então vamos atentar para esse nosso corpo que fala e se expressa e para o corpo do outro com quem ele conversa.

Pensamos: este trabalho acabou? Diante do que nos propusemos fazer e escrever ele acabou, mas em função de tudo o que refletimos e

discutimos nestas páginas poderem sugerir novos e diferentes estudos relacionados à Educação Física infantil, como uma das peças fundamentais na formação do homem como um ser-no-mundo, sabemos que não termina aqui.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, M. & KRAMER, S. "O rei está nú": um debate sobre as funções da pré-escola, in Caderno Cedes, 3a. ed., Campinas, 1991, no. 9.
- ALVES, R. Bolinhas de gude, bolhas de sabão. Correio Popular, Campinas, 04 de Junho de 1991.
- _____. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortez, 1985.
- _____. A gestação do futuro. 2a. ed. Campinas, Papyrus, 1987.
- ARANTES, V. J. Ação psicodramática em sala de aula. Campinas, 1993. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de Campinas.
- BAZARIAN, J. O problema da verdade. São Paulo, Símbolo, 1980.
- BERGE, Y. Viver o seu corpo: uma pedagogia do movimento. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico, in: MORTENSEN, D. C. (Org) Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo, Mosaico, 1980.
- BORGES, C. M. A educação física na vida das crianças: significados, in Revista da Educação Física / UEM, Maringá, 3 (1): 62-65, 1992.
- CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1987.
- DAVIS, F. A comunicação não verbal. São Paulo, Summus Editorial, 1979.
- DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo, Atlas, 1985.
- ECO, U. A estrutura ausente. São Paulo, Ed. da USP - Perspectiva, 1972.,
- FAST, J. A linguagem do corpo. São Paulo, Martins Fontes, 1970.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2a. ed., 19a. impressão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo, Scipione, 1989.
- _____. Educação física. Nova Escola. São Paulo, ___ (42): 10-18, Set., 1990.
- _____. De corpo e alma: o discurso da motricidade. São Paulo, Summus, 1991.

- _____. Métodos de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...), in MOREIRA, W.W. (Org.) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992.
- GAIARSA, J. A. O que é corpo. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- GALLAHUE, D. L. Developmental physical education for today's elementary school children. New York, Macmillan Publishing Company, 1987.
- GIORGI, A. A psicologia como ciência humana: uma abordagem fenomenológica. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.
- KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil - a arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.
- LE BOULCH, J. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- _____. Rumo a uma ciência do movimento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- LUDKE, M. & ANDRE, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU-EDUSP, 1986.
- MARCELLINO, N. C. Pedagogia da animação. Campinas, Papirus, 1990.
- MACHADO, M. L. A. Pré-escola é não é escola: a busca de um caminho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- MARCONDES, E. (Coord.) Pediatria básica. 4a. edição. São Paulo, Sarvier, 1974, (vol.I).
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. A. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo, Ed. Moraes / Educ, 1989.
- _____. Estudos sobre existencialismo. fenomenologia e educação. São Paulo, Moraes, 1983.
- MEDINA, J. P. S. A educação física cuida do corpo ... e mente. 7a. ed., Campinas, Papirus, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1971.
- _____. Fenomenologia de la percepcion, Trad. Jen Cabanes, Barcelona, Ed. Península, 1975.
- MIOTTO, G. M. S. Linguagem corporal de expressão da criatividade e seu (des)envolvimento na educação física. Campinas, 1991. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas.

- MORAIS, R. DE. Consciência corporal e dimensionamento do futuro, in: MOREIRA, W. W. (Org) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992.
- MOREIRA, W. W. Corpo vivido - corpo pensado: o corpo nas mãos dos profissionais da educação física. Campinas, 22/10/92, s. p. (mimeografado).
- _____. Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1991.
- _____. Educação física de 1o. grau: 1a. a 4a. série, in: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, 7 (2): 75-79, 1986.
- _____. Por uma concepção sistêmica na pedagogia do movimento, in: MOREIRA, W. W. (Org) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992.
- MORTENSEN, D. C. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo, Ed. Mosaico, 1980.
- NORONHA, R. As múltiplas determinações da deficiência visual em escolares da pré-escola do estado de São Paulo. Campinas, 1993. Tese (doutorado). Faculdade de Educação UNICAMP.
- PELLEGRINO, H. A construção da alegria. Jornal do Brasil. s.n.t.
- RECTOR, M. & TRINTA, A. R. Comunicação do corpo. São Paulo, Atica, 1990.
- REZENDE, A. M. DE Concepção fenomenológica da educação. São Paulo, Cortez, 1990.
- RHODEN, T. H. O conhecimento das partes do corpo na estruturação do esquema corporal em pré-escolares de 3 a 6 anos de idade., in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, 10 (3): 38-45, 1989.
- ROSALEN, M. A. DE S. A educação pré-escolar em Piracicaba. Piracicaba, 1990. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação Universidade Metodista de Piracicaba.
- ROSEMBERG, F. et alii. Creches e pré-escolas. São Paulo, Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- SANCHES GAMBOA, S. Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas. Campinas, 1987. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação UNICAMP.
- SANTIN, S. Educação física: outros caminhos. Porto Alegre, EST, 1990.
- _____. Perspectivas na visão da corporeidade, in: MOREIRA, W. W. (Org) Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992.

- _____. Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade. Ijuí, Unijui Ed., 1987.
- SANTOS SILVA, S. A. P. DOS. Consciência profissional de professores de educação física da secretaria municipal de esportes, lazer e recreação de São Paulo. São Paulo, 1991. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SERGIO, M. Para uma epistemologia da motricidade humana. Lisboa, Compendium, 1987.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 15a. edição, São Paulo, Cortez, 1989.
- SOUZA, P. N. P. Pré-escola: uma nova fronteira educacional. São Paulo, Pioneira, 1979.
- STOKOE, P. & HARF, R. Expressão corporal na pré-escola. São Paulo, Summus, 1987.
- VAYER, P. O diálogo corporal: a ação educativa para a criança de 2 a 5 anos. São Paulo, Manole, 1989.
- _____. & MATOS, M. P. M. H. DE. Diálogos com as crianças na creche e no jardim da infância. São Paulo, Manole, 1990.
- _____. & RONCIN, C. Psicologia atual e desenvolvimento da criança. São Paulo, Manole Dois, 1990.
- _____. & TOULOUSSE, P. Linguagem corporal: a estrutura e a sociologia da ação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- WINTERSTEIN, P. J. Motivação e educação física. Campinas, s.d. 19 p. (mimeografado).